

Tiago André Serra Romana

Histórias de Vida e Relatos Biográficos – A (s) realidade (s) dos  
arrumadores de carros na cidade de Faro



Universidade do Algarve

Escola Superior de Educação e Comunicação

2016

Tiago André Serra Romana

Histórias de Vida e Relatos Biográficos – A (s) realidade (s) dos  
arrumadores de carros na cidade de Faro

Mestrado em Educação Social  
Trabalho efetuado sob a orientação do  
professor doutor Joaquim Arco



Universidade do Algarve  
Escola Superior de Educação e Comunicação  
2016

**Histórias de Vida e Relatos Biográficos – A (s) realidade (s) dos arrumadores de carros  
na cidade de Faro**

**Declaração de autoria do trabalho**

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

---

Nome

«Copyright», Tiago André Serra Romana: “A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.”

## Dedicatória e agradecimentos

Venho por este meio prestar os meus agradecimentos em primeiro lugar, ao meu orientador, o professor doutor Joaquim Arco, cuja disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas, quer de orientação, quer de retificação da presente investigação, esteve sempre presente e prestou uma orientação exemplar, visto que desde o início deste projeto nunca perdemos o contato e o professor esteve sempre disponível a ajudar da forma mais clara e eficaz.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer à minha mãe, Paula Serra, que conseguiu estabelecer contato com a subchefe, Leonor, representante da Polícia de Segurança Pública de Faro e permitiu a integração valiosa desta participante, que revelou-se importante para a interpretação, triangulação e chegar a conclusões.

Em terceiro lugar, queria também agradecer à doutora Vanda Balaia, técnica superior nos serviços de ação social da câmara municipal de Faro, que tal como aconteceu com a PSP, revelou-se importante enquadrar os serviços de ação social no estudo, pelos mesmos motivos supra mencionados e portanto, um grande obrigado.

Gostaria de agradecer em especial todos os participantes nesta investigação, desde os arrumadores de carros aos membros da sociedade civil, Francisco, Adelino e Andreia, pois sem a participação destes elementos este projeto não teria sido possível.

Finalmente gostaria de agradecer ao setor dos audiovisuais, da Escola Superior de Educação e Comunicação, nomeadamente ao Rui e suas colegas, por todo o equipamento emprestado, mais concretamente recursos materiais de captação de áudio, sem os quais não teria sido possível a realização dos relatos biográficos, entrevistas e respetivas transcrições literais.

## Índice

RESUMO.....	v
ABSTRACT.....	vi
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	5
1.1. Caracterização do arrumador de carros.....	5
1.2. Pobreza e Exclusão Social.....	7
1.3. Preconceitos Sociais.....	12
1.3.1. Construção e desconstrução do preconceito e estigma social.....	12
1.3.2. Os mecanismos do preconceito.....	14
1.3.3. As relações entre preconceito-imagem e racionalização do outro.....	17
1.4. Políticas Sociais.....	19
1.4.1. Respostas locais dirigidas aos arrumadores de automóveis.....	19
1.4.2. Políticas Públicas.....	21
1.4.3. Respostas sociais.....	22
1.5. Desemprego.....	23
1.5.1. Riscos de criminalização ou erradicação provenientes do desemprego.....	24
CAPÍTULO II – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	26
2.1. Objetivos da investigação.....	27
2.2. Definindo o paradigma: paradigma interpretativo.....	28
2.3. Opções metodológicas.....	29
2.4. Técnicas de pesquisa empírica.....	31
2.4.1. Relato Biográfico.....	31
2.4.2. Entrevista Narrativa.....	32
2.4.3. Entrevistas semidiretivas.....	36
2.4.4. Pesquisa Documental.....	38
2.4.5. Etnografia e Observação.....	39
2.5. Caracterização sociodemográfica dos arrumadores de carros.....	42
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	44
3.1 – Histórias de vida dos arrumadores de carros.....	45
3.1.1. António Pereira.....	45
3.1.2. Carlos.....	46
3.1.3. João Negrão.....	46
3.1.4. Hélder.....	47

3.1.5. Quintério de Jesus .....	48
3.1.6. Manuel Diogo .....	49
3.1.7. António Negrão.....	49
3.1.8. Jorge Manuel.....	50
3.2. Identidade do arrumador de carros .....	50
3.2.1. Observações do investigador .....	54
3.3. Categorias de análise .....	54
3.3.1. Infância: .....	54
3.3.2. Adolescência .....	56
3.3.3. Profissão - O que é ser arrumador de carros? .....	56
3.3.4. Profissão de sonho/Sonhos/Profissões Anteriores .....	59
3.3.5. Escola.....	60
3.3.6. Relações com colegas arrumadores .....	62
3.3.7. Relação com a câmara municipal, PSP e sociedade civil .....	63
3.3.8. Percursos internacionais/emigrações/migrações.....	65
3.3.9. Família .....	67
3.3.10. Necessidades/Condições de Vida/Subsídios.....	69
3.3.11. Amizades/relacionamentos amorosos .....	71
3.3.12. Perspetiva para o Futuro .....	72
3.3.13. Epifanias/episódios de vida.....	73
3.4. Características da atividade de arrumação de carros .....	76
3.5. Na perspetiva da sociedade civil .....	78
3.6. Na perspetiva da Polícia de Segurança Pública.....	79
3.7. Na perspetiva da Câmara Municipal de Faro .....	81
3.8. Perceção relativamente às respostas/ apoios sociais.....	84
3.9. Discussão final dos dados.....	85
3.9.1. Preconceito.....	86
3.9.2 Desemprego .....	88
3.9.3.Apoios Sociais .....	92
3.9.4.Competências, <i>Empowerment</i> , Cidadania e Inclusão. ....	96
3.9.5. Perspetivas futuras .....	98
CONCLUSÕES.....	99
Referências .....	104
Anexos.....	109

## Siglas

Planos Nacionais de Ação Para a Inclusão (PNAI);

Estratégia Nacional para a Proteção Social e Inclusão Social (ENIPSA);

Plano Operacional de Resposta Integradas (PORI);

Rendimento Social de Inserção (RSI);

Teoria da Identidade Social (TIS);

Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS);

Movimento de Apoio à Problemática da Sida (MAPS);

Gabinete de Ajuda A Toxicodependente (GATO);

Câmara Municipal de Faro (CMF);

Polícia de Segurança Pública (PSP);

## **RESUMO**

**Título:** Histórias de Vida e Relatos Biográficos - A(s) realidade(s) dos arrumadores de carros na cidade de Faro

Esta investigação, de carácter qualitativo, tem como base relatos biográficos dos arrumadores de carros em diversos parques de estacionamento na cidade Faro. A investigação pretende abordar e aprofundar a problemática em causa, procurando identificar e sinalizar as principais necessidades, bem como as competências e conhecimentos dos sujeitos do estudo. Desde estudo fazem também parte membros da polícia de segurança pública, da câmara municipal de Faro e membros da sociedade civil, portanto três grupos distintos, com a finalidade de triangular dados e chegar a conclusões. Os arrumadores de carros passam por necessidades a vários níveis desde económicas a sociais, sendo que os preconceitos sociais associados ao arrumador, não parecem corresponder à realidade. O desemprego é um dos principais motivos de arrumar carros passa a ser uma opção de vida, apesar de possuírem competências num leque diversificado de áreas. Com esta investigação pretende-se, também, desmistificar preconceitos, dando a conhecer quem são realmente estas pessoas e como é o seu quotidiano.

**Palavras-Chave:** Empowerment; Conscientização; Pobreza; Exclusão Social; Preconceitos Sociais; Desemprego; Políticas Sociais.

## ABSTRACT

**Title:** Life Stories and Biographical Reports – The realit(y)es of the Ushers cars in the city of Faro

This research, qualitative in nature, is based on biographical accounts of the Ushers car in several car parks in the city of Faro. The research aims to address and deepen the problem in question, seeking to identify and raise awareness about the main necessities, the skills and knowledge of the study subjects. This investigation is also supported by participants and collaborators from the public security police, the town hall of Faro and members of civil society, so three distinct groups, in order to triangulate data and reach effective conclusions. Ushers cars are in need at various levels from economic to social, and social prejudices associated with the activity, do not seem to correspond to reality. Unemployment is one of the main reasons why ushering cars becomes a way of life, despite their skills in a wide range of areas. With this research we intend to also demystify prejudices, getting to know who they really are and how they live their everyday lives.

**Keywords:** Empowerment; Awareness; Poverty; Social exclusion; Social prejudices; Unemployment; Social policies.

## INTRODUÇÃO

Com este estudo pretende-se conhecer melhor a problemática dos arrumadores de carros, mais especificamente os que trabalham em diversos parques de estacionamento espalhados pela cidade de Faro. O objetivo é conhecer as histórias de vida destas pessoas, recorrendo a relatos biográficos, que permitam conhecer o percurso de vida dessas pessoas. Pretende-se encontrar explicações e desmistificar estereótipos que a população farenses parece ter sobre estes sujeitos, que frequentemente são alvo de preconceito e de exclusão social.

As razões que me levaram a escolher esta temática são diversas, desde ficar a conhecer realmente os arrumadores de carros, através da abordagem sobre o seu percurso biográfico até ao presente, com a finalidade de combater preconceitos e estereótipos sociais associados à figura do arrumador de carros. Esta temática é também um campo com potencial, visto que se verifica escassez de conhecimento, quer empírico, quer teórico, e penso que a presente temática vai ser um contributo à construção e complementação desse mesmo conhecimento. Outra razão que me levou a optar por este tema é a aparente desvalorização desta problemática. A presente investigação pretende ir além da construção de conhecimento. Pretende-se, em conjunto com os serviços de ação social num futuro próximo modificar a realidade social, intervir e melhorar as condições de vida dos participantes. Para tal torna-se então fundamental para uma ação coordenada, coesa e eficaz de modo a sinalizar e identificar as principais necessidades, bem como as condições de vida dos arrumadores de carros na cidade de Faro. Pretende-se portanto, construir e reconstruir o autoconhecimento e o conhecimento já existente, de modo a que seja um incentivo para outros investigadores abordarem e contribuírem também eles para a construção de conhecimento científico e intervenção social no campo de investigação presente neste estudo.

Pretendo com esta investigação compreender a realidade de cada um destes indivíduos, através da entrevista biográfica. De realçar que cada arrumador de carros é um indivíduo diferente do outro, com origens, valores e normas diversificadas, o que acaba por destacar a subjetividade de cada uma das histórias de vida dos participantes.

O desenvolvimento acelerado e, por vezes, descoordenado a que temos vindo a assistir nos últimos anos, bem como a crise económica e os impactos das medidas neoliberais têm tido repercussões nas sociedades e no modo de vida das pessoas, fazendo emergir novas formas de exclusão e de riscos sociais, a que os educadores sociais não podem ficar indiferentes. A subjetividade dos sujeitos sociais reflete diferentes padrões de percursos de vida diferentes,

experiências diferentes. Tendo como base as questões que resultaram do trabalho empírico realizado, esta investigação procura abordar problemas sociais. À crise do emprego costuma atribuir-se o papel principal na geração e na reprodução da pobreza e do pouco otimismo associado a esta questão, que durante o resto da década, pelo que as diferentes soluções que se sugerem, aparentam ser uma tentativa de resolução e não uma solução concreta do problema: redistribuição do trabalho, prolongamento da escolaridade, sistemas de pré-reforma, contenção da imigração ou complementos subvencionados aos salários.

A falta de dados relativos aos arrumadores de carros, às suas necessidades, à sua realidade, bem como o seu modo de viver, reflete a pertinência da realização de um estudo empírico que permita o conhecimento e o reconhecimento destes sujeitos, vulgarmente marginalizados, alvo de estereótipos, excluídos e que não têm as suas necessidades básicas atendidas. Daqui resulta a nossa pergunta de partida, que consiste em responder à questão: quem são os arrumadores de carros? Depois desta pergunta de partida surgiram outras: qual o seu percurso de vida? Família, amigos/namoros. Quais são as suas perspetivas para o futuro, quais as suas profissões de sonho, como se relacionam entre si? Como é que se relacionam com os clientes? Será que os estereótipos e preconceitos correspondem à realidade?

O presente estudo é relevante para as ciências sociais, na medida em que verificam-se contrastes sociais significativos, evidenciando-se também um leque diversificado e subjetivo de contextos, que apenas poderão ser interpretados e intervencionados através de uma abordagem qualitativa profunda, que permita compreender e interpretar, de modo a levar a cabo uma intervenção social coesa e eficaz, capaz de contribuir para a mudança e melhoria social. Não seria possível uma abordagem profunda e diversificada, sem ter em conta o método qualitativo, típico das ciências sociais. Tendo isto em conta, este estudo revela-se importante para as ciências sociais, nomeadamente para a construção de conhecimento e complementação das mesmas, é uma investigação que se junta ao mundo diversificado, subjetivo e complexo das ciências sociais e como tal pretende-se expandir. A presente investigação pretende não só aprofundar a problemática, como também procurar soluções para a resolver, com a finalidade de promover a mudança social através da coesão social e inclusão dos participantes, que como veremos são pessoas que possuem competências, têm múltiplos conhecimentos e capacidades profissionais e que devido ao desemprego e à falta de oportunidades, arrumar carros é a única solução. A presente investigação também tem relevância para a Educação Social e para o educador social, na medida em que, através da investigação e intervenção social existe a possibilidade de promover a conscientização dos participantes, a promoção da reflexão crítica,

a promoção da autoestima, a promoção da cidadania, a valorização e reconhecimento da importância e a urgência de abordar a temática. À Educação Social compete assegurar que os direitos, os deveres, o exercício da cidadania, bem como a integração e participação na sociedade destes indivíduos são assegurados. O presente estudo convida os leitores a ver o “outro lado da moeda” e que cada caso é um caso, não existem generalizações, não proliferam abordagens positivistas, mas sim a diversidade, a subjetividade, até porque ainda existe um grande caminho a percorrer e penso que este estudo pretende encurtar esse caminho. À Educação Social este estudo poderá suscitar o interesse dos meus/minhas colegas em continuar a investigar ou até mesmo intervir no terreno, pois como veremos existem diversos meios e campos que o educador social poderá optar por levar a cabo sob a forma de trabalhos de intervenção multidisciplinares suscetíveis de mudança social.

Ao desenvolverem os seus objetivos específicos, as ciências sociais não podem perder de vista a coexistência permanente, inevitável e fundadora, da multiplicidade dos ângulos de observação e dos quadros interpretativos, o que as prepara para transmitir a relação com o saber e a dúvida que são os fundamentos do espírito científico em qualquer domínio em que ele se exerça. Para as ciências sociais este trabalho pretende também contribuir com a formação dos cidadãos, futuros profissionais, qualquer que seja o ramo em que venham a desenvolver a sua atividade. Por outras palavras, os saberes teóricos das ciências em geral e das ciências sociais em particular, têm o dever de pensar as necessidades de campos de saber que estão fora delas, e estes campos de saber são também campos de atividades sociais, sejam elas profissionais, culturais, políticas entre outras. A produção de conceitos e de instrumentos de conhecimento no presente estudo tem como horizonte a sua inserção nas práticas sociais, políticas, económicas e esta finalidade deve ser pensada segundo duas modalidades. A primeira é a da análise das realidades profissionais que estruturam a atividade social e da sua cuidadosa descrição, a segunda é a da formação dos profissionais dos diversos domínios de modo a que possam mobilizar para as suas práticas e conhecimentos específicos produzidos pelas ciências sociais, ou seja, produzir saber sobre os contextos e as práticas sociais para a utilização desse saber.

Na procura de respostas para estas questões optámos por um estudo qualitativo, que tem como base o método biográfico. A presente investigação encontra-se dividida em quatro capítulos: enquadramento teórico, metodologia, ou seja métodos e técnicas utilizadas e ainda a apresentação, a discussão de resultados e por último as conclusões. No enquadramento teórico pretende-se fazer uma contextualização do problema de pesquisa, encetando para o efeito uma análise bibliográfica acerca do papel do educador social, das problemáticas de pobreza e

exclusão social, do desemprego, dos preconceitos sociais e do conceito de *empowerment*, como forma de consciencialização e capacitação dos arrumadores de carros.

O segundo capítulo refere-se à pesquisa empírica, onde apresentamos os objetivos de investigação, a estrutura metodológica, da qual constam elementos relacionados com o tipo de estudo, procedimento geral da recolha de dados, amostra e instrumentos utilizados. No terceiro capítulo são analisados os instrumentos utilizados. As narrativas foram examinadas com recurso à análise de conteúdo. Assim, procedemos à apresentação dos resultados da informação recolhida bem como à sua discussão. O último ponto será reservado às conclusões, onde serão apresentados os principais resultados, as limitações do estudo realizado, as implicações da investigação e sugestões para a intervenção, bem como as sugestões para futuros estudos nesta área.

## CAPÍTULO I

### 1.1. Caracterização do arrumador de carros

Desde sempre existiram pessoas a viver em situações precárias ou à margem da vida social. Se durante vários séculos foram encaradas numa perspetiva individualista e de responsabilização do indivíduo pela sua condição de mendigo ou vagabundo, e por isso, foram perseguidos, punidos ou condenados ao ostracismo (Bento & Barreto, 2002), atualmente, a mendicidade e a vadiagem não são punidas por lei (Decreto-Lei n.º 365 de 15 de Maio de 1976) e muitos destes indivíduos, como é o caso dos arrumadores de carros, são encarados como um problema social que envolve uma diversidade de situações sociais e individuais, que se caracterizam por serem pouco lineares e que aumentam cada vez mais o número de excluídos. Apesar disso, "não deixam de representar novos rostos da desviância", que sumarizam os medos e que facilmente são conotados de perigosos (Matias & Fernandes, 2009), mas que sempre existiram na cidade.

A figura do arrumador de carros surgiu no espaço público das grandes cidades no início dos anos 90, nomeadamente em Lisboa e Porto, oferecendo lugares de estacionamento em parques, praticas ou ruelas como estratégia de angariação de recursos. A proliferação deste fenómeno tem desencadeando sentimentos e reações contraditórias. Por um lado, sentimentos de insegurança e ações de controlo social (Matias & Fernandes, 2009) e, por outro lado, tem suscitado um olhar de lado (Pais, 2001) e ações de evitamento ou de estigmatização.

No contexto europeu parece não existir paralelo à figura do arrumador, no entanto, este tem correspondência no Brasil onde é denominado de flanelinha e encontramos ainda semelhanças às figuras que desenvolvem atividades no âmbito da economia informal, como é o caso dos *squeegee workers*, indivíduos que têm como principal fonte de rendimento a limpeza dos vidros dos carros e que proliferaram em muitas cidades dos EUA, Canadá e Inglaterra. Segundo Grady e Greene (2003), referindo-se ao caso específico do Canadá, esta prática surgiu na cidade de Toronto na década de 90, e se inicialmente era tolerada, com o crescimento do número de *squeegee workers* aumentou a preocupação com a reputação da cidade e o “alarme social” desencadeou uma série de medidas de controlo e tentativa de erradicação do fenómeno.

Em Portugal, a prática da arrumação de carros é considerada legal se for atribuída pelas câmaras municipais, se bem que a maioria dos arrumadores de carros que ocupam os parques de estacionamento nas cidades portuguesas o faz de forma ilegal, o que constitui, de acordo com a alínea f) do n.º 1 do decreto-lei n.º 310/2002, uma contraordenação que pode ser punida com

uma coima de 60€ a 300 €. Este decreto-lei atribui às câmaras municipais competências no licenciamento dos arrumadores de carros, concedendo-lhes dísticos anuais e definindo zonas de trabalho. No mesmo decreto-lei, supramencionado, compete-lhes ainda o dever de zelar pela integridade das viaturas estacionadas e alertar as autoridades em caso de ocorrência que as ponha em risco. Não obstante, a atribuição destes dísticos implica a apresentação do certificado do registo criminal e os mesmos só podem exercer a atividade se apresentarem o dístico, que os identifica como arrumadores. Com a publicação da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, foram transferidas para as juntas de freguesia competências de licenciamento de atividades até então cometidas às câmaras municipais. Nestes termos, passaram a ser objeto de licenciamento o exercício das atividades de venda ambulante de lotarias, arrumador de automóveis e atividades ruidosas de caráter temporário que respeitem a festas populares, romarias, feiras, arraiais e bailes organizados nas vias, jardins e demais lugares públicos ao ar livre.

Geralmente associados à toxicodependência e vistos como delinquentes ou marginais, os estudos sobre arrumadores (Pais, 2001., Nave, 2004., Silva, 1999) parecem sugerir a existência de um universo diversificado e flutuante constituído por múltiplas problemáticas. Dessas problemáticas podem-se enumerar os reformados, os inválidos, os miúdos de rua, os sem-abrigo, os doentes mentais, entre outros. A este propósito, e de forma a caracterizar o tipo de arrumadores, Pais (2001) num estudo etnográfico sobre os jovens arrumadores, classificou os indivíduos arrumadores em dois grupos diferentes: os credenciados, que antigamente usavam um chapéu de chapa como sinal de diferenciação e de *status* e que se subdividem em: legalizados, indivíduos que possuem um cartão de identificação concedido pela Câmara Municipal e que são geralmente reformados e oficializados, indivíduos que dizem ter autorização para arrumar carros, por parte de um arrumador legalizado ou de um determinado serviço, como bancos, companhia de seguros, entre outros e os não-credenciados jovens arrumadores considerados drogados e não credenciados. Estes estudos (Pais, 2001., Silva, 1999) evidenciam os vários fatores, dos quais se destacam o desemprego, o alcoolismo, a toxicodependência e as perturbações mentais que podem levar à condição de arrumador. Contudo, salientam ainda que a heterogeneidade de trajetórias de vida parece esconder algumas regularidades. A maioria dos indivíduos, “tem atrás de si processos de desfiliação crescente face ao trabalho, à escola, à família e amigos” (Silva, 1999). Nesta perspetiva, Pereira e Silva (1999) situam a figura do arrumador de carros ou do sem-abrigo, num processo de rutura dos laços sociais e isolamento social progressivo, que conduz a uma situação de exclusão social e à promoção de preconceitos sociais. A arrumação de automóveis surge, nesta conceção, como

estratégia de angariação de recursos de sobrevivência, em consequência da crescente instabilidade socioeconômica e do aumento das vulnerabilidades sociais que têm vindo a gerar um aumento considerável de sujeitos que sofrem de défice de integração social.

Por outro lado, a atividade de arrumação de carros pode ainda ser entendida como uma forma de resistência ao mundo do crime (Matias & Fernandes, 2009), de inserção no mercado de trabalho, ainda que informal (Gomes et al, 2008) ou de desistência pela sua condição de marginal. Sintetizando, a figura do arrumador emergiu no mercado informal no contexto urbano na década de 90, associado maioritariamente à toxicodependência e a outros processos de vulnerabilidade e exclusão social. Trata-se, portanto, de um grupo marginalizado, heterogénico e difícil de caracterizar pela diversidade de situações que alternam entre o desvio e a exclusão ou a delinquência e a pobreza e no quadro de uma sociedade onde as desigualdades sociais se encontram frequentemente nos mesmos lugares. Os parques dos biscates mostram bem o padrão dramático de uma estrutura social tripartida em que, de um lado, temos um segmento da população ativa, altamente qualificado e remunerado, com empregos estáveis e prestigiantes, de outro, temos trabalhadores sem emprego fixo, em situação de relativa precariedade e finalmente os desempregados estruturais, com trabalhos eventuais muito precários de que os arrumadores são um bom exemplo (Pais, 2001, p. 329).

## **1.2. Pobreza e Exclusão Social**

Pobreza e exclusão social não significam a mesma coisa. Embora haja muitas coincidências entre os dois conceitos, é possível ser pobre e não ser excluído e nem todos os excluídos são pobres. Mesmo “distintos, os dois conceitos visam atingir um conjunto de desvantagens que alguns indivíduos detêm, face a uma dada norma, definida em termos de satisfação de determinadas necessidades consideradas básicas ou, relativamente a um padrão social dominante de bem-estar” (Amaro, 2003, p. 15). Segundo Lévinas (1997), “o pobre” ou “o excluído” é visto sempre como alguém a quem falta alguma coisa, sendo que muitas vezes é o rendimento quando a pobreza tem como pano de fundo o problema da redistribuição de rendimentos, outra, como o trabalho, quando ocorre exclusão face ao mercado de trabalho e ao conjunto de recursos que proporciona e ainda, a autonomia e as competências culturais, se o discurso da pobreza salienta a condição moral da subclasse, umas vezes dependente, outras perigosas (Capucha, 2004, p. 38).

O conceito de pobreza é complexo, multifacetado e multidimensional, e a sua investigação implica o recurso e a complementaridade de várias ciências. Pode ser definida a

nível do indivíduo, do agregado familiar, da comunidade, da região ou mesmo do país. A conjugação dos diferentes níveis é importante, mas na prática as unidades de análise mais utilizadas na conceitualização da pobreza são os indivíduos e o agregado familiar (Pereira, 2000). Como se viu, as privações que levam à pobreza podem ser analisadas de diferentes pontos de vistas, que muitas vezes se complementam. A perspectiva sobre a subsistência da pobreza é pioneira nos primeiros estudos sobre a pobreza, que a defendiam a nível da subsistência (Rowntree, 1902., Bowley, 1901). Centra-se no rendimento e no consumo, que define uma linha de pobreza em termos absolutos e relativos ou segundo um determinado tipo de rendimento e/ou consumo, sendo considerados pobres os que estão abaixo desta linha. Esta perspectiva foi bastante criticada por defender as necessidades humanas apenas como físicas: o abrigo, a comida e o vestuário, sem contemplar as sociais e psicológicas, como por exemplo o desempenho, como defendem os autores Amaro (2003, p. 15), Capucha, (2004, p. 38), diferentes papéis sociais, que cada vez mais são considerados tão importantes e elementares como as necessidades físicas e, segundo Ferge (1987), pode ter a mesma força obrigatória. Contudo, esta perspectiva veio pôr em evidência um importante elemento a ter em conta na análise da pobreza, a desnutrição, que é um conceito fundamental nos países em desenvolvimento e mesmo em países desenvolvidos.

A abordagem centrada nas necessidades básicas considera que, para prevenir doenças, défice de nutrição e ignorância era necessário um nível mínimo relativamente a essas necessidades, como por exemplo a alimentação, o vestuário, o abrigo, a água potável, o saneamento básico, e a educação. Neste caso, a identificação da pobreza implica a definição de um conjunto de necessidades básicas e a análise da incapacidade em satisfazer minimamente essas necessidades. Segundo Pereira (2000), este é claramente um alargamento do conceito de subsistência, verificado a três níveis: o nível das necessidades, ultrapassando o leque mínimo à subsistência física, incluindo a educação como necessidade básica, o nível de análise, considerando as necessidades do indivíduo e do agregado familiar, bem como as da comunidade local, o nível dos recursos, deixando de se considerar apenas o rendimento para englobar outras categorias de recursos, como os fornecidos pelos serviços públicos.

O conceito de exclusão social, de origem francesa, surge no livro intitulado, *Les Exclus*, da autoria de Lenoir (1974), com a finalidade de expor os excluídos como aqueles indivíduos concebidos como resíduos dos trinta anos gloriosos de desenvolvimento. Segundo o autor, apesar do desenvolvimento económico, do crescimento e do bem-estar nas sociedades modernas, havia ainda um importante sector da população à margem do benefício desse

progresso. Segundo a União Europeia, em 1995, a exclusão é um processo mediante o qual os indivíduos e os grupos são total ou parcialmente excluídos de uma participação plena na sociedade em que vivem, vendo-se privadas de uma ou várias opções consideradas fundamentais para o desenvolvimento humano. A exclusão está relacionada com a insatisfação e o mal-estar de todo o ser humano, quando se encontra em situações nas quais não pode realizar aquilo que deseja e ambiciona para si próprio e para a sua família. Partindo deste ponto de vista, a exclusão teria uma certa carga subjetiva, apoiada em ações materiais. Será igualmente necessário recordar que, por vezes, a exclusão segue determinadas modas, hábitos ou ideias dominantes, na perspetiva do Centro Informático para Aprendizagem e de Recursos para a Inclusão Social. O Observatório Europeu sobre as políticas de combate à Exclusão Social considera que, “os indivíduos estão em situação de exclusão social, quando sofrem desvantagens generalizadas em termos de educação, formação profissional, emprego, habitação, recursos financeiros e as suas possibilidades de acesso às instituições sociais que asseguram essas oportunidades de vida são substancialmente menores do que as que o resto da população, essas desvantagens e reduzido acesso persistem ao longo do tempo” (Programa de Pobreza III, 1994).

Para Amaro (2003), a exclusão social é um conceito mais recente que o de pobreza e é entendida como o mais abrangente, considerando-se que há exclusão numa situação de falta de acesso às oportunidades oferecidas pelas sociedades. É um conceito multidimensional e exprime-se em vários níveis desde o ambiental ao cultural, ao económico, ao político e social. A nível individual manifesta-se em seis dimensões principais do quotidiano dos sujeitos sociais. Para Capucha (2004), estar em situação de exclusão social significa não possuir emprego, ou possuir emprego de má qualidade, mal remunerado, instável e inseguro, quase sempre sem condições de higiene e de segurança, possuir baixas qualificações, quase nulas ou obsoletas face às necessidades de adaptação social e às rápidas mudanças tecnológicas e organizacionais da sociedade do conhecimento, de ter experimentado o insucesso escolar ou carreiras escolares muito curtas e não aceder a oportunidades de atualização profissional e de formação ao longo da vida, bem como não possuir equipamentos e atividades culturais satisfatórias.

Estar em exclusão significa também, possuir um estatuto social desvalorizado, e uma identidade negativa, ser mais vulnerável às doenças e beneficiar dos piores cuidados de saúde, ou não beneficiar deles de todo. Significa ainda viver em habitações degradadas, ou mesmo nas ruas, não encontrar na família os apoios estratégicos que garantam suporte para projetos de vida estáveis a nível material, relacional, emocional e pertencer a comunidades onde predomina a

carência, a marginalidade, a violência e a pobreza, para além de não usufruir de rendimentos necessários a uma qualidade de vida digna. O que o levou a concluir que estar em situação de exclusão, não é ser um “não membro” da sociedade, mas sim um “não cidadão”, ou seja um membro da sociedade a quem foram retirados, objetivamente, direitos de cidadania, uma vez que o conceito de exclusão social se refere mais a uma dimensão relacional, enquanto ausência de integração social de indivíduos. Pereirinha (1996) defende que deve-se considerar um caso de exclusão social sempre que se verifique a falta de uma das seguintes quatro situações: a integração cívica, a integração económica, a integração social e a integração interpessoal. Bruto da Costa (1998), na definição dos tipos de exclusão social, tipo económico, define emprego precário como sendo instável, sem contrato, mal remunerado e/ou em más condições de trabalho.

A exclusão é assim abordada sob duas perspetivas: a exclusão dos sistemas sociais básicos e a perda de poder. Qualquer uma delas poderá conduzir a um problema de perda de cidadania, como é o caso dos arrumadores de carros que é, sem dúvida, a forma mais grave e complexa de exclusão social. Quando se fala de exclusão, a meu ver, é importante falar dos grupos de risco, pois existem pessoas e grupos mais propensos a sofrerem um processo de exclusão social. Fazendo um apanhado geral da literatura consultada sobre o tema, podem distinguir-se cinco grupos de risco. As pessoas com deficiências psíquicas e o seu agregado familiar são também passíveis de exclusão social. As suas habilidades e experiências não são aproveitadas nem reconhecidas como produtivas para o sistema. São várias as razões que podem levar a esta exclusão, por exemplo, quando não têm acompanhamento regular, quando não têm recursos económicos e educativos suficientes, quando são pessoas com problemas de comunicação, solidão e isolamento. As famílias destas, muitas vezes, são arrastadas para a exclusão devido à grande carga emocional e esforço, quando não têm apoio do sistema.

O grupo dos sem-abrigo, no qual podem estar inseridos ou não os arrumadores de carros, compreende o grupo social em que podemos incluir, aqueles sem recursos económicos, sem habitação, sem apoios sociais, com problemas de alcoolismo e drogas, com elevado índice de patologias mentais, com falta de acesso aos recursos sanitários e sociais, os isolados, os presos, os marginais entre outras categorias. Os sem-abrigo foram considerados por Bruto da Costa (1998), uma das formas mais extremas e visíveis de exclusão social, aquela em que o carácter da privação múltipla é patente e, por vezes, contrasta fortemente com o meio ambiente em que se apresenta. É, do ponto de vista técnico, das questões mais complexas e difíceis de resolver.

Segundo Bruto da Costa (1998), em Portugal uma boa parte dessas minorias sofre de dois ou três tipos de exclusão. Desses tipos de exclusão podemos mencionar a pobreza, que implica a privação por falta de recursos, a exclusão do tipo territorial, caracterizada pela habitação em bairros sociais, onde se concentra a população imigrante e cultural, não tendo necessariamente que tomar a forma de racismo e os aspetos culturais suscitam problemas de integração. Os desempregados de longa duração são aqueles que perderam o vínculo com o sistema social designado por mercado de trabalho. O emprego acaba por ser nos dias de hoje a melhor forma de integração social, porque para além de nos fornecer uma rede de ligações interpessoais, também nos dá o sentimento de participar na vida económica do país. Segundo Bruto da Costa (1998), o exercício pleno da cidadania implica e traduz-se, no acesso a um conjunto de sistemas sociais, acesso esse, que deve entender-se como uma forma de relação. Aquele conjunto de sistemas pode ser mais ou menos amplo, conforme o conceito de cidadania que esteja subjacente. Para reduzir e eliminar a exclusão de grupos sociais e avançar na conquista da integração, há que apostar em estratégias orientadas, tais como a participação social, o *empowerment* das populações, bem como a promoção da autoestima e da participação social.

A título de síntese pode-se dizer que, “o conceito de pobreza, analisado enquanto situação de escassez de recursos de que um indivíduo ou família dispõem para satisfazer necessidades consideradas mínimas, acentua o aspeto distributivo do fenómeno, bem como a maneira como os recursos se encontram distribuídos entre os indivíduos e/ou famílias na sociedade. Por outro lado, o conceito de exclusão social foca-se em aspetos relacionais do fenómeno, quando encaramos este conceito enquanto situação de inadequada integração social” (Pereirinha 1992, p. 170). O conceito de exclusão social enquadra algumas dimensões retratadas na evolução do conceito de pobreza. Concebe-se a pobreza como um dos fenómenos integrantes da exclusão social, sendo aquela mais uma forma do que o resultado desta última, uma vez que a exclusão abrange formas de privação não material, ultrapassando a falta de recursos económicos.

As problemáticas relacionadas a esses dois problemas, pobreza e exclusão social, converteram-se nos últimos anos a questões-chave para os organismos internacionais, quer sejam os governos de diversos países, os vários investigadores que se têm debruçado sobre essas problemáticas, ou os técnicos e intervenientes que procuram no terreno enfrentar e minimizar essas situações (Amaro, 2003). São problemas cada vez mais intolerantes e mais injustos, constituindo uma das maiores ameaças à paz, ao desenvolvimento do mundo, da

sociedade, do progresso e da coesão social. Segundo Dutrénit (1996), a luta contra a pobreza e a exclusão social deve garantir a individualidade de direitos fundamentais, bem como o acesso a todos esses direitos e reconciliar através de políticas públicas o desenvolvimento social, económico, a competitividade e a solidariedade. Implica também mudanças, quer no plano humano como no económico, a fim de permitir que pessoas em situação de pobreza e exclusão, se expressem e participem nesses exercícios, a fim de serem conscientes das suas experiências de vida, para que possam expor o seu ponto de vista sobre a sua própria situação.

As implementações das estratégias, assim como as políticas e instrumentos usados, devem ser escolhidas de acordo com as condições do país, pois não existem receitas universais, uma vez que as condições não o são. Só com um estudo aprofundado sobre as características e as causas da pobreza se conseguirá vislumbrar quais as estratégias, políticas e instrumentos mais adequados. Hoje falar de luta contra a pobreza é tratar de ajustar a nova definição do papel do Estado nos campos da proteção social, da economia e da inserção e promoção do emprego. Situa-se na era de novas práticas comunitárias e numa nova fase de luta, nunca terminada, pela equidade (Gama, 2004., Pereira, 2005), pela solidariedade e pela justiça social. As medidas que estimulam uma responsabilização coletiva partilhada entre os diferentes parceiros políticos, económicos e sociais, exigem a construção e a manutenção do que se pode chamar de tecido social relacional sólido, para que se preserve e se fortaleça a identidade de todos e de cada um em todas as situações do funcionamento social.

### **1.3. Preconceitos Sociais**

#### **1.3.1. Construção e desconstrução do preconceito e estigma social**

A crescente sensibilização dos investigadores sociais para com a compreensão da multiplicidade na unidade, isto é, das "múltiplas faces do povo que é um" (Dussel, 1993) e especificamente com a visibilidade da violência nas diversas relações sociais, associou-se à proliferação de movimentos sociais de afirmação identitária, em sociedades acostumadas a silenciar as diferenças, os particularismos e as singularidades até então vividos sob intensas formas de discriminação. Tais movimentos revelaram o início de uma nova fase de reivindicações sociais, expressas nas demandas dos direitos socioculturais pelo respeito à diferença e à alteridade como partes constitutivas dos direitos humanos, bem como da reflexão e do debate no campo das ciências sociais.

A questão da pobreza, produto da dinâmica perversa do sistema socioeconómico, foi também compreendida pelas ciências sociais de forma própria. Embora não se trate de minimizar o fenómeno em si que leva as pessoas a enfrentar carências materiais, ressaltaram-se outras nuances, tais como o preconceito em relação ao estado/condição de ser pobre, que se traduz em discriminações e exclusões dessa população, disfarçadas sob outros atributos de contaminação (Douglas, 1991) através de novas formulações, assim como através da absolutização da herança específica própria de ser pobre (Taguieff, 1987).

De fato, o que leva à discriminação e à exclusão não é a situação de carência material em si, mas o preconceito direcionado às pessoas carentes. Isso gera diversas formas de abordagem e tratamento, traduzindo o risco de "contaminação", que potencialmente essas pessoas representam. Não há dúvida de que, nesse caso, é o preconceito o gerador da discriminação e da desigualdade que exclui o aspeto distintivo e formativo do ordenamento moral da sociedade, na busca que nega uma ética de igualdade ou de reciprocidade (Reis, 2000). A noção de diferença pode compreender mais do que uma lógica. É uma realidade empírica, manifesta-se no quotidiano, ou seja, uma lógica que organiza e que ocorre na vida concreta e ao mesmo tempo pode ser uma atitude política presente que reivindica um projeto de mudanças, com consequências positivas para a vida em geral, ou ainda pode ser um simples instrumento de manipulação ou de dominação.

Partimos da crença de que o preconceito pode ser uma "máquina de guerra" (Taguieff, 1987), presente nas relações sociais quotidianas. O preconceito, frequentemente incorporado e acreditado, é o núcleo e o reprodutor mais eficaz da discriminação e de exclusão e portanto da violência. Embora seja uma categoria de difícil definição, remetemo-nos à sua definição semântica, social e antropológica. Tecer preconceito sobre determinada coisa, significa elaborar juízos de valor prematuros inadequados sobre algo em questão. O indivíduo portador de preconceito deve inevitavelmente poder causar algum prejuízo ao sujeito vítima do dito preconceito (Taguieff, 1987), considerando que há um julgamento prévio. Para outros autores, não se trata de julgamento em relação ao outro, mas de conhecer o outro.

O texto clássico de Erving Goffman (1988) contribui para a reflexão sobre o preconceito a partir da categoria de estigma. Para Goffman (1988), o estigma é a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena. O termo estigma será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade

de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso, nem desonroso (Goffman, 1988:7-13). O preconceito, assim, constitui-se através de um mecanismo eficiente, cuja lógica pode atuar em todas as esferas da vida. Os múltiplos preconceitos de gênero, de cor, de classe, entre outros, têm lugar tipicamente, mas não exclusivamente, nos espaços individuais e coletivos nas esferas públicas e privadas. O preconceito contrapõe-se às qualidades do caráter, como a lealdade, o compromisso, a honestidade, os propósitos que afirmam valores atemporais e as regras éticas. As exigências nos espaços de trabalho evidenciam a vulnerabilidade e a manipulação dos componentes do preconceito. (Goffman, 1988., Sennett, 1999).

Às vezes de difícil percepção, o preconceito introduz-se nas formas de vida quotidiana, introduzindo-se pelos espaços de trabalho, associando-se a certos tipos de ocupação (Goffman, 1988), colocando-se em circulação através de imagens, representações e situações. A categoria do preconceito, no geral, tem atribuição negativa de descrédito na sociedade. Estudos mencionam este fenómeno, vinculando-o à discriminação e à exclusão e contribuíram para trazer à luz uma realidade relativamente oculta, que se torna cada vez mais consciente e concreta para um maior número de pessoas. Isso permitiu que as vítimas de preconceito nomeassem finalmente o seu sofrimento, passando desse modo a lutar contra os preconceituosos, de modo a que compreendessem os efeitos nocivos das suas atitudes.

### **1.3.2. Os mecanismos do preconceito**

O preconceito como forma de conhecimento do outro pode ser abordado como psicodinâmica ou como problema sociomoral. Há autores que consideram que toda a forma de conhecimento do outro pode ser preconceituoso, o que significa que há uma inferência e que, portanto, o preconceito como forma de relacionamento social baseado em formas de violência não existiria. De fato, se toda a apropriação da diferença é preconceituosa, não existiria fundamento violento das e nas relações sociais (Taussig, 1993). Nessa direção, Michael Taussig (1993) argumenta que, toda a construção da diferença é preconceituosa. O preconceito é visto como uma forma de construção do outro, de uma diferença a partir da própria neutralização desse outro/diferente. Assim, conferir significados ao *outro* é um processo que se dá devido à eliminação da resistência, que esse outro pode representar e operar. O imaginário é uma categoria presente no pensamento do autor, segundo o qual a imaginação é um ato de todo o corpo e não ocorre somente na dinâmica do pensamento. Não se constrói uma imagem pensando, ensaia-se a imagem de uma pessoa no próprio corpo. Ou seja, para Taussig, a noção

de preconceito não o lembra ninguém, mas faz tornar alguém disponível no seu próprio corpo à imagem de outra pessoa. Isso implica um moldar-se para ser incorporado de alguma forma pelo *outro* (Taussig, 1993).

O mesmo defende ainda que todos fazemos incorporações e somos incorporados, havendo um jogo de reciprocidade nesse contexto. Trata-se de uma noção que vai além do jogo da dominação/dominado ou do dominado/dominador. O pensamento não passa apenas pela esfera do racional, o pensamento aglomera o corpo inteiro. Por outras palavras, o preconceito é uma forma de pensar e de conhecer. Todas as formas de conhecer o *outro*, as diferenças, passam necessariamente pelo preconceito em razão de que o “eu” não pode jamais se apropriar do *outro*, daquele que representa a diferença. Isso não implica porém, que todos os preconceitos sejam discriminatórios (Taussig, 1999).

Esta definição defendida por Taussig (1999) destaca que o preconceito traz, *a priori*, implícita uma certa ideia do *outro*, desde a moral, a estética, o género, a cultura. Ideia essa, que assenta na bipolaridade entre o bem e o mal, que normaliza as condutas ao ancorá-las na ordem moral vigente. Para o autor, a definição básica do preconceito está na construção do outro-diferença. O preconceito caracteriza-se então pelo conteúdo de uma atitude interior de um sujeito que viola os atributos e as qualificações em relação ao outro sujeito, estabelecendo o funcionamento cognitivo e os contatos percetivos de forma equivocada e traumática, portanto, pondo sempre à prova as capacidades e os recursos simbólicos do *outro*.

Quando essa atitude ou esse ato-pensamento denota ou estabelece a distinção entre ou sobre o *outro* (s) configura-se como discriminação, pois gera-se necessariamente o tratamento diferencial. Goffman (1988), ao abordar o estigma como uma forma de discriminação refere duas categorias: a condição de desacreditado e a condição de desacreditável. A primeira pode compreender três tipos de estigmas diferentes: as abominações do corpo, os aspetos físicos, o carácter individual percebido como fraco, as paixões tirânicas ou não naturais, falsas crenças e desonestidades, vícios, alcoolismos, a homossexualidade e os estigmas tribais de raça, nação e religião que podem ser transmitidos através de uma linhagem e “contaminar” igualmente todos os membros de uma família (Goffman, 1988, p. 14). Todos esses estigmas são de uma forma ou de outra expostos pelo (s) indivíduo (s) nos processos de socialização e nas interações sociais. Desses processos e contatos sociais decorrem medo, vergonha, humilhação, impureza, contaminação, entre outros.

A condição de desacreditável é sugerida por Goffman (1988), quando “a pessoa/indivíduo não demonstra uma qualidade diferente e que não mereça importância especial”. Ou seja, quando a diferença não é imediatamente aparente, perceptível ou que dela não se tenha conhecimento prévio. Um analfabeto, por exemplo, passa a ser uma pessoa “desacreditável” e não desacreditada. Enquanto no primeiro conjunto há uma exposição dos estigmas, no segundo não há explicitação. Como bem destacou o autor, “a questão que se coloca não é a da manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais, mas sim da manipulação de informação sobre o seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo, contá-lo ou não contá-lo, revelá-lo ou escondê-lo, mentir ou não mentir e em cada caso, para quem, como, quando e onde” (Goffman, 1988, p. 14).

Se para Taussig parece haver um maior jogo de reciprocidades, portanto de interações, para Goffman o estigma como forma de preconceito discriminatório, centra-se mais na qualidade diferencial que se mostra à informação social e em relação à qual as reações podem ser tanto diversas como específicas, conforme a natureza da apropriação individual e social que é feita do preconceito. De uma perspectiva ou de outra, o preconceito caracteriza-se como sendo uma forma arbitrária de pensar e de agir, no sentido de que é exercido como uma forma racionalizada de controlo social, que serve para manter as distâncias e as diferenças sociais entre um sujeito e outro ou o/um grupo. Tal forma de pensar acarreta práticas e atribuições arbitrárias, destacando os traços de inferioridade, baseados em argumentos que pouco têm a ver com o verdadeiro comportamento das pessoas que são afetadas pela discriminação.

Ao contrário de Taussig, pensamos que o preconceito pode ser uma forma violenta de se relacionar com o *outro* diferente, imposta pela modernidade. Dussel (1993) interpreta nesta dimensão, um tipo de relação que se estabelece entre o velho mundo e o novo mundo por ocasião da conquista. Do ponto de vista do autor, a modernidade fez com que a civilização ocidental se autodefinisse como universal e dominante e se projetasse a si mesma sobre a América Latina, e ao mesmo tempo considerasse justo e bondoso sacrificar os habitantes do novo mundo perante o deus da modernidade. Essa visão eurocêntrica que levou a sacrificar os povos nativos negou o direito à existência do *outro*, estrangeiro e diferente. Essa foi uma racionalidade particular, acreditando ser ética e moralmente superior às outras tidas como irracionalidades e portanto, impondo um dever ser e uma forma moral de viver aos restantes (Dussel, 1993).

O preconceito implica sempre uma relação social. Aparece como um modo de relacionar-se com o *outro*, diferente, a partir da negação ou desvalorização da identidade do outro e da supervalorização ou afirmação da própria identidade. É construído pelo “eu”, isto é, o tipo de subjetividade moderna representada pelo conquistador. No processo de produção identitária criam-se sentimentos de pertença ou de afastamento em relação a certos coletivos, o que gera uma dinâmica de inclusões e exclusões com base em semelhanças e diferenças. Acontece que essas inclusões e exclusões muitas vezes não indicam apenas diferenças ou singularidades, mas relações hierárquicas e poderes de raiz histórica com atributos fundadores, que definem para si o que é bom e o que é mau, o que é belo, o que é feio, o que tem valor e o que não tem.

A título de exemplo, se existe uma identidade racial dominante que define o que é belo e feio ou seja, os padrões estéticos, o simples fato de pertencer à raça dita dominante implicará ser valorizado do ponto de vista estético e vice-versa. O branco acreditará que é bonito e observará o padrão estético da raça negra como não-bonito, o negro possivelmente achará o branco bonito e se o padrão estético do branco predomina, os valores do negro poderão ser os valores daqueles que o negam pela sua diferença. O preconceito passa pela relação social, pela atribuição identitária e autoidentificação, que nega duplamente a diferença, seja como negação do *outro*, seja como auto negação. De mencionar que cada vez mais a diferença acaba por levar à marginalidade e o *outro*, o diferente, a se tornar estrangeiro dentro do seu próprio contexto e a passar a constituir uma ameaça.

### **1.3.3. As relações entre preconceito-imagem e racionalização do outro**

Para compreender algumas das manifestações empíricas do preconceito é necessário perceber como se constrói o outro-diferente nas dimensões sociológicas e simbólicas, que embora específicas, interagem como processos fundamentais na construção e na dinâmica do preconceito. "A marcação simbólica é o meio pelo qual damos significados a práticas e a relações sociais, definindo por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações das diferenças são “vivas” nas relações sociais" (Silva, 2000, p. 14). A base da construção da diferença passa pela construção da pré-noção do *outro*, o *outro* é o que não pode ser contido, que conduz para além de todo o contexto do ser (Lévinas, 1997).

O preconceito centra-se tanto nos traços anatômico-psicológicos clássicos, como também na esfera sociocultural e na imaginação simbólica. Dando relevo às características do

corpo, o preconceito vai além de uma narrativa, criando uma percepção, formulando uma representação. Cria-se uma ideia, a imagem do *outro*, que nem sempre corresponde à realidade. Ao pensar o *outro*, ativam-se e consomem-se todos os seus sentidos, porque o pensamento não é só racional, mas também, da imagem do *outro*. Existe um sentimento racionalizado e um pensamento corporificado. Pensar, é um ato entrópico, pois tem em conta a imagem integral do corpo.

São nos traços corporais, que se inscrevem as marcas da diferença, promotoras do preconceito. É sobre a imagem *do outro*, que se cria uma primeira impressão. A reação é em relação à diferença, refletida na construção categórica da figura do *outro*. A imagem de alguém tem sempre algum poder (Ellias, 1997). Não se trata da ideia de poder pela simples dominação, mas sobretudo pela “contaminação” que daí poderá advir. Se não se outorga algum tipo de poder em relação àquele que é diferente, então não há preconceito. Atualmente, a reivindicação das diferenças não se apoia apenas nos traços corporais e psicológicos clássicos, visíveis e definidos, como o sexo, o peso, o tamanho, a fisiologia reprodutiva, a velocidade, mas inclui-se ainda um conjunto de sentimentos, hábitos e práticas quotidianas, a solidariedade, a espontaneidade, a paciência, entre outros (Guillaumin, 1992).

Bourdieu (1979) na sua obra, *La distinction*, resumiu nos seguintes termos a sua análise das diferenças entre duas classes conforme a linguagem, os hábitos alimentares, o vestuário, a mobília, o consumo de práticas de lazer, além de outros aspetos de estilos de vida. Segundo o mesmo, "a identidade social consiste na diferença e a diferença é afirmada contra aquilo que é mais próximo e que representa a maior ameaça" (Bourdieu, 1979). Portanto, não é apenas qualquer teoria do poder e da violência que precisa ter em conta as pequenas diferenças, mas estas constituem-se em uma das bases fundadoras dos preconceitos discriminatórios. Uma condição para construir a manipulação do *outro*, produzindo e impondo a violência como um mecanismo de preconceito, é a introjeção do terror e a sua manipulação. O terror intrometido no *outro* é necessário para que haja preconceito. Ou seja, a imposição do terror necessita que o preconceito seja a base de construção do *outro*. Toda a construção do *outro*, do diferente, é feita através do preconceito, porque não pode-se apropriar dele e ao não apropriar-se do preconceito este neutraliza. Quem deixa de oferecer qualquer tipo de resistência corre o risco de sucumbir à dominação. A resistência deixa de ser significativa e passa a atribuir significado ao *outro*. Desloca-o da sua conduta física de existência, porque opera ou interfere de tal maneira nas suas fragilidades latentes ou ocultas, que acaba com as resistências que este, o discriminado, possa oferecer. Portanto, o preconceito anula e neutraliza o *outro* como algo ou fenómeno.

O preconceito, nas suas múltiplas manifestações pode ser extremamente nocivo, e geralmente o é, porque contradiz e impede a tendência moral da humanidade para a integração universalista e porque faz dos valores humanos, começando pela verdade, fatos arbitrários que exprimem a força vital da raça, da classe, do género, ou outra qualquer. Portanto, não tem substância própria e pode ser manipulado livremente para os fins mais violentos e diversos. Paradoxalmente, o distanciamento social promovido pela regulação dos comportamentos sociais e individuais na época moderna, e que deveria pacificar os relacionamentos, levou ao contrário. Isto é, a uma racionalização do *outro* que derivou de construções preconceituosas e violentas das diferenças a uma desumanização do corpo-mente.

## 1.4. Políticas Sociais

### 1.4.1. Respostas locais dirigidas aos arrumadores de automóveis

Tendo em conta que a problemática dos arrumadores concorre com outras problemáticas, no que diz respeito às políticas públicas em matéria de pobreza e exclusão social, importa ter presente as diretrizes e a recomendação da União Europeia. Assim, é de realçar a decisão dos Estados-Membros da UE, no Conselho Europeu de Lisboa (2000), reiterados posteriormente no Conselho de Nice (2000), de lutar contra a pobreza e exclusão social.

Fruto deste Conselho passaram a ser definidos os Planos Nacionais de Ação Para a Inclusão (PNAI), com o objetivo de definir as principais prioridades em matéria de inclusão social, que em 2006 passaram a estar incluídos na Estratégia Nacional para a Proteção Social e Inclusão Social (ENIPSA). Segundo Dias e Andrade (1997, p. 65), “crime em sentido criminológico será todo o comportamento, mas só aquele, que a lei criminal tipifica como tal”. A este propósito, Pais (2001) identificou nos relatos dos jovens arrumadores uma identidade própria expressa na expressão: “nós, os arrumadores” ou um quase-grupo (Matias, 2008).

No último PNAI 2008-2010 foi definida a necessidade de ultrapassar as discriminações e promover a inclusão social de vários grupos específicos, dos quais se destacam os sem-abrigo, grupo próximo dos arrumadores de carros, e para os quais se definiram medidas políticas. Dessas políticas surgiram a definição de planos individuais de inserção e implementação de um sistema de informação e monitorização do fenómeno sem-abrigo (PNAI, 2008, p. 58). No seguimento desta medida e da crescente preocupação europeia e nacional na definição e análise do fenómeno dos sem-abrigo, está em fase de implementação a Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-Abrigo (ENIPSA) 2009 – 2015, que visa levar a cabo uma mudança de paradigma na intervenção junto dos sem-abrigo, muitas vezes de essência assistencialista e reprodutora da situação, diagnosticando e acompanhando as pessoas em situação de sem-abrigo

numa abordagem integrada e “garantindo que ninguém tenha de permanecer sem alojamento condigno” (ENIPSA, 2009, p. 5).

Por sua vez, é ainda importante salientar as políticas públicas na área da toxicodependência, nomeadamente a recente implementação do Plano Operacional de Resposta Integradas (PORI), que se enquadra no âmbito do Plano Nacional Contra a Droga e a Toxicodependência 2005-2015, ao privilegiar a intervenção integrada no âmbito do consumo de substâncias psicoativas e no âmbito do Plano Nacional de Saúde 2004-2010 ao privilegiar a territorialidade e a intervenção integrada. O PORI pretende disseminar a prática da intervenção baseada em necessidades concretas a nível local, mobilizar recursos e potenciar as sinergias disponíveis através da implementação de Programas de Respostas Integradas (PRI). O PORI tem como orientações estratégicas a parceria, a participação, a integração e a territorialidade. Considerando os aspetos inovadores das novas políticas públicas em matéria de pobreza e exclusão social, saliente-se a tentativa de rutura com a intervenção dita tradicional e orientada para as situações extremas de exclusão social, ou seja, para os efeitos do disfuncionamento social. Neste contexto, a intervenção social junto dos arrumadores de carros implica ter presente não só as orientações políticas, mas também reequacionar um novo olhar e atitude para com estes sujeitos cujas trajetórias de vida são marcadas por sucessivas perdas, por outras palavras, “é necessário reequacionar e questionar as perspetivas em que olhamos a pessoa excluída e assistida que destacam as problemáticas, carências e défices” (Guadalupe, 2009, p. 109). Tendo presente os riscos do proibicionismo e, por outro lado, da legalização desta atividade, privilegiar as intervenções direcionadas para a resolução dos problemas efetivos destes indivíduos. Deixar de arrumar carros não resolve, por exemplo, o problema da toxicodependência ou da pobreza.

O PNAI 2008-2010 estabeleceu um conjunto de objetivos políticos prioritários para promover a inclusão social. Desse leque de metas surgiram as seguintes linhas de orientação: combater a pobreza das crianças e dos idosos, através de medidas que assegurem os seus direitos básicos de cidadania, corrigir as desvantagens na educação e formação/qualificação, ultrapassar as discriminações, reforçando a integração de grupos específicos, nomeadamente pessoas com deficiências e incapacidades, imigrantes e minorias étnicas (PNAI, 2009, p. 109).

### 1.4.2. Políticas Públicas

Em Portugal, a questão dos arrumadores de carros, à semelhança de outros problemas relacionados com a pobreza e a exclusão social, tem sido abordada localmente e frequentemente na perspetiva de combate ao sentimento de insegurança e de erradicação do problema, pelo que a resposta política de muitos concelhos tem sido o reforço do controlo policial e a proliferação de parquímetros (Pais, 2001., Matias & Fernandes, 2009). As primeiras ações para resolver o problema dos arrumadores de carros surgiram nas cidades onde este problema é mais visível, nas áreas metropolitanas do Porto e Lisboa. No Porto, recorde-se a intenção do autarca Rui Rio em 2002, que pretendia erradicar os arrumadores através do Projeto Porto Feliz. Este projeto, extinto em 2007, tinha como objetivo diminuir as zonas de exclusão, frequentemente ocupadas por arrumadores e sem-abrigo, restituir uma adequada qualidade de vida aos indivíduos excluídos, através da criação de equipas de rua de proximidade, uma equipa de vinculação e de respostas habitacionais e de reinserção em apartamentos, em centros de acolhimento temporários e em centros de atividades ocupacionais. Para além disso, apostou na sensibilização da opinião pública e no apelo à não contribuição dos automobilistas. Já em Lisboa, o poder autárquico, optou por conceder licenças e estipular os locais de arrumação de carros com base no decreto-lei n.º 310/2002 que atribui às Câmaras Municipais competências no licenciamento dos arrumadores.

Em 2011 a Câmara Municipal de Faro optou por conceder licenças a 17 arrumadores de carros e aplicar coimas a quem não respeitasse as normas. A Câmara Municipal de Leiria em conjunto com outras entidades tais como a PSP, a Segurança Social e a Comissão de Dissuasão da Toxicodependência implementou um projeto de integração de sete arrumadores beneficiários de Rendimento Social de Inserção (RSI) nas brigadas de jardinagem do município ao abrigo.

A propósito deste programa e em particular, sobre a vontade política de erradicar este fenómeno, Matias e Fernandes (2009, p. 10) referem que com esta medida, “a ação política legitimava a perceção circulante de que o arrumador, muito em razão da sua toxicodependência, constituía uma potencial ameaça e, por isso, teria de ser retirado ou forçado a sair das ruas”. Foram estabelecidas medidas, para aqueles que não se encontravam legalizados ou não respeitavam as normas de conduta. De entre essas medidas, é de mencionar a coima, que varia entre 60 a 300 euros (Diário de Notícias, 2011). Este projeto previa ainda um reforço da vigilância dos parques de estacionamento e uma campanha de sensibilização da população para “não dar moeda”, com a finalidade de acabar com esta atividade.

Nesta perspetiva, e tal como alertou Pereira e Silva (1999) as políticas públicas dirigidas aos arrumadores de automóveis alternam entre atitudes mais tolerantes e compreensivas, correndo o risco de perpetuar dependências, ou atitudes mais receosas e proibitivas, podendo desencadear o aumento da pequena criminalidade. Importa ainda salientar que a maioria dos arrumadores não tem os requisitos necessários para a sua legalização.

#### 1.4.3- Respostas sociais

As respostas sociais e serviços dirigidos aos arrumadores inserem-se num conjunto de respostas generalistas para pessoas em situação de pobreza e exclusão social, tais como o Rendimento Social de Inserção (RSI), serviços de ação social quer de instituições públicas quer de Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS). No que concerne ao RSI, apesar de se constituir como uma medida vocacionada para as situações de maior precariedade económica e social e de efetivamente em muitos casos cumprir o seu papel, dificilmente chega às situações extremas ou marginais, quer pelas exigências legais, é necessário o requerente ter morada, bilhete de identidade e inscrever-se no centro de emprego, quer pela lentidão dos procedimentos administrativos que desencorajam estes indivíduos já fragilizados ou desconfiados a completarem todo o processo. Por outro lado, “a ausência de referências no tempo, a desconfiança, até mesmo a penúria face aos serviços administrativos, a obrigação de se apresentarem sucessivamente em vários organismos para regularizar situações sempre burocráticas não facilitam, de igual modo, as diligências” (Paugam, 2003, p. 19).

Neste âmbito inserem-se ainda as equipas de rua, enquanto resposta social desenvolvida através de um serviço de proximidade com os indivíduos e o contexto em que se insere o fenómeno. Este tipo de intervenção permite o “estabelecimento de relações de proximidade com populações que não se deslocam a qualquer tipo de estrutura especializada” (Nave, 2004, p. 42). Atuam como mediadoras, facilitando o acesso a outras estruturas especializadas. Estabelecem o seu modo de atuação na rotina de passagem e no contacto direto com os indivíduos e o seu contexto, articulando-o com outros apoios e serviços. Tal como evidenciou Américo Nave (2004, p. 48), a experiência de terreno evidencia a necessidade de prosseguir e alargar este tipo de resposta uma vez que, “o conhecimento destes indivíduos sobre estruturas de tratamento, ação social e apoios pecuniários é deficitário ou mesmo nulo e verifica-se uma desacreditação nas mesmas”.

## **1.5. Desemprego**

Visto que o desemprego é um padrão comum partilhado por todos os arrumadores de carros, pensámos ser pertinente enquadrar o mesmo na presente investigação, para uma melhor compreensão e aprofundamento da problemática. O desemprego assume grande proporção nesta população, pelo que constitui e em particular o desemprego de longa duração, um fator de exclusão social (Capucha et al, 2002). A importância do trabalho nas sociedades modernas reside não só no rendimento que este proporciona, mas também como referência para o estatuto social e o estabelecimento de redes sociais e de solidariedade. A opção pela arrumação de carros é não só uma questão de sobrevivência, mas também uma forma de inserção no mercado de trabalho, ainda que informal (Gomes et al, 2008, p. 5). Para estes autores e na lógica dos direitos humanos, o trabalho é considerado um valor essencial para a dignidade humana, pelo que defendem que, “o trabalho enobrece e tonifica o sujeito economicamente ativo, em cidadão com identidade trabalhadora para efeitos de estabelecer, como consumidor, relações no setor económico”. A prática da arrumação de carros encontra-se associada por um lado, a uma forma de sustento próprio ou da família e por outro, como estratégia superadora “de dificuldades de acesso ao mercado de trabalho por motivo de doença ou invalidez ou, ainda, por insucesso na profissionalização” (Silva, 1996, p. 44).

De mencionar também a grande prevalência de situações marcadas pela precariedade laboral. A atividade profissional que agrega mais sujeitos antes e como atividade paralela à arrumação de carros é a dos pedreiros, carpinteiros e trabalhadores similares e situações de desemprego de longa duração, que associados a outros fatores tais como, perturbações mentais, consumo de estupefacientes, reformados, entre outros, conduzem à prática da arrumação de carros (Silva, 1996).

### **1.5.1. Riscos de criminalização ou erradicação provenientes do desemprego**

A atividade de arrumação de carros parece constituir-se como uma forma de regulação social, permite-se uma atividade ilegal para evitar “males maiores” como o roubo ou o aumento

da criminalidade. Contudo, parece ser uma atividade em extinção, ora pela proliferação de parquímetros, ora pelo aumento do controlo policial e da vontade política de "erradicação dos arrumadores" (Matias & Fernandes, 2009). Se essa continuar a ser a tendência, vários autores sugerem que estes sujeitos sociais irão, de facto, "cair na delinquência, agravando a sua condição de marginalidade" (Pais, 2001, p. 340), ao invés de contribuírem para a resolução dos problemas que conduzem estes indivíduos a adotarem esta atividade como, por exemplo, os problemas de toxicoddependência, o desemprego, questões burocráticas, o alcoolismo, família disfuncional e todo o conjunto de situações que fazem parte do percurso de vida dos indivíduos. O endurecimento das medidas repressivas conduz também ao afastamento dos problemas para as zonas menos visíveis da cidade, como são, por exemplo, os bairros sociais e para um agravamento dos processos de marginalização (Fernandes, 1998).

Os resultados de algumas destas medidas, nem sempre tomam a orientação pretendida, nem sempre correm como previsto. No primeiro mês registaram-se duas desistências, sendo que um deles regressou ao parque de estacionamento e ao outro foi atribuída pensão por invalidez. Havia ainda a intenção de prosseguir com pequenas ações de formação de acompanhamento e avaliação das medidas tomadas. Atualmente, algumas orientações levadas a cabo, passam por acolher indivíduos e colocar placas nos parques de estacionamento que passam a mensagem: "dar moeda não resolve a situação". De mencionar ainda a criação de projetos, que atribuíam uma imagem negativa aos arrumadores de carros, reduzindo-os a criminosos e, por isso, em nome da segurança pública teriam de ser erradicados, um meio mais extremo, com o intuito de promover a pressão social para a erradicação, por completo da presença destes indivíduos nos locais de trabalho.

No entanto, chegou-se à conclusão que medidas desta natureza não são capazes de erradicar totalmente a prática, apenas a deslocalizam, como é o caso dos *squeegee* (denominação atribuída no Canadá aos indivíduos que limpam os vidros das viaturas), que deixaram de estar visíveis ao olhar dos turistas no centro da cidade para agora desempenharem a atividade nos subúrbios e nas zonas de acesso às autoestradas. Esta medida agravou as condições de vida destes indivíduos e que privados de uma estratégia de angariação de recursos, muitos optaram por pedir esmola, vender drogas ou estão dependentes dos serviços sociais. Além disso, agravou-se a relação destes indivíduos com a polícia, consequência de uma maior vigilância e aumentou a possibilidade de estes serem punidos.

De forma semelhante, a par desta visão de tolerância zero do desvio (Matias & Fernandes, 2009), as políticas de intervenção das instituições que lidam com estes sujeitos sociais são ainda, frequentemente, orientadas para as situações extremas e para a satisfação de necessidades básicas, desvalorizando que existem outras necessidades, como por exemplo, a aposta na qualificação e formação profissional, a promoção de sentido de autonomia e autoeficácia, que quando satisfeitas poderão por si mesmas facilitar a satisfação de necessidades primárias” (Jesus & Menezes, 2010, p. 528).

## CAPÍTULO II – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Pouco se sabe sobre os arrumadores de carros. A informação que existe não pode ser considerada como a única fonte de conhecimento viável. Quer seja na internet, quer seja em artigos, revistas, entre outros, verifica-se que há pouca investigação nesta área. Sabe-se que arrumam carros para viver, para não roubar ou segundo alguns preconceitos para gastar em drogas e álcool. Tendo isto em conta, decidiu-se que era necessário realizar uma investigação que chegasse a resultados próximos da realidade, que só poderia ser elaborada, com a participação de arrumadores de carros, bem como de membros da sociedade civil, um membro da polícia de segurança pública e da câmara municipal, de modo a conhecer e aprofundar as perceções e as relações destes últimos com os arrumadores de carros participantes nesta investigação e chegar a uma conclusão.

Este estudo iniciou-se com uma abordagem da realidade a pesquisar, a definição dos objetivos do estudo, as questões específicas da pesquisa e as estratégias mais adequadas para obter a informação necessária (LeCompte & Preissle, 1993). O projeto de pesquisa descreve um conjunto flexível de linhas orientadoras que relaciona os paradigmas teóricos com as estratégias de pesquisa e os métodos de recolha do material empírico. Este projeto situa o investigador no mundo empírico e relaciona-se com contextos específicos, pessoas, grupos, instituições e materiais relevantes, nomeadamente documentos e arquivos, especifica a forma como o investigador dirige os dois fluxos críticos de representação e legitimação. No que se refere à estratégia de pesquisa, esta compreende um conjunto de capacidades, pressupostos, pressuposições e práticas que os investigadores aplicam à medida que passam do campo teórico ao campo empírico. As estratégias de pesquisa “põem os paradigmas de investigação em movimento” e simultaneamente colocam o investigador em contacto com métodos específicos de recolha e análise de material empírico que integram os estudos de caso, as técnicas fenomenológicas e etnofenomenológicas, o uso de métodos biográficos, históricos (Aires, 2011, p. 21).

A seleção das técnicas a utilizar durante o processo de pesquisa constitui uma etapa que o investigador não pode minimizar, pois destas depende a concretização dos objetivos do trabalho de campo. À semelhança do que acontece com as restantes etapas, esta tem também um carácter aberto e interativo. As técnicas de recolha de informação predominantemente utilizadas na metodologia qualitativa agrupam-se em dois grandes blocos: técnicas diretas ou interativas e técnicas indiretas ou não-interativas.

## 2.1. Objetivos da investigação

A revisão da literatura, efetuada no primeiro capítulo, foi significativa para a compreensão da realidade social dos arrumadores de carros e do seu estilo de vida, bem como as medidas que o educador social pode tomar, tal como o *empowerment* no decorrer da sua intervenção social, a fim de dar resposta às necessidades sociais identificadas. Neste enquadramento, propusemo-nos a fazer uma revisão bibliográfica com a acuidade que lhe é exigida, uma vez que os estudos e a bibliografia sobre esta temática são escassos ou não-fidedignos. A falta de dados relativos aos arrumadores de carros demonstrou a pertinência da realização de um estudo empírico, que permitisse ganhar conhecimento sobre este grupo particular de civis. Como vimos no primeiro capítulo, as diferentes teorias resultam de um trabalho empírico, através do qual foi possível orientar esta investigação, ao enaltecer a realidade e as dificuldades dos arrumadores de carros. O conjunto de conceitos resultou da análise dos relatos biográficos, através dos quais consegui ficar a conhecer realmente a realidade e as dificuldades destas pessoas.

Daqui resulta a nossa pergunta de partida, que permitiu a realização do estudo aqui presente: quem são os arrumadores de carros? Esta investigação pretende dar resposta à pergunta de partida e a outras. Esta investigação procura desmistificar preconceitos sociais, que marginalizam este grupo de indivíduos, pretende quebrar com o senso comum da sociedade civil, pretende saber qual é a perceção da polícia e da câmara relativamente ao objeto de estudo. Pretendemos com esta investigação a construção de conhecimento próximo da realidade destas pessoas, a forma como a polícia e a câmara lidam com os problemas e as necessidades destas pessoas. Por conseguinte a única maneira de ficarmos realmente a conhecer estas pessoas passará, por fazer uma recolha de conhecimento no local, sob a forma de fonte primária, só assim é que esta investigação poderia ser viável, com o contributo dos arrumadores de carros, de membros da sociedade civil, da polícia e da câmara.

Portanto, os objetivos gerais da presente investigação têm como finalidade, ficar a conhecer de fato os arrumadores de carros, abordando o seu percurso biográfico até ao presente, com a finalidade de combater preconceitos e estereótipos sociais associados aos arrumadores de carros, havendo também pouco conhecimento ou até desvalorização neste campo de investigação, que foi um dos motivos pelos quais decidi que os arrumadores de carros iriam ser o objeto de estudo, bem como sinalizar e identificar as condições de vida, as mais diversificadas

necessidades que estes indivíduos carecem, com o objetivo de intervenção nesses problemas/necessidades identificadas, uma intervenção que contaria com a participação e colaboração dos serviços de ação social da câmara municipal de Faro. É uma pesquisa, que pretende a criação de conhecimento empírico, que contribua para construção e reconstrução do autoconhecimento e do conhecimento já existente, que incentive outros investigadores não só a interessarem-se pelo tema, como também eles próprios contribuirão para a construção do conhecimento e intervenção social.

## **2.2. Definindo o paradigma: paradigma interpretativo**

Também designado por hermenêutico, naturalista, qualitativo ou ainda mais recentemente, construtivista (Creswell, 1994., Crotty, 1998., Guba, 1990) este paradigma tem as origens no século passado (Bogdan & Bilken, 1994). Segundo Flick (1998), o período designado por "tradicional" teria coincido com o nascimento da antropologia e a da sociologia de Chicago, embora só na década de 60 os cientistas sociais tivessem começado a mostrar verdadeiro interesse por abordagens de cariz interpretativo, aparecendo nos EUA os primeiros estudos subsidiados por entidades oficiais utilizando tais abordagens (Crotty, 1998., Mertens, 1998). As abordagens interpretativas/qualitativas identificam-se com a perspetiva fenomenológica patente dos trabalhos dos filósofos Edmund Husserl e Alfred Schutz, com o interacionismo simbólico de Herbert Mead e a etnometodologia de Harold Garfinkel.

Do ponto de vista ontológico, na opinião de Guba (1990), este paradigma adota uma posição relativista, havendo múltiplas realidades que existem sob a forma de construções mentais e sociais, experiencialmente localizadas, inspira-se numa epistemologia subjetivista que valoriza o papel do investigador/construtor do conhecimento, justificando-se por isso a adoção de um quadro metodológico compatível com as propostas de positivismo e das novas versões do pós-positivismo. De uma forma sintética pode afirmar-se que este paradigma pretende substituir as noções científicas de explicação, previsão e controlo do paradigma positivista pela compreensão, significado e ação. A abordagem interpretativa/qualitativa das questões sociais e educativas procura penetrar no mundo pessoal dos sujeitos, "...para saber como interpretam as diversas situações e que significado tem para eles" (Latorre et al., 1996, p. 42), tentado, "compreender o mundo complexo do vivido desde o ponto de vista de quem vive (Mertens, 1998, p. 11). Se a ação humana é intencional, pensa-se, que há a necessidade de interpretar e compreender os seus significados num dado contexto social.

Neste sentido, como podem os métodos próprios das ciências naturais elucidar-nos dos significados das ações humanas se esses significados não são "mensuráveis" ou seja, suscetíveis de uma observação rigorosa como pretendem os positivistas? Pode o comportamento das pessoas ser regulado por leis gerais e causais suscetíveis de serem generalizáveis? Para explicar o mundo social e educativo, argumenta Usher (1996), há que ir buscar os significados profundos dos comportamentos que se constroem na interação humana. Investigador e investigação interagem e cada um por si molda e interpreta os comportamentos de acordo com os seus esquemas socioculturais, num processo de dupla busca, de dupla hermenêutica. Diferente da investigação nas Ciências Naturais e Exatas, em contextos socioeducativos tanto o sujeito investigador, como o objeto da investigação têm a característica comum de serem ao mesmo tempo, "intérpretes e construtores de sentidos" (Usher, 1996, p.19). A busca dos significados, a construção indutiva da teoria, o papel central assumido pelo investigador, o não admitir um único mas vários meios metodológicos, levam necessariamente, à produção de outro tipo de conhecimento (Mertens, 1998., Punch, 1998., Shaw, 1999). Para Gadamer (1975), o conhecimento resultante será necessariamente, e nas palavras do próprio, "parcial e perspectivado" já que relativo a uma forma de ver, como um *background* sociocultural pessoal e que, "constitui a diretriz da nossa capacidade de experimentar...é a condição para termos experiência das coisas, de elas nos dizerem alguma coisa" (Gadamer, 1975, p. 215). Investigar implica interpretar ações de quem é também intérprete, envolve interpretações de interpretações, a dupla hermenêutica em ação. Além de parciais e perspectivadas, as interpretações são circulares. A interpretação da parte depende da do todo, mas o todo depende das partes. A interação todo/parte designa-se por círculo hermenêutico da interpretação. O conhecimento é assim concebido, como um processo circular, interativo e em espiral, não linear e cumulativo como retratado na epistemologia positivista.

### 2.3. Opções metodológicas

A metodologia privilegiada foi a utilização de uma abordagem qualitativa (Sampieri, et al., 2006), que compreende a utilização do método qualitativo. Com a escolha desta metodologia, pretende-se também abordar questões relacionadas com o conceito de *empowerment*, o qual, sendo um conceito complexo, exige a triangulação de métodos, uma vez que esta complementaridade aumenta a fiabilidade dos resultados (Fortin, 1999). A presente investigação considera-se exploratória descritiva, uma vez que pretende estudar e compreender o percurso biográfico e sinalizar e identificar as principais necessidades dos arrumadores de carros.

Minayo (2012) refere-se à compreensão como a finalidade principal na investigação qualitativa, em que questões como a singularidade do indivíduo, a sua experiência e vivência no âmbito de grupo e do coletivo ao qual pertence, são fundamentais para contextualizar a realidade na qual está inserido. Ao procurar responder questões num determinado contexto espaço temporal ou histórico-social, as investigações qualitativas não são, portanto, generalizáveis. Não significa que sejam pouco objetivas, pouco rigorosas ou sem credibilidade científica, mas que abordam e tratam as problemáticas de outra forma. Se por um lado a pesquisa qualitativa preocupa-se em aprofundar a realidade, que não pode ser mensurada quantitativamente, por outro, o investigador só poderá desenvolver uma postura crítica que o qualifique no aprofundamento da captura dos dados, se tiver uma atitude ativa e atenta a novos interlocutores e observações em campo, com o objetivo de articular e enriquecer as informações capturadas, uma vez que o objeto da investigação é sempre um objeto construído.

Para a realização da amostra dos arrumadores de carros, foram realizados oito relatos biográficos, baseados num guião com os tópicos de interesse para a investigação, mais concretamente sobre o percurso de vida dos entrevistados. Devo salientar ainda as condições em que os relatos biográficos foram realizados. Os mesmos foram realizados em pleno local de trabalho dos arrumadores, nos próprios parques, pois não queria prejudicar nem interferir com o trabalho dos mesmos, pelo que há sempre algum ruído ou terceiros a falar connosco. Contudo, tal não impossibilitou a realização, sem obstáculos destas entrevistas. Após a análise e tratamento dos resultados das entrevistas narrativas (ver anexo, tabela 4), optei então por realizar entrevistas semidiretivas a membros da sociedade civil (ver anexo Entrevistas realizadas a membros da sociedade civil), um elemento da PSP (ver anexo Entrevista realizada à Polícia de Segurança Pública de Faro) e um elemento da CMF (ver anexo Entrevista realizada aos serviços de ação social da câmara municipal de Faro) respetivamente, sendo que iniciei o trabalho com os arrumadores, através dos relatos biográficos. Dos elementos da sociedade civil fazem parte o Francisco de Faro, a Andreia de Loulé e Adelino de Albufeira. Dos serviços sociais da CMF faz parte a técnica superior Vanda Balaia, que dirige os serviços de ação social, juntamente com os seus colegas e finalmente como representante da PSP apresenta-se a subchefe da delegação de Faro, Leonor.

É de mencionar, que na primeira etapa da aplicação dos relatos biográficos, os dados eram insuficientes e não consegui ficar a conhecer a o percurso de vida dos arrumadores de carros, pelo que realizei outro guião, voltei a aplicá-lo às mesmas pessoas e consegui desta forma aprofundar mais a problemática e os respetivos subtemas, dado que o primeiro guião (ver

anexo guião das entrevistas realizadas aos arrumadores de carros), foi um guião orientado para a profissão de arrumador mesmo em si, apenas alguns desenvolveram outros tópicos resultantes destes relatos biográficos e decidi em conjunto com o meu orientador, complementar o guião e expandi-lo ao percurso de vida em si, porque muitos não falavam sem que eu incentivasse através de uma pergunta de partida.

A análise dos dados recolhidos foi realizada recorrendo à análise de conteúdo, sobre a forma de uma tabela para cada grupo de participantes (ver anexo Tabela 4 Análise dos Relatos Biográficos), em que apenas existem diferenças entre a tabela dos arrumadores e a tabela dos restantes participantes.

## **2.4. Técnicas de pesquisa empírica**

### **2.4.1. Relato Biográfico**

Tal como já foi referido anteriormente, na recolha dos dados empíricos uma das técnicas privilegiadas foi o relato biográfico, pois à semelhança do que refere Nóvoa (1992, p. 20), a qualidade heurística das abordagens (auto) biográficas, bem como das perspectivas de mudança de que são portadoras, reside em grande medida na possibilidade de conjugar diversos olhares disciplinares, de construir uma compreensão multifacetada e de produzir um conhecimento que se situa na encruzilhada de vários saberes.

Relativamente ao contexto de recolha dos relatos biográficos, estes foram recolhidas no espaço natural dos atores sociais, nas imediações dos parques de estacionamento. Nesta fase, o conhecimento do investigador na identificação dos locais e atores sociais envolvidos na prática da arrumação, facilitou os primeiros contactos e permitiu simultaneamente a observação direta da prática de arrumação de carros. Desta forma, a amostra foi conseguida de forma aleatória e a partir dos primeiros contactos, pelo que se procurou “assegurar a presença da diversidade dos sujeitos ou das situações em estudo” (Guerra, 2010: 42).

Foi ainda privilegiada a conversa narrativa, completamente informal (Pais, 1999:20), ou seja, apesar da existência de um guião (ver anexo Guião nº1), com tópicos precisos, este não foi seguido sempre pela mesma ordem ou a maneira de colocar as questões (Fortin, 1999). As perguntas foram sendo feitas com o decorrer da conversa e não como foram previamente concebidas e formuladas, foi privilegiado o fluir livre do discurso do investigador (Pardal e Correia: 1995: 65). As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes e foi garantida a confidencialidade para fins de investigação, sem a necessidade de omitir os nomes dos participantes. A marcação dos relatos biográficos foi geralmente antecedida de uma

primeira ou de várias abordagens e de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, exceto em seis casos em que a entrevista foi feita logo após uma primeira conversa. A grande mobilidade dos arrumadores e sua instabilidade económica determinou muitas vezes o dia em que foram entrevistados.

#### 2.4.2. Entrevista Narrativa

Nas entrevistas narrativas considera-se que nossa memória é seletiva, lembramo-nos daquilo que conseguimos e alguns eventos são esquecidos deliberadamente ou inconscientemente. Nessa perspectiva, o importante é o que a pessoa registou da sua história, a sua experiência pessoal e coletiva, os próprios pensamentos e sentimentos e não os fatos em si. As narrativas, dessa forma, são consideradas representações ou interpretações do mundo e, portanto, não estão abertas a comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sócio histórico. Não se tem acesso direto às experiências dos outros, trabalha-se com as representações dessas experiências ao interpretá-las a partir da interação estabelecida. Assim, o importante é o que está acontecendo no momento da narração, sendo que o tempo presente, passado e futuro são articulados, pois o narratário pode projetar experiências e ações para o futuro e o passado pode ser significativo ao se recordarem e se narrarem experiências. As entrevistas narrativas são, pois, técnicas para gerar histórias e, por isso, podem ser analisadas de diferentes formas após a captação e a transcrição das mesmas. As reflexões sobre o desenvolvimento humano e a entrevista na pesquisa qualitativa encontram-se profundamente relacionadas ao estudo dos processos de desenvolvimento do *self*. Esta compreensão exige um enfoque qualitativo, no qual a entrevista é um instrumento fundamental porque combina aspetos da história de vida com o relato de experiências subjetivas situadas em contextos sociais, históricos e culturais específicos (Jovchelovitch., Bauer, 2002).

As questões exmanentes referem-se às questões da pesquisa ou de interesse do pesquisador que surgem a partir da sua aproximação com o tema do estudo, ao elaborar a revisão de literatura e ao aprofundar o tema a ser pesquisado (exploração do campo). Essas questões devem ser transformadas em imanentes, sendo essa tarefa crucial no processo de investigação, que deve ao mesmo tempo ancorar questões exmanentes na narração, utilizando sempre a linguagem do narratário. As questões imanentes são temas e tópicos trazidos pelo informante que podem ou não coincidir com as questões exmanentes (Jovchelovich., Bauer 2002).

É importante mencionar que inicialmente o entrevistado deve ser avisado sobre o contexto da investigação e sobre os procedimentos da entrevista narrativa. Então, o entrevistador expõe o tópico central que tem a função de ser disparador da narração, os critérios de elaboração desse tópico devem seguir determinadas orientações (Jovchelovich., Bauer 2002): necessita fazer parte da experiência do entrevistado, para garantir o seu interesse e uma narração rica em detalhes, deve ser conotada de relevância pessoal e social, ou comunitária, o interesse e o investimento do narratário no tópico não devem ser mencionados, para evitar que se tomem posições ou se assumam papéis já desde o início, deve ser suficientemente ampla para permitir ao participante desenvolver uma história longa que, a partir de situações iniciais, passando por acontecimentos passados, leve à situação atual, evitar formulações indexadas, ou seja, não referir datas, nomes ou lugares, os quais devem ser trazidos somente pelo entrevistado, como parte da sua estrutura relevante.

Para Resende (2009), “nesse sentido, o ato de narrar, através dos meios pode revelar legitimações, valores, representações e faltas, dados preponderantes para o processo de compreensão e leitura do mundo” (Resende, 2009, p.33). Ao relatar continuamente os interlocutores criam narrativas argumentadas e meta narrativas, tramas valorativas e normativas que proporcionam marcos e sequências outorgando significados de fundo aos incidentes relatados na superfície (Motta, 2013). As narrativas constituem-se em maneiras pelas quais constroem-se representações do mundo material e social (Motta, 2013). A narrativa põe naturalmente acontecimentos em perspectiva, une pontos, ordena antecedentes e consequentes, relaciona coisas, cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais, explicações e significados estáveis. (2013, p. 71). Desse modo, quem narra evoca eventos conhecidos seja porque os tenha criado, vivenciado ou presenciado. Além disso, a narrativa gera um certo tipo de relação entre os interlocutores pressupondo, assim, através desse código comum a mínima empatia num universo compartilhado. Ao pressupor essa codificação comum e empatia nessa partilha dos interlocutores, as narrativas revelam-se ímpares no olhar da entrevista em seu âmbito dialógico. Em Bakhtin (1992) percebe-se que a narrativa se constrói na relação dialógica que ela própria deflagra. Logo, a interação dialógica e as narrativas aparecem como valores diretamente proporcionais.

A interpenetração informativa mencionada por Medina (2008), não permite que a entrevista seja considerada apenas como registo, mas como um lugar interativo para a construção de significados. Segundo a socióloga Järvinen (2003), a narrativa dos entrevistados é influenciada pela interação social que acontece durante a entrevista. A atitude e a interpretação

do entrevistador em relação à narrativa do entrevistado. Dedicar-se ao estudo dos processos das relações humanas que produzem sentidos através de expressões narrativas, procurando entender como os sujeitos sociais constroem intersubjetivamente os seus significados pela apreensão, representação e expressão narrativa da realidade (Motta, 2013, p. 79). Segundo o autor, tal processo leva à observação de construções de significados na comunicação narrativa, ou seja, analisar como as pessoas compreendem, representam e constituem o mundo através dos atos de fala narrativos intersubjetivos (Motta, 2006). Portanto, observar de que maneira a comunicação narrativa produz significados através da construção de acontecimentos. Para o investigador a objetivo principal da análise é analisar e compreender como os narratários contam histórias umas às outras, através de uma relação recíproca, em que há jogos de poder, estratégias, astúcias, hierarquias, dominação e colaboração, avanços e recuos. Nesta perspectiva, o discurso narrativo é visto como uma textura de sentenças e de categorias socialmente estabelecidas que operam como um autêntico sistema de significados, sociais, culturais e políticos (Motta, 2013, p. 130).

A entrevista é um espaço dialógico de interação social, no qual as identidades dos participantes e do investigador são constantemente construídas, reconstruídas e co construídas (Barcinski, 2006., Branco, 2006). Este processo é caracterizado por um movimento constante de aproximações e distanciamento entre os sujeitos em interação, com base em critérios como gênero, classe social, etnia e inserção institucional, bem como aspetos motivacionais observados ao nível micro, como a empatia ou o desinteresse. Flick (2002) propõe que a entrevista narrativa, não-estruturada e em profundidade, seja um diálogo aberto desenvolvido a partir de uma instrução geradora de narrativas. Riessman (1993) considera a entrevista narrativa como contexto facilitador do diálogo, que usa questões abertas e dessa forma, incentiva os sujeitos a construir nas respostas o seu próprio texto. É importante, ainda, que o investigador acolha bem o narratário e tenha uma escuta comprometida que permita obter pistas para captar pontos-chave que são o ponto de acesso ao entrevistado. Assim, para obter bons resultados o entrevistador deve ter uma grande capacidade de interação com o outro, uma disponibilidade psicológica para ouvir e habilidades de escrever as experiências analisadas (Campos, 2010).

Outro fator relevante a ser observado é a extensão da narrativa, por revelar aspetos que devem ser analisados a cada caso, pode ser maior ou menor a depender do investigador, do narratário ou do contexto. As narrativas combinam histórias de vida a contextos sócio históricos, ao mesmo tempo que, revelam experiências individuais e podem tirar dúvidas sobre as identidades dos indivíduos e os pensamentos que têm de si mesmos (Creswell, 2014), são também constitutivas de fenómenos sócio históricos específicos nos quais as biografias têm

origem. Dessa forma, o objetivo das entrevistas narrativas não é apenas reconstruir a história de vida do narratário, mas compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos entrevistados. A interpretação de narrativas representa ainda um desafio aos investigadores, que podem seguir diferentes técnicas ou métodos. Ao mesmo tempo em que o domínio de técnicas específicas é exigido, não há intenção de esgotar as possibilidades de análise, mas sim de realizar uma análise no sentido de interpretar os diversos significados (Campos, 2010).

Schraiber (1995) afirma que a narrativa é a objetivação do pensamento, dado que o pensamento externo é apreendido sob a forma de relato oral. As narrativas assim, segundo a autora, são ferramentas bastante apropriadas para o estudo qualitativo no qual se pretende investigar as representações da realidade do entrevistado. A partir dessas representações pode-se captar o contexto em que o narratário está inserido. Nesta perspectiva, as narrativas preconizam o seu instrumento de recolha à questão gerativa (Campos, 2010). Esta forma de abordar o sujeito da pesquisa sugere capturar a fala a partir de um posicionamento bastante diferenciado da entrevista semidirigida que utiliza guiões semiestruturados com perguntas definidas ao que se deseja circunscrever um determinado objeto a ser investigado.

A construção da intimidade entre o entrevistador e entrevistado permite ao investigador desprender-se do papel de controlar o discurso do participante, se está adequado ou não ao material que o investigador procura recolher (Lira, 2003). Ao propor que o entrevistado discorra livremente a partir de uma questão aberta, a investigação possibilita o não condicionamento das respostas, o que propicia para o sujeito da pesquisa a construção gradativa de uma história com tendências próprias, em que os conteúdos implícitos e os não ditos possam emergir com maior naturalidade e comprometimento com a realidade pessoal e coletiva. A riqueza do método das narrativas propõe ainda um desafio ao investigador, o de se tornar parte do processo, em que ouvir em profundidade o que emerge dos participantes implicados nas suas próprias histórias, admite que seja atravessado pela singularidade do conjunto de significados que são criados por cada narratário.

Assim, as entrevistas narrativas são apropriadas para histórias detalhadas, experiências de vida de um ou vários indivíduos. Deve-se passar um tempo considerável com cada entrevistado e recolher informações de diversas fontes, que podem ser de origem pessoal, familiar ou social. O investigador deve também estar atento a contextualizar pessoalmente, culturalmente e historicamente o sujeito da investigação, bem como reestoriar os relatos e outras

informações obtidas de forma a construir algum tipo de estrutura para posteriormente inserir a história numa sequência cronológica (Creswell, 2012).

Portanto, o entrevistador colabora com o entrevistado e envolve-o na investigação, de modo a que ambos saiam modificados (Creswell, 2014). Nesse sentido, Clandinin e Connelly (2011) compreendem a narrativa como forma de entender a experiência, sendo a experiência o fundamental a ser recolhido nas narrativas. Por fim, a entrevista narrativa amplia a conexão do investigador com o campo e o seu contexto, ao possibilitar, que o problema em questão, não se perca, uma vez que o conhecimento adquirido oferece consistência de experiências e significados pela escuta prolongada e pela noção da importância dos eventos que o encadeamento das narrativas permite capturar e não precipita no investigador a procura pela reconstrução de vivências e de atribuições dos entrevistados pela ancoragem de referenciais teóricas, que pela própria empíria recolhida no terreno (Clandinin., Connelly, 2011).

### **2.4.3. Entrevistas semidiretivas**

A entrevista consiste numa conversa intencional, frequentemente entre duas pessoas dirigida por um dos intervenientes, com o objetivo de obter informações sobre a outra. No caso do investigador qualitativo, a entrevista surge com um formato próprio (Morgan, 1988., Burgess, 1984). A entrevista semidiretiva coloca questões que se pretendem abertas, num contexto descontraído e informal, estando articuladas de modo a que o entrevistado sinta-se confortável para expressar-se sem condicionalismos e possa utilizar o seu próprio vocabulário. Este tipo de entrevista é utilizado quando o investigador dispõe de informação bibliográfica que o auxilia na temática que pretende estudar, devendo ainda existir um guião, pelo qual o investigador se rege ao longo do processo. “As boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista” (Biggs, 1986).

A entrevista qualitativa visa a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos dos indivíduos em contextos socioculturais específicos. Em virtude desta característica, ela torna-se útil na compreensão dos pontos de vista particulares dos entrevistados e dos grupos sociais (Gaskell, 2002). A pluralidade conceitual pode apontar para o centro interativo da entrevista que se desdobra na importância do *outro*. Na entrevista impera uma dinâmica bem distinta, requer uma certa cumplicidade do interlocutor para produzir significados.

Em Mühlaus (2012), a entrevista é relação, arte e encontro e como tal também método, técnica e ética em constante movimento. Assim, ao lançar-se uma abordagem para a entrevista no seu amplo contexto conceitual, de acordo com as suas possibilidades, verifica-se também na própria etimologia do termo aspetos da sua dimensão interativa. Logo, a observação da entrevista, de acordo com as suas possibilidades interativas e de aprofundamento para os interlocutores centra-se num vasto contexto de possibilidades, num ambiente, descontraído para os interlocutores, o que a torna um lugar privilegiado de reflexão (Vogel, 2012). Como refere Vogel (2012), “assim como o ensaio, a entrevista prevê em sua organização interna, a possibilidade de vencer o limite da objetividade e o tom sentencioso das asserções declarativas” (Vogel, 2012, p.113).

A entrevista nas suas diferentes aplicações é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais. Pode servir também à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos esses e outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cuja finalidade é o inter-relacionamento humano. Ambos os participantes na entrevista interagem, modificam-se, revelam-se, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios (Medina, 2002, p. 8). A entrevista, como interação, tem um objetivo cuja finalidade é o relacionamento humano. A situação ideal para a autora é aquela em que a interação leva à modificação, ao crescimento de ambos. É importante ressaltar que para Morin (2001), enquanto a pergunta fechada impõe um risco de erro, por outro lado a aberta possibilita interpretação oferecendo maiores garantias à entrevista, “a questão aberta, a resposta espontânea, traz riqueza significativa onde o maior risco de erro está no entrevistador, na sua aptidão de decifrar a mensagem do entrevistado” (Morin, 2001, p.66).

Para realizar o tratamento dos dados recolhidos recorre-se à análise de conteúdo, técnica privilegiada nas ciências sociais e humanas. A sua finalidade é a descrição sistemática das componentes semânticas e formais das mensagens, procurando compreender as relações existentes entre as mensagens produzidas e o contexto sociocultural no qual estas se desenvolvem. Esta técnica tem maior aplicabilidade quando se pretende comparar e inferir sobre os dados reunidos. Ou seja, permite o estudo do conteúdo da mensagem na ótica do emissor de modo a compreender quais as suas intenções e motivações ao produzir determinada mensagem, na ótica do recetor, com vista a medir o impacto no comportamento do recetor após o contacto com determinado assunto ou na perspetiva da própria mensagem, enquanto possuidora de conteúdo relevante. Enquanto técnica de investigação, a análise de conteúdo

apresenta vantagens e desvantagens. Das vantagens, sublinha-se o facto de ser uma técnica simples, pouco dispendiosa e não obstrutiva, aplicável às várias disciplinas e conseguir transformar conjuntos de dados em unidades de análise, manipuláveis e mensuráveis, com possibilidade de tratamento estatístico. Das desvantagens, refere-se que a análise de conteúdo não permite generalização, nem sempre há correspondência de resultados entre os diversos investigadores, pois existe uma dupla leitura da mensagem objetiva através da utilização e aplicação de todo o processo metodológico e do seu conteúdo latente, por outras palavras, a sua dimensão subjetiva.

Na situação particular de construção dos dados, estes pressupostos implicam encorajar a liberdade e a espontaneidade do entrevistado para construir o seu discurso e apresentar o seu ponto de vista, o que torna os significados partilhados mais representativos. As questões de entrevista, orientadas pelos objetivos e o enquadramento interpretativo do investigador, podem ser modificadas ao longo da interação, com a inclusão ou supressão de tópicos e questões, conforme o desenvolvimento do processo (Branco, 1994., Valsiner, 1997). Tudo isso verifica-se em guiões de entrevista mais flexíveis, onde o entrevistado tem um papel ativo na construção da interpretação das informações e o entrevistador torna-se menos diretivo, podendo oferecer empatia e apoio, o que torna o diálogo mais aberto, e favorece a emergência de novos aspetos significativos.

#### **2.4.4. Pesquisa Documental**

O recurso a documentos enquanto uma possibilidade de abordagem na investigação qualitativa oferece três diferentes possibilidades para a realização da investigação: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. Considerando, no entanto, que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos e a explorarem novos focos. Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um carácter inovador, trazendo contribuições importantes para a presente investigação, nomeadamente complementando alguns temas.

O trabalho de pesquisa envolve frequentemente o contato direto do investigador com o objeto de estudo ou grupo de pessoas que será estudado, esquecemos que os documentos constituem uma rica fonte de dados. O exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e ou interpretações complementares, constitui o se designa de pesquisa documental. Tais

documentos são considerados primários, quando produzidos por pessoas que vivenciaram diretamente o evento que está a ser estudado, ou secundários, quando recolhidos por pessoas que não estavam presentes na altura da sua ocorrência. Para Bailey (1982) em várias situações da investigação a pesquisa documental mostra-se pertinente e vantajosa. Uma das vantagens desta técnica de pesquisa é que permite o estudo de pessoas ou informações às quais não temos acesso físico, porque já faleceram ou sobretudo por problemas de distância.

A pesquisa documental é também apropriada quando queremos estudar longos períodos de tempo, procurando identificar uma ou mais tendências no comportamento dos envolvidos, a comunicação escrita ou iconográfica tem-se revelado de especial importância. Existem ainda outros documentos como diários e autobiografias, que podem constituir um importante caminho para a obtenção de informações sigilosas. A maioria dos documentos registam relatos verbais, não fornecendo informações sobre os comportamentos não-verbais, que, às vezes, são imprescindíveis para se analisar o sentido de determinado discurso. Cabe ressaltar também que nem sempre os documentos constituem amostras representativas da problemática em estudo.

Em algumas situações, documentos que foram preservados, ou que são acessíveis ao investigador, dificilmente possibilitarão dados válidos e confiáveis. A arbitrariedade na escolha dos documentos e problemáticas a serem estudados, a falta de um formato padrão e a complexidade da codificação das informações nelas contidas são aspetos que têm sido apontados como parte das dificuldades metodológicas enfrentadas por esse tipo de pesquisa. As técnicas indiretas podem desempenhar funções diversas na investigação qualitativa: apoiar os métodos diretos de recolha de informação, validar e contrastar a informação obtida, reconstituir acontecimentos importantes para as pessoas ou grupos sociais em análise e gerar hipóteses.

#### **2.4.5. Etnografia e Observação**

A observação consiste na recolha de informação de modo sistemático. Olabuenaga (1996:73) refere a existência de três técnicas de recolha de dados que se destacam das restantes: observação, entrevista em profundidade e leitura de textos. A observação científica distingue-se das observações espontâneas pelo seu carácter intencional e sistemático (Adler & Adler,

1994) e permite-nos obter uma visão mais completa da realidade de modo a articular a informação proveniente da comunicação intersubjetiva entre os sujeitos com a informação de carácter objetivo. Esta técnica pode transformar-se numa poderosa ferramenta de investigação social quando é orientada em função de um objetivo formulado previamente, planificada sistematicamente em fases, aspetos, lugares e pessoas, controlada relacionando-a com proposições e teorias sociais, perspetivas científicas, explicações profundas e é submetida ao controlo de veracidade, objetividade, fiabilidade e precisão (Olabuenaga, 1996). Uma das características básicas da observação tem sido tradicionalmente o seu não-intervencionismo. O observador não manipula nem estimula os sujeitos em estudo.

A observação qualitativa é fundamentalmente naturalista, pratica-se no contexto da ocorrência, entre os atores que participam naturalmente na interação e segue o processo normal da vida quotidiana (Adler & Adler, 1994). Os observadores qualitativos não estão limitados por categorias de medida ou de resposta, são livres de pesquisar conceitos e categorias que se afiguram significativas para os sujeitos. A observação qualitativa não se realiza a partir de um projeto de pesquisa rígido, a sua maior virtualidade reside no seu carácter flexível e aberto. Colás (1992) identifica as seguintes etapas da observação: a seleção de cenários, sendo que o cenário inicial ideal é aquele a que o investigador tem facilidade de acesso, estabelece uma boa relação com os sujeitos e oferece informações diretamente relacionadas com as questões fundamentais da pesquisa, a recolha de informação, através de notas de campo, registos textuais dos diálogos com os atores observados e entrevistas com os participantes observados.

As observações científicas podem diferenciar-se, entre si, pelos seguintes critérios: pelas diferentes estratégias de observação, participando diretamente, ou não, no fenómeno que se pretende observar, pelos diferentes níveis de sistematização e de standardização da informação, fixando ou não as categorias, os grupos, diferentes graus de controlo, controlando e manipulando, ou não, a situação (Olabuenaga, 1996:130-131). Podemos, portanto, considerar três alternativas genéricas para o desenvolvimento de uma observação científica. A primeira refere-se ao grau de controlo, a segunda refere-se ao grau de estruturação e a terceira ao grau de participação do observador no fenómeno em análise.

De entre as vantagens da aplicação da observação qualitativa aos processos educativos, Colás (1998) destaca as seguintes: as potencialidades que demonstra no estudo das dinâmicas e inter-relações dos grupos em determinados cenários socioculturais, a facilidade na obtenção das informações internas aos grupos que não seriam detetáveis a partir de outras técnicas, a

possibilidade de aprofundar o conhecimento das culturas de grupos, a garantia da credibilidade dos resultados ao permitir o trabalho com fontes próximas e em primeira mão ou a facilidade no registo de informações não-verbais.

De entre os inconvenientes, destacam-se o perigo da subjetividade proveniente da projeção de sentimentos ou pré-juízos do investigador, a incidência do comportamento do investigador na dinâmica do grupo e a perda de capacidade crítica face a uma possível identificação com o grupo. É também importante ter em conta o facto de nem todos os fenómenos serem passíveis de análise através da observação porque estão latentes em níveis demasiado profundos ou porque o seu grau de dispersão é alto (Olabuenaga, 1996). As críticas feitas à sua validade podem ser colmatadas através de atividades de contraste, como por exemplo a triangulação interna do observador, através de um estudo complexo e sistemático do caderno de campo, a triangulação teórica, com o confronto de múltiplos modelos teóricos, a triangulação entre observadores e atores envolvidos e descrições precisas de situações particulares.

Segundo Lapassade (1991), a expressão etnografia começou a ser utilizada pelos antropólogos para designarem o trabalho de campo, no decorrer do qual são recolhidas informações e materiais que servirão de objeto de uma elaboração teórica posterior. Ainda segundo este autor, o termo etnografia é utilizado, por alguns sociólogos, não apenas para designarem o trabalho de campo em sentido estrito, mas para aludirem, de uma forma mais ampla, a uma conceção de sociologia que opõe-se a uma conceção dominante que qualifica de positivista e quantitativa. Para Spradley (1979), etnografia é o trabalho de descrever uma cultura, sendo o objetivo do investigador compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos. Apesar deste tipo de aproximação ser usual dos antropólogos, que procuram estudar sociedades primitivas e culturas exóticas, Spradley (1979), sugere que é uma ferramenta útil para a compreensão do modo como outras pessoas veem a sua experiência, devendo ser encarada mais como uma ferramenta que permite aprender com as pessoas, do que um utensílio para estudar essas pessoas.

Assim, quando o objetivo de uma investigação é a descrição de uma cultura, é adequada a adoção de uma metodologia etnográfica, especialmente quando o comportamento dos indivíduos é estudado no seu contexto habitual, os dados são recolhidos através de fontes diversas, sendo a observação e a conversa informal as mais importantes, a recolha de dados não é estruturada, no sentido em que não decorre da execução de um plano detalhado e anterior ao

seu início, nem são pré-estabelecidas as categorias usadas para interpretar o comportamento das pessoas, segundo um critério tão inclusivo quanto possível, estuda-se um grupo restrito de pessoas, a análise dos dados envolve interpretação de significados e assume uma forma descritiva e interpretativa, tendo a quantificação e análise estatística incluída, um papel meramente acessório (Hammersley, 1990).

Por sua vez, Benson e Hugues (citados por Lapassade, 1991), afirmam que os investigadores no terreno praticando a observação participante procuram descrever a cultura, entendida como um sistema de normas, de valores e de modelos de comportamento do grupo estudado, reconstituindo-a através do trabalho no terreno, e esforçam-se por mostrar que os membros do grupo, socializados nessa cultura, a utilizam para interpretar os acontecimentos da vida quotidiana. Essa observação participante é, de acordo com Bogdan e Taylor (1975), um tipo de investigação que caracteriza-se por um período de interações sociais intensas entre o investigador e os sujeitos, no contexto destes, sendo os dados recolhidos sistematicamente durante esse período de tempo, e mergulhando o observador pessoalmente na vida das pessoas, de modo a partilhar as suas experiências. A observação não-participante é a escolha dos investigadores que não tentam adquirir um estatuto no seio do grupo em estudo e desempenhar um papel nesse grupo, mas mantendo sempre uma certa proximidade. Ainda segundo Lapassade (1991), existe um conflito relacionado com a observação participante, sobretudo quando esta decorre em contextos de educação. Esse conflito decorre da prática de uma etnografia verdadeiramente participante ativa, ao mesmo tempo que tenta-se evitar participar nas mudanças ou mesmo provocá-las.

## **2.5. Caracterização sociodemográfica dos arrumadores de carros**

Quanto à caracterização sócio demográfica dos sujeitos do estudo, foram apenas entrevistados oito indivíduos do género masculino, com idades compreendidas entre os 39 e os 56 anos, divorciados, viúvos ou solteiros, com habilitações literárias que vão desde o não saber ler nem escrever até ao 12.º ano, um natural da Alemanha, com dupla nacionalidade portuguesa e alemã, um é natural de Bicas, que fica localizada no Serro de Grândola. Vivem sozinhos, com

amigos ou colegas de trabalho, apenas um mencionou que a família era doente, sem saber, no entanto, se vivia com eles ou não.

Relativamente à sua situação profissional todos os arrumadores encontram-se desempregados e alguns nem no centro de emprego estão inscritos, bem como não preenchem os requisitos para a obtenção do rendimento social de inserção. Ao que diz respeito às fontes de rendimento, apenas um dos entrevistados recebe o RSI, um encontra-se à espera de resposta, tendo já se candidatado e encontra-se em lista de espera, não sendo já a primeira vez que se candidata a este rendimento. Um entrevistado menciona que por vezes um assistente social fornece comida e vestuário aos arrumadores de carros daquela zona, um entrevistado vai tomar as suas refeições à Santa Casa da Misericórdia, sendo que no caso dos restantes entrevistados, nenhum entrevistado recebe qualquer apoio social e a sua única fonte de sustento é arrumar carros e viver dos montantes daí provenientes.

Nome/Idade	Escolaridade	Nacionalidade	Estado Civil	Situação Habitacional
António, Pereira, 56	Ensino Básico	Portuguesa	Separado	Casa Alugada

Manuel Diogo, 47	Ensino secundário	Alemã- Portuguesa	Solteiro	Casa Alugada
João Negrão, 53	Ensino Básico Incompleto	Portuguesa	Solteiro	Casa Abandonada
Hélder, 45	Ensino Básico	Portuguesa	Solteiro	Casa Própria
António Negrão, 51	Ensino Básico/formações/cursos	Portuguesa	Viúvo	Casa Alugada
Jorge Manuel, 49	Ensino Básico	Portuguesa	Solteiro	Casa alugada
Quintério de Jesus, 39	Ensino Básico	Portuguesa	Solteiro	Vive com um casal amigo
Carlos, 50	Ensino Básico	Portuguesa	Solteiro	Casa Alugada

Tabela 1- Caracterização Sociodemográfica dos arrumadores de carros

### CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

### 3.1 – Histórias de vida dos arrumadores de carros

A análise dos dados permite-nos perceber a grande diversidade de situações e de trajetórias de vida que levam um indivíduo a exercer a atividade de arrumador de carros. De seguida apresento um breve resumo das histórias/ trajetórias dos entrevistados.

#### 3.1.1. António Pereira

Para António ser arrumador de carros é uma necessidade devido ao desemprego e ao fato de ser pai de três filhos, um com trinta e um, outro com quinze, outro com catorze. António refere que arrumar carros não é a vida dele nem a sua profissão, a sua profissão é motorista, sempre foi motorista tendo carta de condução já há trinta anos de pesados e ligeiros, tendo sido também taxista por dez anos em Lisboa. Apesar das dificuldades que já passaram António não quer um trabalho fixo, referindo os bons e maus patrões, prefere arrumar carros. Além de arrumador também é mariscador e pesca com outro amigo com recurso à rede. António é pintor, motorista, quando é necessário. Refere que os rendimentos que faz variam e que mais vale ser assim do que "andar a roubar". Se roubasse alguma coisa tinha de ser algo para melhorar a vida dos seus filhos. António gosta de arrumar carros, mas refere que alguns clientes não são simpáticos nem respeitam, mas apesar diz ainda existem "boas pessoas" e também é por essa razão que ainda arruma. António tem cinquenta e cinco carros e arruma carros há um ano. Nasceu no meio da agricultura, trabalhou na agricultura com máquinas pesadas e camiões. António passou por um grave problema de saúde, que lhe custou a visão e a profissão de taxista, pois não conseguia ver o taxímetro. António conta que isso se deveu ao fato de na altura ter passado por uma pequena depressão e o que lhe causou o problema de visão foram os antidepressivos receitados pelo médico, que até hoje ainda não o perdoa, pois afetou a sua vida pessoal e profissional, pois ao perder o seu emprego, perdeu também a sua mulher e os filhos. Encontra-se longe da sua família. Teve sob o efeito dos antidepressivos treze anos, perdeu a mãe, a família, perdeu tudo. Também lhe afetou a mobilidade e a sua rotina diária, não conseguia fazer a sua higiene. Refere que hoje já está melhor, já consegue fazer a sua vida, mas ainda não recuperou totalmente. António refere que conhece pessoas que passaram pela mesma situação e que foi o seu pai, que lhe disse que não lhe comprava mais os comprimidos e até hoje nunca mais voltou a tomar os medicamentos, começou logo a sentir-se melhor, não era necessário continuar. António ainda vive com a revolta e com a injustiça que passou na sua vida, pretende ainda encontrar-se com o médico, responsável por estragar a sua vida. António menciona que, apesar de ser arrumador de carros tem mais carácter do que muita gente, não se troca por eles e antigamente era capaz de entregar-se por tudo. António conhece as autoridades

e nunca teve nem tem problemas com eles. O mesmo diz que não tem horas fixas para trabalhar por dias. António arruma durante o período de tempo no qual os parquímetros estão ativos, afirma, que mesmo sabendo que não pode, tem de arriscar. António não quer continuar a arrumar carros. O seu sonho é viajar pelo mundo fora e escrever, diz que vai "viver para escrever". António também não acredita nos políticos. Para ele são todos mentirosos e uns ladrões. O seu último emprego em Lisboa foi ser taxista para dois polícias da PSP, que para ele foram grandes patrões, os melhores que já teve tendo trabalhado quatro anos. As relações sociais com os clientes e com os membros da sociedade civil é boa, mas António relaciona-se bem com aqueles que se relacionam bem com ele, com os que lhe tratam bem, com os restantes, nem por isso. Para António um dos grandes problemas é a indiferença social que por vezes observa, pois não faz parte da solução, mas sim do problema. António chegava a fazer oitocentos quilómetros dentro da cidade. António é natural de Bicas, no concelho de Grândola, de uma casa humilde. Nasceu a um de Janeiro de 1960.

### **3.1.2. Carlos**

Carlos pensa que ser arrumador de carros é vergonhoso. Apenas arruma carros por se encontrar desempregado. A sua profissão é serralheiro é aquilo que gosta, trabalhar no ferro. Não gosta de nada de arrumar carros, só o faz por necessidade. Diz que o governo reage muito mal para com os arrumadores de carros e pensa que não são reconhecidos. Carlos diz que por vezes a Polícia tira-lhes o dinheiro, tendo já dado "a cara" diversas vezes quando confrontado pelas autoridades e refere que faziam dele o que queriam. Carlos pensa que o presidente da câmara é que dá as instruções. Carlos arruma carros há cerca de seis a oito meses. Carlos não tem horário fixo. Diz que trabalha até fazer o que necessita para o dia e vai-se embora. O seu local de trabalho é sempre na mesma zona, no parque junto à igreja de S. Luís. Carlos é arrumador por necessidade, refere a falta de emprego e a ausência de apoios sociais, apesar de tentar obter esses apoios até hoje ainda não os conseguiu obter. Carlos não pretende continuar e mal consiga uma oportunidade pretende deixar logo de arrumar. As relações com os seus clientes e colegas são boas, mas Carlos pensa que a sociedade no geral vê "com mais olhos" os arrumadores de carros. Carlos já trabalhou no estrangeiro e regressou a Portugal. Carlos defende que é necessária uma mudança das mentalidades da sociedade no geral. Carlos não tem perspectivas para o futuro, é católico e guarda essas previsões para Deus.

### **3.1.3. João Negrão**

Ser arrumador de carros para João é uma forma de não cometer crimes e asneiras e espera pela caridade das pessoas. João não pede moeda aos clientes, quem quer dar e pode dar

dá, mas João não lhes pede. João menciona que gostava de exercer outra profissão, mas o fator idade é uma barreira. João vê a arrumação de carros, como um estilo de vida mais fácil. João habita numa casa abandonada, sem condições de saneamento básico e higiene, não tem casa de banho, não tem cozinha para fazer comida. João gostava de ter uma pequena casa com duas divisões para ele é o suficiente. João não tem qualquer tipo de apoios sociais. João diz que ele e os seus colegas nem sempre são bem-vistos pela sociedade, porque muitas pessoas danificam carros e obrigam as pessoas a dar-lhes dinheiro. Para João-ninguém é obrigado a dar dinheiro, mas menciona que nesses casos, os clientes vão-se embora, voltam e encontram os carros riscados ou com os pneus furados e que por causa de uns pagam os outros. Ter-se tornado arrumador não foi uma escolha que tomou, mas sim o único caminho para sobreviver. João conta que antes de ser arrumador recorreu aos caixotes do lixo à procura de alimentos e até chegou a comer comida para cão, até que decidiu por termo a essa situação e começou a arrumar. João refere, que de vez em quando, a polícia aparece multa e tira o dinheiro, com o argumento de ser proibido. João é cozinheiro de sala, barman, canalizador, electricista, arrumador de ferro, pedreiro, calceteiro. João tem cinquenta e seis anos, Refere ainda alguns problemas além da idade em arranjar emprego. Para a hotelaria refere a falta de dentes, tem falta de vista e não sabe escrever. É uma pessoa conformada com a sua situação. Entre os seus colegas, João é daqueles que melhor sabe comunicar entre eles e com os clientes, referindo o fato de grande parte dos seus colegas serem analfabetos. João refere que tem um pouco mais cultura, pois cresceu assim e foi à escola. João é poliglota. Sabe falar inglês, francês, italiano, espanhol e português e as pessoas gostam da sua conversa e existe uma boa relação. João costuma trabalhar no parque junto à Rotunda do Hospital, mas aos fins-de-semana costuma ir para o parque da EVA. João tem uma boa relação com os seus colegas, mas pensa que não se deve dar muita confiança.

#### 3.1.4. Hélder

Para Hélder ser arrumador de carros é uma necessidade para sobreviver e para os seus gastos diários para comida e para tabaco é uma vida daqueles que não têm emprego. Hélder não gosta de arrumar carros nem a aconselha. É um trabalho precário devido à falta de emprego.

Condena o roubo ficando a arrumação como a sua única solução de auferir rendimentos. Já trabalhou na construção civil e era para lá que ia, se uma oportunidade surgisse. Para Hélder o aspeto menos positivo em arrumar carros são as "bocas que as pessoas mandam", entre os colegas, menciona que têm uma boa relação e trabalham em conjunto. Hélder pensa que ele e os seus colegas deviam de ser reconhecidos e valorizados. Crítica os a câmara municipal e membros da etnia cigana por terem licença de arrumador, enquanto ele e os seus colegas não possuem essa licença. Enaltece a desigualdade e que ninguém é mais do que ninguém. Hélder arruma carros há um ano e meio, costumando trabalhar da parte da manhã das novas até ao meio-dia, depois já não vem mais e vem outro colega para o seu lugar. Refere a pequena dimensão do espaço que não é o adequado para todos ao mesmo tempo, vai trocando, demonstrando um clima de solidariedade e de cooperação entre os seus colegas, sempre na zona do hospital distrital de Faro. Hélder não auferir muito. Diz que são umas moedas, que muitas vezes, "mal dá para comprar um papo-seco". Hélder diz que ninguém da câmara demonstra interesse em ajudar e que no lugar deles mandam vir a polícia. Existe clima de amizade entre os seus colegas, mas com as autoridades a relação é complicada. Hélder aceita fazer qualquer coisa desde que não seja arrumar carros, que não foi uma escolha tomada por ele, mas sim uma fatalidade.

### **3.1.5. Quintério de Jesus**

Arrumar carros para Quintério é uma atividade necessária devido à falta de emprego, de bens e posses, "dá para uma pessoa se desenrascar". Tem uma boa relação com as pessoas e com os seus colegas. Quintério arruma no mercado municipal. Não tem trabalho, nem recebe apoios da segurança social. Auferir diariamente quinze a vinte euros, para a sua alimentação. Quintério gosta muito de arrumar carros e que as pessoas o tratem bem, sabe falar com as pessoas com respeito e empatia. Arruma carros há quatro anos, já tinha arrumado, mas parou devido a uns apoios da segurança social. Conta que depois, voltou a arrumar carros. Costuma trabalhar três horas, das nove ao meio-dia. Trabalha na parte da manhã, sempre na mesma zona. As suas perspetivas para o futuro são más, pois menciona que nunca descontou para a caixa e não terá direito a nada. O dinheiro que tem é da arrumação de carros. Quintério sofre de diabetes, a sua melhor memória de infância é dos seus tempos de escola na Conceição de Faro, é natural de Faro. Da escola gostava mais dos livros e de jogar à bola e praticar artes marciais. Sabe ler e escrever. Refere que tem poucos mas bons amigos. Menciona a falta de vontade do Estado e da câmara em fornecer ajuda. Já foi calceteiro, nos tempos em que tinha saúde. Tem

família, mas é ausente e distante. Habita com amigos, amigos esses que encontram-se em prisão domiciliária e acaba por os ajudar também.

### **3.1.6. Manuel Diogo**

Manuel nasceu na Alemanha, filho de pais emigrantes. Tem uma irmã mais nova. Vive com mais um colega arrumador. Manuel já passou por uma temporada de dependência do álcool, mas nunca consumiu drogas. A pessoa mais importante da vida de Manuel é a sua mãe, que vive no Norte do país com a irmã. Ambas têm casas juntas uma da outra. Manuel tem dupla nacionalidade, alemã e portuguesa. Manuel tal como os outros entrevistados, apenas arruma para as suas necessidades básicas, alimentação e vestuário. Habita num pequeno quarto com outro seu colega. É contra a institucionalização, diz mesmo que, "não resolve nada". Manuel tem uma excelente relação com os clientes e com os seus colegas, defende que ninguém mais do que ninguém e todos os seus colegas têm o direito de "fazer algum dinheiro" para viver, apesar das exigências impostas pela câmara. Manuel é uma das poucas pessoas presentes, nesta investigação com licença de arrumador de carros. Manuel também já trabalhou em vários países europeus antes de vir para Portugal. O seu grande sonho é voltar a trabalhar com teares, pois foi o emprego que mais se identificou quando trabalhava numa fábrica de indústria têxtil. Manuel não recebe apoios sociais, está atualmente a tentar adquirir o RSI. Conta com a ajuda de assistentes sociais, que diz que costuma facultar roupa e comida aos arrumadores de carros naquela Zona. Se lhe for atribuído o RSI diz que volta para próximo da mãe. É lá que se sente feliz e em casa. Manuel sofreu muito com a doença da mãe, foi ele que tomou conta dela antes de ser sido internada. Conta também que sofreu de asma e sofre de arritmia cardíaca e que uma vez, deu-lhe um ataque enquanto estava a arrumar carros e foi graças à ajuda dos colegas e vizinhos na zona onde trabalha que conseguiu sobreviver e estar cá hoje.

### **3.1.7. António Negrão**

António é irmão de João, também ele parte integrante da investigação. Da infância recorda os jantares de Domingo e de Natal com emoção. O pai de António era um pai ausente, alcoólico e era causador de violência doméstica. António refere a Sagrada Família do tempo da ditadura e o papel que essa doutrina teve nas relações familiares. António na sua adolescência

gostava de jogar à bola, ele e os amigos eram conhecidos no baixo. António teve vários relacionamentos, mas nunca assentou, só a última companheira, que faleceu com uma overdose atropelada por um comboio. António menciona os teus tempos de toxicodependente em que consumia drogas pesadas e leves. Para António o maior vício era "picar" com a seringa. A sua infância foi também passada na casa da avó. António nunca roubou nada a ninguém nem traficou droga. António não recebe RSI, mas já lhe foi sugerido que recorresse. António refere que ainda fuma heroína "esporadicamente". Menciona que hoje em dia o "material" não vale o que valia. Para António arrumar carros é algo livre, uma forma de comunicar e conhecer pessoas e fazer amigos, chegando mesmo a tratar as pessoas por "tu". É uma pessoa empática, tem uma boa relação com os clientes. Se pudesse fazer outra coisa, gostaria de ser gestor de armazém. Tirou vários cursos, nomeadamente, básicas administrativas, onde aprendeu a operacionalizar com computadores. António necessita de um quarto para ele e para o irmão. Menciona a falta de apoio e de interesse público em querer ajudar. Costuma ir à Santa Casa da Misericórdia para as refeições e higiene pessoal. Tem consultas com o RSI com os serviços prisionais. António trabalha das nove ao meio dia, voltas às duas da tarde e sai às três e meia do trabalho. É natural de Faro, tal como o irmão João.

### **3.1.8. Jorge Manuel**

Para Jorge Manuel a melhor memória de infância que tem é da escola. Confessa que teve de abandonar a escola para trabalhar e arranjar dinheiro. A família é doente e tem uma irmã. Jorge diz que ganha umas "moedinhas" para comer e para comprar o tabaco. Está inscrito no centro de emprego, recebe RSI e arruma carros enquanto aguarda uma resposta do centro de emprego. Praticava basquete na escola e a disciplina favorita era Matemática. Jorge pensa que o facto de ser arrumador de carros influencia a opinião sobre e é um fator de construção de preconceitos, nomeadamente, impõe-lhes o rótulo de "toxicodependentes".

## **3.2. Identidade do arrumador de carros**

Relativamente à perceção sobre a atividade de arrumação de carros, os entrevistados têm uma imagem negativa e associam esta prática a sentimentos negativos e discriminatórios e a forma como, "os outros", os percebem. "Arrumar Carros é Vergonhoso...É uma necessidade...Tem de ser não há mais nada" (Carlos).

Para João, arrumar carros "é uma necessidade para não se roubar, arruma-se os carrinhos...há dias melhores e dias piores" (João Negrão, relato biográfico). De mencionar que

João já arruma carros no mesmo sítio desde 1991. Também António Pereira, diz que arruma para, "ganhar algum e não andar a roubar", se fosse para roubar era algo que o deixasse "bem na vida". Manuel Diogo também menciona, que apenas arruma carros, porque, "não há emprego. Não há nada...às vezes nem para comprar um papo-seco nem para o vestuário, mas vai dando para ir vivendo..." (Manuel, relato biográfico). Manuel é o único arrumador licenciado no conjunto total dos participantes. Contudo, não se encontrava identificado, medida imposta pela câmara e cuja ausência poderá incorrer numa multa. Apesar de não o ter usado, quando realizei o relato biográfico, Manuel conta que, "nunca tive problemas com a polícia...tenho a minha licençazinha (sic)...agora os meus colegas...".

Tal como já tinha observado Matias e Fernandes (2009), estes sujeitos estão cientes de que são socialmente considerados como criminosos e por isso sentem-se marginalizados e estigmatizados. A sua identidade é marcada pelo estigma de “drogado” e “ladroão”: “Quem vê ali um arrumador diz assim: «é uma miséria, um desgraçado, um pobrezinho... é um vândalo”. É ainda interessante verificar que alguns arrumadores discordam com os preconceitos sociais comumente veiculados pela opinião pública de que exercem esta atividade porque não querem é trabalhar mesmo tendo vivido a experiência de ser arrumador. Não arranjam um emprego por diversas razões desde a idade, à falta de oportunidades, ao fato de não estarem inscritos no centro de emprego, devido à burocracia e aos requisitos.

Quando João foi questionado sobre, como pensava que as pessoas o viam e se tinha reconhecimento, o mesmo mencionou sucessivamente que não, pois segundo o mesmo, "...muita gente faz mal aos carros e abusa das pessoas e obrigam...parece que, obrigam as pessoas...a dar-lhes alguma coisa e as pessoas não são obrigadas a dar nada!". Carlos tem uma boa relação com todos os seus colegas, mas defende que "a sociedade vê-nos muito mal". Quando o questionado sobre uma solução o mesmo respondeu que, "isso era mudar todas as mentalidades".

"Hoje tou a arrumar carros a minha vida não é arrumar carros...A minha profissão é motorista, sempre foi motorista. Tenho carta há trinta e tal anos de pesados e ligeiros, taxista dez anos em Lisboa. Eh pa!...grande história da minha vida, mas é tanta coisa que já se passou na minha vida e então, isto agora é uma necessidade ...porque não tenho um trabalho fixo ou porque eu também não quero ter um trabalho bem fixo eh pa alguns né? Há patrões e patrões...há...há...bons patrões e maus patrões e...o bom patrão não é fácil de encontra" (António, arrumador de carros).

António é o único participante, que menciona, que não quer um trabalho fixo devido à subjetividade dos patrões, o que me leva a concluir que gosta de usufruir da flexibilidade de horários e de rendimentos, que consegue auferir através da atividade. "Não há trabalho, mas uma pessoa tem de se jogar a qualquer coisa pra (sic) não fazer asneiras não é? Pois, arruma-se uns carrinhos e espero pela caridade das pessoas, de cada um...e o que eles podem ajudar dão... há muitos que não dão nada.

Eu gosto de trabalhar, mas com a minha idade, já ninguém me dá trabalho, com a idade que eu tenho ninguém me dá trabalho e então a vida mais coiso...mais...um bocadinho mais fácil que roubar né?" (João Negrão). João menciona a sua idade, o desemprego, a falta de oportunidades e "para não roubar" como as razões que o levaram a ingressar por esta profissão.

Apesar da perceção negativa ou dos sentimentos negativos que esta atividade provoca justificam-na com a necessidade e com a ideia de que "é preferível arrumar carros que roubar" ou que "não sei roubar". Relativamente às associações comumente relacionadas com os arrumadores de carros, como por exemplo, riscar os carros ou furar os pneus dos automobilistas que não dão moeda, referem que existem pontualmente, mas atribuem a prática desses atos a outros arrumadores. Normalmente "a ressacar" e que se encontram ainda dependentes de estupefacientes e que são "episódios raros" e que, "por causa desses pagam os outros". Estes atos e algumas atitudes mais agressivas foram apontados como prejudiciais para a imagem dos arrumadores. "Anda aí um gajo (sic) vestido de vermelho, esse anda na droga, mal-encarado, mal vestido, não sabe falar às pessoas e quando pede moeda às pessoas e não lhe dão responde mal e faz ameaças que vai fazer mal ao carro se não lhe der moeda..." João menciona ainda o episódio que culminou com a expulsão e a presença todos os dias das 9h às 19:00 de um guarda diurno nos parquímetros da EVA, devido a abusos de confiança entre arrumadores e clientes. João relata que havia um rapaz novo, que chegava a cobrar vinte euros por carro, além daquele que os clientes já pagavam para estacionar o carro no parquímetro, refere que acontecia mais vezes com "estrangeiros".

Arrumar carros não tem nada...o pior daqui são as bocas que "os outros", opinião pública, tecem, como por exemplo, "vai trabalhar malandro...e coisas assim" (Hélder). A indiferença, a incompreensão de alguns clientes para com os arrumadores de carros é o que Hélder menos gosta.

Parece existir, por um lado, uma atitude de desculpabilização quando justificam estes atos como retaliação do comportamento dos automobilistas e por outro lado, uma atitude de

atribuírem esses comportamentos a terceiros e, por isso, fortemente penalizada (“Que é que eu faço? Se eu os apanho é logo. Porque depois a gente é que as paga”, (João Negrão). Foi ainda referido que este tipo de comportamentos acontecem com menos frequência, “isso já lá vai isso era antigamente” e que na zona onde João e o irmão António costumam trabalhar, o facto de já lá estarem desde 1991, por conseguinte já dispõem da confiança das pessoas que utilizam o parque, bem como dos moradores daquela zona, como o mesmo refere, "nós não temos problemas...aqui já todos nos conhecem, sabem que não fazemos mal aos carros e que cuidamos deles, quando vemos alguém que quer fazer mal...".

A propósito das estratégias e como importantes para melhorar a imagem dos arrumadores destacam como essencial uma “postura adequada”, o “respeito” e a “educação”. Também foram referidas como posturas adequadas o “ter uma boa imagem” e “não pedir moeda”. A moeda não é pedida de forma explícita, nem o cliente é coagido a dar moeda, o que está em linha de acordo com os dados empíricos recolhidos. Como vantagens ou aspetos positivos da arrumação de carros realçam a facilidade de fazer dinheiro diariamente e a relação que estabelecem com alguns clientes: Quintério: " O que é que eu gosto mais é de arrumar carros as pessoas dizem que eu sou boa pessoa e sei trabalhar".

Relativamente à relação com os outros arrumadores, mantêm a proximidade caracterizada por bons relacionamentos e entreajuda: “É boa. A minha relação com toda a gente é muito boa. Tudo dentro do respeito. Há respeito existe tudo, não há respeito não existe nada”. Amiga a gente aqui lidamos uns com os outros, temos...temos todos o mesmo conjunto...não...não somos maus uns pós outros" (Hélder, arrumador de carros).

No que concerne à relação com a polícia, os arrumadores de carros entrevistados referem que não é boa e que chegam mesmo a existir conflitos. Desde essa altura que aumentou a vigilância nos parques e têm sido aplicadas multas para dissuadir a prática da arrumação de carros: “já há multas de 60 euros e tiram-nos o dinheiro...”. Esta situação aumenta a possibilidade destes indivíduos virem a ter problemas como a justiça e agrava o sentimento de discriminação: “vi há 3, 4 meses uma situação inadmissível da polícia, chegaram lá "oh amigo você aqui não vai arrumar", “tudo bem”. "Mas houve lá um polícia que ou não gosta do rapaz ou não sei o quê, saí lá dentro da carrinha, com aquele chicote... Sim, com o bastão... e o rapaz saiu de lá moído...".

### **3.2.1. Observações do investigador**

Dos casos entrevistados saliente-se a diversidade de ruturas que antecedem a prática de arrumação de carros: familiares, habitacionais, com o mercado de trabalho, com a escola ou com a saúde. Todos os entrevistados relataram um percurso profissional caracterizado normalmente por uma sucessão de trabalhos precários ou trabalhos informais, sem efetuarem descontos para a segurança social e daí não terem qualquer tipo de subsídio. Também no que concerne às relações familiares verificam-se ruturas: o Hélder vive sozinho, já não tem pais e a família é distante, o João mantém um contato diário com o irmão, ambos partilham a mesma profissão, mas vivem em casas separadas, sendo que no caso do João, vive mesmo numa casa abandonada, sem condições de higiene e saneamento básico, com “ratas enormes”, que passam por cima dele, o António teve o seu problema de saúde, o que lhe custou a profissão de taxista em Lisboa, deixando de ser capaz de fazer dinheiro para sustentar a mulher e a filha, teve de deixá-los e vir para o Algarve. O Carlos mantém contacto com um irmão que está no estrangeiro a exercer a profissão de serralheiro e pretende voltar a trabalhar na sua profissão de sonho junto do seu irmão na Finlândia. Quintério vive com um casal amigo, tem família, mas é distante, não mantém uma relação quotidiana com eles.

Os irmãos António e João Negrão mantêm ambos contato distante com a família. Quintério vive com amigos, desconhece-se as razões pelas quais optou por viver com amigos. É ainda significativa a prevalência de situações de fragilidade ao nível dos laços familiares desde a infância/ juventude. Dois viveram situações de disfunção familiar, na qual o pai era alcoólico, batia na mãe e era uma pessoa, “sem sentimentos, especialmente, quando bebia muito...”. Um foi para a casa da avó, que cuidou dele até uma certa idade em que começou a trabalhar. Na maior parte das situações a ausência de afetos, atenção e manifestação de amor e afeto é visível.

### **3.3. Categorias de análise**

#### **3.3.1. Infância:**

Carlos passou por uma infância complicada, que a meu ver era típico para aquela altura, numa família paternal, em que o pai era a figura de poder no centro familiar. Carlos viveu com os seus avós. Não consegui saber a razão, mas talvez porque os pais não tinham tempo para tomar conta dele. Nas palavras do mesmo, “São boas...boas...eu fui criado com os meus avós, tenho boas recordações deles, pois eu era filho de pai alcoólico. Pronto tudo isso foi ultrapassado e a minha infância pois, tudo o que eu me lembro da minha infância até aos

dezasseis anos, foi passado com os meus avós. Depois a minha mãe foi-me buscar, o meu pai também à casa dos avós e comecei a trabalhar”.

Por sua vez, António Negrão recorda com carinho os momentos que passava em família no Natal. Para ele a família era o mais importante apesar dos conflitos familiares e de o pai ter sido alcoólico e da violência doméstica. A família era de carácter patriarcal, ou seja a figura masculina era o centro do poder familiar, como o mesmo refere, ““Os jantares que a minha mãe fazia ao domingo Fazia o natal, mas depois punha os sapatos...à...à...à chaminé que era o...vinte e quatro (...) e távamos a gente todos juntos”.

No caso de Quintério de Jesus, também ele natural de Faro, não se recorda muito da sua infância. Dos seus tempos de infância apenas se lembra quando andava na escola primária na conceição de Faro, como menciona, "as melhores recordações era quando eu andava na escola primária na conceição de Faro (...) Sou daqui de Faro".

João Negrão, irmão António, revela que o que se lembra melhor é da “porrada” que o pai lhe dava, quando chegava a casa alcoolizado. Teve uma infância marcada por violência familiar. Como vem de uma família humilde e grande, com muitos irmãos, sem grandes posses, invejava os brinquedos dos outros meninos. Segundo palavras do mesmo, "...ui, a porrada que levei a monte, maltratado pelo meu pai e pronto e é assim. Muito maltratado mesmo...Ui (...) não me lembro, não tinha nada pa gostar, invejava-me dos brinquedos, não tinha nada, pois era pobrezinho, a minha mãe tinha muitos moços, muitos filhos né? (...) meu pai huh...tá bem, não era má pessoas, mas com o álcool era ab...pronto os filhos é que pagavam, é o filho, a mãe".

Manuel Diogo é o único participante com dupla nacionalidade. Manuel tem dupla-nacionalidade: Alemã e Portuguesa, tendo nascido na Alemanha e veio para Portugal para cumprir o serviço militar que era obrigatório na época. Fez ainda um Curso de Sargentos. Por isso a sua infância foi passada na Alemanha. Como diz, "nasci na Alemanha, tenho dupla nacionalidade (...) doença crónica. Isso já nasceu comigo e há de morrer comigo. Tenho arritmia cardíaca (...) isso era sopro ao princípio e passou a arritmia (...) tive um ataque cardíaco. Tinha sopro, passou a arritmia. Tava aqui a arrumar carros...olha...tá a ver como é uma família? Foram eles que pegaram de mim e me levaram ao hospital".

No caso de Jorge Manuel, "...não consegui arranjar mais trabalho e então dediquei-me a estacionar uns carros, pois não...não se ganha muito, mas prontos é melhor do que andar aí a roubar e a fazer outras coisas, que possam...prejudicar as pessoas".

### **3.3.2. Adolescência**

Jorge não conseguiu completar a sua formação e teve mesmo de abandonar precocemente a escola, teve de iniciar a vida profissional durante a sua adolescência, para arranjar dinheiro para viver, "...quando andava à escola, pois até à data que tive a estudar... Alguns trabalhos".

António e João eram rapazes conhecidos no seu bairro, não pelas melhores razões, algo que poderá ser reflexo ou não das características do seu meio familiar, um meio familiar conflituoso e violento e poderá ter influências a nível comportamental e relacional, referem que, "nós eramos gajos afamados né? No sentido pejorativo (...) nunca gostei do...do...do... meu bairro".

Carlos revela que a sua infância e mais de metade da sua adolescência, foi passada dos avós, porque os pais não tinham tempo, nem condições para o ter, onde frequentou a escola e estudou. Teve de abandonar os estudos aos dezasseis anos começou a trabalhar e a estudar à noite, mas o pai não apoiava a sua decisão. Menciona que, "...até aos dezasseis anos, foi passado com os meus avós (...) eu estudava, sempre quis estudar e depois comecei a trabalhar e a estudar à noite, mas o meu pai não concordava muito que eu estudasse".

### **3.3.3. Profissão - O que é ser arrumador de carros?**

O que todos têm em comum é o fato de se encontrarem desempregados e a maior parte, nem sequer se encontra inscrita no centro de emprego. Como meio mais fácil de fazer dinheiro, fácil mais segundo os entrevistados, para evitar roubar ou "fazer mal", recorrem a esta atividade para ganhar alguma coisa para sobreviverem. No caso de António Pereira, ser arrumador de carros é não ter horário fixo para trabalhar. Pode trabalhar mais cedo, ou mais tarde. Revela a flexibilidade de ser arrumador de carros, como algo positivo, mencionando assim que, "Isso (arrumar carros) não tem horas certas pah!! (risos) Não tenho horas pa...horas certas pa trabalhar, atão tou aqui logo há duas horas, à noite passar mais duas, como posso".

Manuel Diogo tem capacidades para ser estocador e pintor. Apenas arruma carros, porque não encontra outro trabalho para auferir o mínimo para viver, "ser arrumar é...não ter trabalho, a minha profissão é estocador, pintor estocador...".

Para Jorge Manuel, ser arrumador de carros é estar desempregado e não haver outras possibilidades de trabalho, que lhe permitam auferir o montante suficiente para o quotidiano, sendo assim a única possibilidade que tem de fazer dinheiro, sem praticar atos ilícitos. A

imagem, enquanto aspeto físico, é algo que “danifica” a imagem do arrumador de carros, associando-a à toxicodependência. Ao contrário de outros participantes, Jorge encontra-se inscrito no centro de emprego, mas até hoje ainda não conseguiu arranjar outro ofício e não tem um local fixo para arrumar carros. Por palavras suas, Jorge menciona que, “...tou nesta vida...pois vai-se arrumando uns carrinhos e vai-se ganhando, pelo menos pa se comer alguma coisa e pra comprar o tabaquinho (...) tou inscrito no centro de emprego já algum tempo...tenho lá a ficha de inscrição e a partir daí, não consegui arranjar mais trabalho. E então dediquei-me a estacionar uns carros, pois não...não se ganha muito, mas prontos é melhor do que andar aí a roubar e a fazer outras coisas, que possam...prejudicar as pessoas (...) Pois...é uma profissão que normalmente a gente fica um pedacinho queimados, porque as pessoas geram um arrumador de carros, uma pessoa toxicodependente, não é? (...) Prai (sic) uns dez anos (duração da atividade) (...) Não...costumo andar aí de um lado pro outro”.

Na opinião de Carlos, ser arrumador de carros e arrumar carros é vergonhoso. Apesar disso continua a arrumar carros, pois tal como outros seus colegas, as possibilidades de encontrar outro trabalho/emprego são poucas ou inexistente, como o mesmo diz, “olhe, pra mim é vergonhoso, pra é vergonhoso digo-lhe já, tou...nesta situação, porque não tenho ah...trabalho...pronto”.

João Negrão revela que o desemprego é o principal fator, responsável por ser arrumador de carros. Tal como Jorge, é uma forma de auferir rendimento e evitar a prática de crimes. João já arruma desde 1991 no mesmo parque de estacionamento junto ao estádio de S. Luís. João revela algumas dificuldades, mas apesar disso, continua a fazer o que consegue todos os dias da semana, nunca pedindo a clientes por moeda. Como diz, “é assim não há trabalho, mas uma pessoa tem de se jogar a qualquer coisa pra não fazer asneiras não é? Pois, arruma-se uns carrinhos e espero pela caridade das pessoas, de cada um (...) é o que eles podem ajudar dão, há muitos que não dão nada, nem bom dia dizem e é assim...é o dia-a-dia”.

Na perspetiva de Hélder, arrumar carros é uma atividade que se resume a moedas, não dá para acumular riqueza, ter uma boa qualidade de vida e por vezes ser as suas necessidades básicas satisfeitas, como a alimentação ou o vestuário, “ora bem...isto aqui, isto é um...é uma coisa, é umas moedas...isto aqui um gajo não ganha grandes fortunas. Mal dar isto um gajo comprar um papo-seco isto é que...tem dias que nem faz aqui, nem, nem pa comer uma sandes...”.

Ser arrumador de carros, para António Negrão, é ser livre, sendo também a possibilidade de conhecer pessoas e estabelecer laços sociais. O espaço que partilha com o irmão João, é um local onde os clientes que costumam usufruir do parque regularmente já os conhecem e sempre que aparece alguma viatura vandalizada, os utentes do parque já sabem que não foram os irmãos Negrão, pois os mesmos consideram-se mais do que arrumadores de carros para com os seus utentes, ou seja, a confiança que têm dos utentes, dada o seu longo período de atividade no terreno. António, menciona que, “é assim, olha...é...é mais huh...é um bocado mais livre (...) conheço as pessoas, são pessoas amigas, o único parque que a gente trata por tu é este, as pessoas tudo da boinha (sic) com a gente, olha que não tenho, logo te dou amanhã na boinha (sic) logo me dá e depois às vezes é ofertazinhas daqui, dali, dali...Os paraquedistas vêm aqui, riscam os carros às pessoas, só que as pessoas sabem que nós nunca fazemos isso (...) já sabem que se isto aparecer aqui assim não somos nós”.

Quintério de Jesus encontra-se também desempregado e não recebe apoios económicos e sociais, como tal a solução que encontra é arrumar carros. Não é auferir muito, mas o suficiente para não passar por necessidades. Quintério não gosta que interfiram com o seu trabalho e o que gosta mais quando arruma carros é o reconhecimento e valorização, que os seus clientes lhe conferem. É arrumador há cerca de quatro anos. Posteriormente recebia apoio da segurança social, possivelmente, o rendimento social de inserção (RSI). Basta-lhe três horas por dia de manhã, no parque de estacionamento do mercado municipal de Faro para conseguir o valor que considera ser suficiente. Nas palavras do mesmo, "arrumar carros é uma pessoa que não tem trabalho, não tenha nada não (...) dá pra uma pessoa se desenrascar (...) O que é que eu gosto menos? É que se tejam a meter no meu trabalho (...) O que é que eu gosto mais é de arrumar carros e...as pessoas dizem...que eu sou boa pessoa e sei trabalhar (...) Há uns quatro anos. Já arrumei mais tarde, mas e po (sic) parei...arrecebi uma cena da segurança social não é? E agora há quatro anos, que eu tou a trabalhar outra vez nisto. Três horas, três horinhas. Tou sempre aqui na praça. De manhã tou sempre aqui, das nove ao meio-dia tou sempre ai" (Quintério de Jesus).

Manuel Diogo, também ele desempregado, reconhece que a atividade de arrumador de carros não permite auferir elevados montantes, mas apesar disso, consegue controlar e fazer gestão dos rendimentos que consegue auferir num dia. Mantém um nível de vida equilibrado, evitando gastar logo tudo o que ganha num dia. A experiência de vida de Manuel e as dificuldades, que passou e algumas que ainda passa, permitiram-lhe pensar e gerir a sua vida de um modo mais moderado. Segundo palavras suas, "eu consigo juntar dinheiro! É que

eu...admira-me é essas pessoas que não conseguem, mas eu consigo juntar dinheiro! Eu chego ao fim do dia sempre com dez, doze, treze, catorze e quinze no bolso...eu não me estico. (...) Vou ao cafezinho, tomar o meu cafezinho, ainda hoje fui ao restaurante, três euros e vinte a refeição (...) há pessoas que não andaram tanto como eu sabe? Não sabem o que é querer e não ter. Não sabem o que é querer e não ter" (Manuel Diogo).

#### 3.3.4. Profissão de sonho/Sonhos/Profissões Anteriores

Ser arrumador de carros não é profissão de sonho para nenhum dos participantes. Todos eles aspiram um dia concretizar os seus sonhos e exercer outra profissão e tal como acontece na maior parte dos casos, não só neste ramo, têm de fazer o que há, contra a sua vontade na maior parte dos casos. Contudo, cada caso é um caso e como tal, cada entrevistado possui um sonho diferente do anterior. Manuel Diogo aspira um dia voltar á fábrica de rendas e teares. Tem boas memórias e foi o momento da sua vida profissional que mais o satisfaz a todos os níveis, contudo é complicado, pois a fábrica encerrou há algum tempo, mas ainda tem esperança que voltar a trabalhar em rendas e teares, noutra fábrica do mesmo género, “voltar à fábrica. Fábrica de rendas. Uma fábrica de teares. Adorava trabalhar lá outra vez! Ai se houvesse uma oportunidade era logo, arrancava logo! É um trabalho que dá gozo, é um trabalho lindo! O Vale do Ave, foi à falência (...) se houvesse uma oportunidade era logo, arrancava logo!".

A profissão de sonho de António Pereira, passa pela materialização desse sonho, que não vai-se remeter apenas ao mundo da fantasia. António demonstra uma força de vontade e convicção de que um dia vai ser escritor, vai viajar pelos cantos do mundo. Não pretende escrever algo sem conteúdo nem sentido. Outro grande sonho de António é voltar a ter a guarda dos seus filhos, que vivem com a mãe em Lisboa, fruto de divórcio. Segundo palavras do mesmo, "porque os sonhos, muitos, é muita fantasia e eu tou farto de fantasia...e então vou viajar por esse mundo fora. Vou escrever aquilo que vejo, mas coisas com algum conteúdo, não é escrever à toa! (...) Olha o que é que eu quero? É os meus filhos".

Jorge Manuel não revela qualquer sonho ou profissão de sonho em específico. Quando questionado, apenas menciona que está inscrito no centro de emprego e que tem várias profissões de sonho, revelando que já foi empregado de mesa. O que poderá indiciar que o seu sonho é arranjar um trabalho, algo diferente, que possibilite melhorar a sua qualidade de vida, "...já fui empregado de mesa...e agora tou inscrito".

Ser arrumador de carros não é um trabalho “normal” para Hélder. O que Hélder mais deseja é encontrar outra profissão, algo diferente, algo que não o faça pensar em arrumar carros

logo de manhã. Como diz, "...a coisa que eu mais queria era mudar. Uma profissão que eu...pa puder me levantar de manhã e olha, em lugar de vir a pensar arrumar carros...um trabalho, pronto...um trabalho normal. Nem que fosse huh...apanhar as pedras da estrada, hehe".

António Negrão menciona que, em vez de arrumar carros, gostava de trabalhar no armazenamento, na reposição. António possui quatro cursos, entre os quais, práticas administrativas e telecomunicações, mostrando uma rápida capacidade de aprendizagem. Segundo o mesmo, "gostava de trabalhar em armazém (...) na reposição (...) tirei práticas administrativas, tirei telecomunicações, tirei uns quantos cursos pah...alguma coisa ficou, mas...o computador. Quando eu fui pra lá nem sequer sabia mexer num computador, mas dominava aquilo tudo, de um momento pro outro comecei a dominar" (António Negrão).

No caso de Quintério de Jesus, o mesmo queria ir ao Estado e alterar a legislação vigente, considerando que as leis são "péssimas". Quintério gostava de mudança social, legislativa e jurídica, considerando mesmo acabar com os estabelecimentos prisionais, alterava a constituição, adicionando a pena de morte, para as pessoas que desrespeitassem os outros, com a finalidade de impor uma sociedade respeitadora e sem conflitos. Quintério revela ainda que já foi saudável, nos tempos que trabalhava na calçada e vendia pedras para estrangeiros. Quintério sofre de diabetes tipo dois. Por suas palavras, "gostava de ir ao Estado e mudar as leis. As leis do Estado. Porque as leis tão péssimas! (...) Acabava com as cadeias e metia pena de morte prá s pessoas que chamassem ou filho da puta ou...certos nomes...a certa gente, punha pena de morte logo. (...) Assim as pessoas não faziam problemas. (...) Porque isso é prá s pessoas não se chatearem umas com as outras. (...) Isto daqui mais ou menos dois, três anos isto é guerra (...) Já tive saúde, trabalhava na calçada, vendia pedras pros camones".

Carlos não aprofunda, quando questionado. Sempre foi serralheiro até ter ficado desempregado e voltar para Portugal, quando cá chegou arrumar carros foi a sua única possibilidade de trabalhar e auferir alguns rendimentos. Carlos gostava de continuar a exercer a sua profissão de serralheiro e como sonho, aspira trabalhar na força aérea, na manutenção dos aviões, "por profissão sou serralheiro (...) era trabalhar na força aérea".

### **3.3.5. Escola**

O caso de Manuel Diogo é uma exceção entre os participantes. É a única pessoa que concluiu o décimo segundo ano. Contudo parou por aí para ingressar na vida profissional. Os restantes participantes concluíram o ensino básico, mas tiveram de abandonar a escola, quer por motivos económicos para ajudar a família, por vezes numerosas, mas também pela pressão de

familiares, que eram contra a continuação dos filhos nos estudos e foram "obrigados" de certa forma a ingressar no mundo do trabalho e abandonar os estudos, havendo mesmo um participante que trabalhava de dia e estudava de noite. Por suas palavras, "décimo segundo ano completo. Olha eu tenho eu tenho geriatria, *merchandising* e não consigo trabalho" (Manuel Diogo).

António Negrão não elabora muito sobre a escola, devido a dificuldades de memória. Concluiu a quarta classe e quando andava na escola praticava futebol, "...fiz a quarta classe (...) só futebol...".

Jorge Manuel revela que frequentou a escola, não mencionando o nível de escolaridade. Contudo, menciona que enquanto andava na escola começou a trabalhar, exerceu várias atividades laborais, o que poderá significar, que abandonou o ensino para começar a vida profissional. Dos tempos de escola, recorda-se que praticava basquetebol e a sua disciplina favorita era Matemática, "...quando andava à escola, pois até à data que tive a estudar, pois...Huh...ahu...arranjei alguns trabalhos (...) Sim, pratiquei basket (...) era Matemática".

No que diz respeito à escola, Quintério de Jesus recorda-se dos manuais escolares e de jogar futebol. Durante a escola primária, praticava futebol e artes parciais e foi durante esse período que aprendeu a ler e a escrever. O que se recorda melhor é um conflito que teve nos tempos de escola. Segundo as palavras do mesmo, "...dos livros da escola pra jogar à bola. Era o futebol, ou futebol ou artes marciais (...) da escola primária, quando andava lá na escola primária, quando comecei a aprender a ler e a escrever (...) a melhor memória epah...uma vez que andei à luta na escola...fizeram-me aqui um coiso...andei à porrada né? Andei à porrada e era uma mão cheia deles (...) eu virei uns quantos e também heheh viraram-me a mim hehehe".

João Negrão frequentou a escola. Possui diversos cursos e formações. Quando acabou a escola foi para a tropa. O que gostava mais dos seus tempos de escola era o intervalo e as atividades durante o mesmo, tais como jogar futebol e jogar ao berlinde. Como diz João, "tive numa casa de onde eu...estudei. Tirei vários cursos e pronto fiz-me um homem e lá, tirei e vim pa tropa e pronto (...) Eh! Pois era jogar à bola, já sabes como é que é, era jogar à bola, no recreio é que eu gostava mais (...) jogar ao berlinde".

Manuel Diogo frequentou a escola até completar o ensino secundário. Não ingressou para o ensino superior, optou por começar a vida profissional. É especializado em geriatria e *merchandising*, apesar do seu nível educacional e formativo, não consegue encontrar emprego,

"tenho geriatria, *merchandising* e não consigo trabalho. Décimo segundo ano completo e nada" (Manuel Diogo).

### **3.3.6. Relações com colegas arrumadores**

Os resultados neste campo são contrários à opinião pública e ao senso comum. As relações entre colegas são caracterizadas pelo respeito, pela amizade e pela solidariedade entre os mesmos, salvo algumas exceções em que os colegas são problemáticos com os clientes, ameaçam e vandalizam viaturas, pois isso deixa mal visto a figura do arrumador de carros. Contudo como João me disse e pelo que vi durante as entrevistas que realizei ele é adorado pelas pessoas daquele parque e já o conhecem bem, pois já está no parque desde 1991. Existe uma organização e disciplina, no sentido em que o mesmo parque é dividido entre quatro pessoas, porque existem consenso na divisão dos lucros e que, "não se deve ser ganancioso é preciso repartir. Temos de ser uns para os outros", como referem Manuel e João.

Manuel Diogo habita num quarto alugado com mais outro colega, com quem divide a casa e ajudam-se mutuamente. Manuel tem uma boa relação com os seus vizinhos, tem boas amizades e é solidário com todos, não tem conflitos com ninguém. Quando questionado, menciona que a relação é, "cinco estrelas! Aqui a vizinhança, que eu moro aqui perto moro aqui por trás do prédio tenho...boas amizades, as pessoas respeitam-me. Não tenho problemas com ninguém, isto é grande, dá pa (sic) todos. Aquele colega que está ali é brasileiro e ele tá aí com uns problemas aí em cima dele...tou (sic) a ver se o consigo ajudá-lo, porque perdeu a documentação dele Tomos! Aqui é uma família!".

Hélder mantém uma relação de amizade e solidariedade, para com os seus colegas, são mais do que colegas mencionando que, "...vivemos como amigos. Somos...não temos...aquela maldade uns pós outros, somos...prontos... colegas...andamos aqui e somos camaradas". Quando questionado sobre as interações que mantinha com os seus colegas, Jorge Manuel não se alonga, mencionando apenas que, "é boa", o que poderá revelar ausências de conflitos.

Quintério de Jesus, apenas revela que durante a tarde, o que confirmo através de deslocações de manhã e de tarde ao local onde trabalha, costumam estar com frequência duas a três rapazes a arrumar, "às vezes passo aí (parque do mercado municipal de Faro) e coiso e nunca vejo aí ninguém, mas...huh...hão de vir mais moços, mais dois ou três moços que vêm sempre aí à tarde".

Os participantes, embora trabalhando em sítios diferentes e a horários diferentes conhecem-se uns aos outros e são solidários uns com os outros. Durante as conversas que

ocorriam após os relatos biográficos, Carlos revelou que é voluntário na PRAVI, uma instituição que acolhe e cuida de animais e que também ajudava João, com a ração para seu cão, que os animais da instituição não consumiam. Como refere Carlos, quando lhe perguntei se conhecia João Negrão, "eu por acaso ajudava muito o João, eu dava-lhe alimentação pro cão, claro, pois mas aqueles animais de lá, não comem, certo tipo de ração e eu então pra elas não jogarem fora, pra duas patroas jogarem fora, eu trazia e dava ao João, dava ao cãozinho dele".

Manuel Diogo tem uma excelente relação, quer com os seus colegas, quer com os seus clientes. É respeitado pelos colegas e clientes, em conjunto, organizam-se e estipulam o sítio do parque em que cada um vai arrumar durante aquele período de tempo, visto que, o mesmo parque chega a estar dividido por diversos arrumadores ao mesmo tempo, contudo quem chegar primeiro ao local, tem prioridade sobre aquele espaço. Manuel é o único arrumador de carros licenciado, mas não apresenta a identificação, que é requisito obrigatório para evitar multas e para permanecer legal. Para Manuel, todos os presentes, clientes e colegas são família. Existe entreajuda e solidariedade, são mais do que colegas que arrumam carros. De acordo com as palavras, "espetacular! (...) Cinco estrelas! Tenho boas amizades, as pessoas respeitam-me, não tenho problemas com ninguém cada um estipula um sítio, tu arrumas ali, tu arrumas aqui, tu arrumas acolá (...) durante o dia todo, cada um fica num sítio. Posso tar (sic) só de manhã, como posso tar só de tarde, como posso tar (sic) o dia todo, mas aquele sítio, eu chego lá, sou eu que arrumo lá! eu já sou licenciado, já tenho licença de arrumador, mas eu não quero estragar a vida aos outros! Isto é grande, dá pa (sic) todos (...) somos uma família, se um precisar de um euro empresta ao outro, se um...quiser beber um sumo, epah...pagas um sumo, toma lá vai buscar um sumo, não temos problemas nisso (...) isto é uma família, uma camaradagem enorme, ninguém faz mal a ninguém e deus! E deus nos livre de nós ver alguém a estragar um carro, que aí então é que a porca torce o rabo! (...) aqui, nesta zona, nunca encontras um carro estragado" (Manuel Diogo).

### **3.3.7. Relação com a câmara municipal, PSP e sociedade civil**

A câmara é vista pelos entrevistados, como uma entidade indiferente às dificuldades sociais e económicas, que estas pessoas atravessam. Pelo que me disseram, o papel da câmara é quase inexistente. As relações com as autoridades variam. De acordo, com o que me transmitiram, aos arrumadores que possuem licenças, as autoridades respeitam e deixam andar, mas àqueles que não as têm, pedem por elas, caso não as possuam retiram-lhe o dinheiro. Manuel Diogo, ao contrário dos outros participantes, não está preocupado com a câmara

municipal. Desconhecendo o fato, de que caso não apresente algo que o identifique e a atividade que está a exercer, poderá ser multado na mesma. As multas são da responsabilidade da câmara. A Polícia de Segurança Pública apenas sinaliza, identifica e controla a situação no terreno por assim dizer. Como refere Manuel, “eles (CMF) a mim não me dizem nada, eu tenho a licençazinha, ando despreocupado”.

António Pereira já foi abordado pelas autoridades, já foi à esquadra prestar declaração, a polícia fez o que tinha a fazer e já não tem preocupações. No que diz respeito às relações com os clientes, tem uma boa relação com aqueles (as) que têm uma boa relação com ele. Com quem não o respeita, evita relacionar-se. Por palavras suas, "conheço (...) conheço bem e então tá-se (sic) limpo (...) já me levaram fizeram o trabalho deles. (Autoridades). "Os que me tratam bem, eu trato bem. Os que me tratam bem, podes crer, que...eu respeito toda a gente que me trata bem. Agora aqueles que me desprezam...aqueles menos agradáveis em fora do conteúdo da vida, que eles tão fora”.

Carlos menciona que durante as deslocações da PSP ao local, membros da autoridade, tiram-lhes o dinheiro. Já prestou várias declarações e revela que faziam dele o que queriam. Contudo mencionam que nem todos tomam esta atitude, é subjetivo. Nas palavras do mesmo, "vem aqui polícia...por vezes...tiram-nos o dinheiro (...) quando...a polícia via essas minhas declarações, faziam de mim gato-sapato" (autoridades). "...há uns que até são acessíveis e há outros que tratam-nos mal claro, mas isso é...normal em todas as profissões". À semelhança de Carlos, também João Negrão menciona a atitude das autoridades, que por vezes, retiram-lhe o dinheiro e passam-lhe multa, dizem-lhe que, “é proibido. João menciona que não tem tantas dificuldades de comunicação, como os seus colegas, devido à cultura que, adquiriu desde a infância, dos ensinamentos dos pais, dos estudos, sendo mesmo poliglota, pois compreende e fala, inglês, francês, italiano, espanhol e português nativo, o que acaba por facilitar o estabelecimento de conversas e interações sociais," de vez em quando vem a polícia ainda me leva o dinheiro ainda me passa multa, diz que é proibido" (autoridades), "aqueles que arrumam carros, pois eu falo um bocadinho melhor que eles né? Muita gente nem português sabe falar são analfabetos (...) tenho um bocadinho de cultura, porque né ensinaram-me assim, eu cresci assim, estudei também, por isso comigo é mais fácil" (colegas arrumadores), "...falo um bocado inglês, francês, italiano, espanhol e a nossa língua. Que é o português e então as pessoas gostam da minha conversa e colaboram (clientes) comigo”.

Hélder é arrumador há pouco tempo. Hélder revela que, a PSP substituiu a ação de rua, que a CMF levava a cabo anteriormente. Hoje já não interage com membros da câmara, mas

com a polícia de segurança pública. A câmara afastou-se, o que revela o aumento do policiamento nos parques de estacionamento. O parque em que Hélder trabalha não é sujeito a pagamento. Nas palavras do mesmo, "não...agora o que eles mandam é vir a polícia em lugar de virem eles, essa é que é hehehe...a polícia é que eles mandam mais...".

António revela descontentamento para com a câmara. Crítica a falta de presença e de apoio aos arrumadores de carros e mais necessitados. Os únicos apoios e ajudas que recebe é de voluntários e de instituições, "aquela (camara) qualquer dia é menos camara, qualquer dia aquilo é privado (...) Não dão nada, não dão (...): Tem de ser uma pessoa, ou uma instituição, que se interesse".

Jorge Manuel tem uma boa relação com os clientes, é uma pessoa educada e trata todos bem. Menciona que, "às vezes já me conhecem dão-me moeda, outras não me dão...é assim", Jorge Manuel. O fato de estar no parque todos os dias, desde há quatro anos, Quintério de Jesus é conhecido dos clientes e das pessoas que frequentam o mercado municipal, "claro. As pessoas já me conhecem, já tão habituadas a mim, já sabem como eu sou Pra toda a gente, pra toda a gente! (simpático para todos)" (Quintério de Jesus).

Manuel Diogo menciona que tem uma relação com os seus clientes, colegas e com a câmara, exceto com a polícia, que quando se deslocam ao parque de estacionamento, "tiram o dinheiro todo à malta", menos a Manuel que encontra-se licenciado, mas não apresenta essa identificação. De acordo com Manuel, "a única que não é família é a polícia, que vem aí, saca o dinheiro todo à malta! (...) A minha não, que...que eu tenho licença não é? Mas eu bem vejo eles aí, chegam ali e sacam o dinheiro à malta toda (...) Eles a mim não me dizem nada, eu...eu tenho a licençazinha, ando...ando despreocupado (...) tenho...boas amizades, as pessoas respeitam-me. Não tenho problemas com ninguém (...) Eu sei que muita gente fala, fala, fala, mas não sabe o que está a falar".

### **3.3.8. Percursos internacionais/emigrações/migrações**

A grande maioria dos participantes já emigrou sobretudo à procura de emprego, em diversos países europeus. No caso de João, foi até à América Latina com o mesmo objetivo. Já Manuel nasceu na Alemanha, filho de pais emigrantes, também pelas mesmas razões e pela qualidade de vida. Manuel Diogo é o único participante com dupla nacionalidade, alemã e portuguesa. Nasceu na Alemanha, filho de pais emigrantes português, que foram em busca de melhores condições de vida. Regressou a Portugal, onde cumpriu o serviço militar, obrigatório na altura e realizou um curso de formação de sargentos. Hoje, encontra-se desempregado a

arrumar carros, arrepende-se de ter abandonado o CFS, como o mesmo menciona, “embora tivesse tado (sic) na Alemanha vinte anos. Sim, nasci, na Alemanha mesmo...Tenho dupla nacionalidade...nasci na Alemanha vim pa..vim pra...cumpri o serviço militar. Acabei por cumprir seis prontos tive a fazer o CFS, curso formação de sargentos...E depois por burrice minha saí. É que eu não estive só na Alemanha. Tive na Alemanha, tive em França, tive em Espanha, tive em Itália, tive nos açores, tive na madeira, pronto ai já corri a Europa (...) uns de gozo, uns de trabalho...uns foi a gozo mesmo outros foi a trabalho”.

Carlos também já viajou e trabalhar por diferentes países, em busca de melhores condições de vida. Já percorreu a Europa. Confessa que, nos países por onde passou, teve experiências negativas com colegas portugueses, que tal como ele, decidiram emigrar à procura de melhores condições de vida. Nos tempos em que trabalhava no estrangeiro, Carlos ganhava bem e tinha um estilo de vida acima da média e mundano. Refere que teve problemas da Islândia e foi obrigado a voltar a Portugal, desconhecendo-se os detalhes, que ditaram o seu regresso a Portugal. O mesmo confessa que, grande parte da riqueza que acumulou foi “mal gasta”, quando entrou para o “mundo das drogas”. A sua situação atual é deve-se, quer aos gastos que teve, enquanto consumia droga regularmente e ao fato de encontrar-se desempregado.

Contudo, Carlos é ainda dependente de metadona. Recorre ao GATO para terminar de vez com o vício. Pretende regressar para a Islândia para junto do irmão, pois a sua família também se encontra a viver e a trabalhar no estrangeiro. Nas palavras de Carlos, "já andei por toda a parte do mundo a trabalhar, já construí uma barragem na Islândia, na Holanda tou (sic) farto de ir pá (sic) Holanda trabalhar. Noruega, pa (sic) França...vim de lá à pouco tempo (...) Não me entendo muito bem, porque no mundo do estrangeiro diz que aonde há dois portugueses, um tá a mais e é verdade e é verdade, a questão de trabalho é verdade, porque tão-se (sic) sempre a lixar um ao outro, e por isso eu fugia do ambiente português (...) Tailândia, aruba (...) Caraíbas, pronto ao lado de Coraçau (...) mas pronto tive (sic) lá em aruba a trabalhar também, sempre a trabalhar! (...) foi sempre a trabalhar (...) Ganhava e bem, ganhava e bem (...) e depois regressei, porque tive problemas na Islândia e olha e depois caí no mundo da droga e foi a minha perdição...é verdade, mas...mas agora tou (sic) mais ou menos limpo, não tou (sic) totalmente, mas tou (sic) quase”.

Finalmente, também João Negrão é outro participante, com diversos percursos internacionais. Já foi emigrante na Venezuela, onde conheceu e teve um relacionamento amoroso, que não resultou e voltou para Portugal, seguindo-se Londres e França. Menciona que

já esteve noutros locais, mas não se recorda, e hoje encontra-se a arrumar carros. "Tive na Venezuela, tive em Londres, tive em França, sei lá por onde é que eu andei, mas pronto, agora tou (sic) aqui a arrumar carros, armado em urso...não tenho trabalho é assim" (João Negrão).

### 3.3.9. Família

Os casos neste campo variam. Existem pessoas que já não têm ninguém e vivem sozinhas ou com um colega. Existe também casos em que a família é doente e o participante não consegue viver com eles e optou por viver com um casal, que entre eles dividem os custos de vida e Manuel, que se encontra a viver com um amigo, porque a mãe já tem companhia e já ultrapassou o problema de saúde, que devastou ambos. Manuel planeia voltar para próximo da mãe, a única coisa que os separa é a distância.

Jorge Manuel não aprofunda muito sobre a sua família. Apenas referindo que é uma família doente e que tem mais uma irmã, mais nova que ele, "a minha família pois é uma família que tá doente (...) tenho mais uma irmã...".

António Pereira é divorciado. Divorciou-se da mulher e afastou-se dos três filhos. Devido a uma depressão e a antidepressivos, que resultaram no divórcio e na deslocação de Lisboa para o Algarve, bem como no abandono da profissão de taxista, a qual exercia em Lisboa. O pai de António teve um papel fundamental na recuperação de António. A sua mãe, não é mencionada. Como refere, " eu tenho três filhos, um com trinta e um, outro com quinze, outro com catorze".

António Negrão menciona os conflitos familiares e o alcoolismo do pai. Refere episódios de violência que o pai tinha com os filhos e com a esposa. Note-se que neste período de tempo, Portugal encontrava-se sob o regime do Estado Novo, a família era paternal, a figura do pai, do homem, correspondia a autoridade e respeito absoluto. O pai de António também não acompanhava os filhos, menciona que era a mãe, a responsável por cuidar de António e João e dos restantes três irmãos. Nas palavras de António, "o meu pai nunca foi um homem. (...) tava sempre debaixo do álcool e depois batia nos filhos, na mulher, batia no cão e tudo, nem o cão conseguia entrar em casa. O meu pai era assim (...) mas especialmente da...eu sou do tempo da sagrada família né? (sic) (...) a família era perfeita, mas depois...o meu pai nunca nos acompanhou, nunca nos acompanhou. A minha mãe era mais, a minha mãe era...tinha que dar para nós...éramos alguns cinco irmãos, cinco irmãos".

Quintério de Jesus não tem uma relação próxima com a sua família. Para ele é indiferente. Habita numa casa, com um casal amigo, que se encontra em prisão domiciliária, cabe a Quintério ajudar com as despesas e os custos lá de casa. Quintério desvaloriza a família, para ele, “é como se não tivesse”. Por palavras suas, “tou (sic) a morar ai com umas pessoas que conheci (...) Com um casal amigo...Com um casal que tem tado (sic) de pulseira. Pulseira quer dizer que tão presos em casa (...) e ajudo eles e eles ajudam-me a mim, (...) Vou às compras, pra eles, que eles não podem sair...o que eles mandam fazer é o que eu faço. E é assim é que se encontra e ir pra frente" (Quintério de Jesus).

O ambiente familiar de Carlos também não era o melhor. Recorda-se que o pai era alcoólico e dos conflitos familiares, mas isso não lhe afeta mais, já superou as possíveis sequelas que esses conflitos lhe causaram. Lembra-se também que até aos seus dezasseis anos, viveu e cresceu com os avós, após os dezasseis anos os pais foram-lhe buscar. Tem duas irmãs e dois irmãos, os seus pais já faleceram e em Portugal só tem amigos e colegas. Ambiciona, como já foi referido anteriormente, emigrar novamente, para exercer a profissão de serralheiro, junto de seu irmão, que se encontra na Finlândia, quando deixar por completo a metadona. Nas palavras de Carlos, "eu era filho de...pai alcoólico...huuuuh...mas pronto tudo isso foi ultrapassado até aos dezasseis anos, foi passado com os meus avós (...) Depois a minha mãe foi-me buscar, o meu pai também à casa dos avós (...) Olha os meus pais, faleceram, tenho a...duas irmãs, dois irmãos, todos no estrangeiro".

João Negrão, não elabora quando questionado sobre a família, pois António já tinha abordado o assunto. Contudo, João faz referência a diferentes ruturas relacionais, já se casou e divorciou várias vezes, hoje encontra-se solteiro. Perdeu o filho, acontecimento que o induziu numa depressão, que o fez entrar no mundo da droga, como forma de “escapar” e abrigo, "casei, divorciei-me, casei-me, divorciei-me, morreu-me a mulher, morreu-me o moço e eu passei-me da cabeça, como eu te disse da outra vez, joguei-me às drogas " (João Negrão).

O bem mais valioso na vida de Manuel Diogo é a sua mãe. Quando abordado sobre a família e sobre sua mãe, emocionou-se, pois tem saudades dela, que vive sozinha em casa própria no norte de Portugal. Manuel menciona que tem uma irmã, que também vive em casa própria, próximo da sua mãe. O mesmo relata, emocionado, que sua mãe teve um problema de saúde e foi ele que teve a cuidar dela nesse período de quase um ano, em 2014. Após a recuperação de sua mãe, Manuel, colocou-a junto de sua irmã, pois o mesmo recusa-se a viver da reforma de sua mãe e arrumar carros, sempre permite satisfazer as suas necessidades básicas

e a sua vida. Encontra-se a aguardar resposta para saber se teve acesso ao rendimento social de inserção ou não. Em palavras suas, "tenho uma mãe (78 anos) adorável. Já toquei no ponto fraco, prontos! (...) Eu estive agora...este ano, este ano que passou quase todo a tomar conta dela...desde o natal passado, não é deste, do outro passado, dois mil e catorze... (...) Ela esteve internada, esteve...enquanto ela não ficou boa, não vim! (...) a minha irmã (32 anos)...pus a vivê-la ao pé da minha irmã, que é pa (sic) estarem em mais contacto (...) eu pronto, não posso tar lá a viver da reforma dela. Aqui ainda dá pra eu comer (...) pa (sic) fazer a minha vida. É que lá não tinha direitos de nada, aqui ainda tenho direito a qualquer coisita. Parece, parece que me vai sair o RSI este mês, ainda não é certeza" (Manuel Diogo).

### **3.3.10. Necessidades/Condições de Vida/Subsídios**

Dos oito entrevistados apenas um deles está a receber o RSI. Todos os que estão isentos defendem que a burocracia, bem como a complexidade do processo e os seus requerimentos impossibilitam que a maior parte dos participantes tenham acesso a este subsídio. Por isso de destacar as dificuldades de acessibilidade. Nenhum se encontra em situação de sem-abrigo, mas uma pouca porção vive em condições miseráveis, numa casa abandonada, sem condições de higiene e saneamento básico, onde proliferam ratazanas.

Manuel Diogo refere que não tem subsídio de desemprego, nem rendimento social de inserção. Apenas conta com a solidariedade de voluntários da MAPS, que presta apoios na alimentação e vestuário, “não tenho subsídio de desemprego, não tenho nada, nem o RSI. Caso receba apoios económicos, nomeadamente o RSI pretende deixar de arrumar carros e voltar a viver com a sua mãe. Nas palavras do mesmo, “Nada. A única coisa que me está a ajudar é aqui uma...uma associação que é a MAPS é a única associação que me está a ajudar, de resto do estado disso não tenho ajudas nenhuma mesmo. A assistência social vem aqui diariamente, aqui há técnicos que andam, na rua mesmo, diários, vêm cá dar pequenos-almoços, veem se as pessoas precisam de roupa, se precisam disto, se precisam daquilo, não têm problemas nisso (...) Não devia nada, não devo nada a ninguém, que é o melhor que eu tenho. Tenho ali o meu quartinho, uma coisinha pobre, mas tenho. Não chove em cima que é o que interessa e agora vou ver, se vier...vou agora ao RSI, deixo ficar a direção ali na mesma, vou pá beira da minha mãe!".

António Pereira dedica-se a outras atividades além de arrumar carros. António é motorista, quando requisitado, é pintor também quando requisitado e vai ao mar, é mariscador. É um dos participantes que tem melhores condições de vida. António possui casa própria. Vive

na Travessia da Feira, em Olhão, “ não... (sic) ...arrumo só carros vou à ria, às ameijoas, ao berbigão" (António Pereira).

João Negrão confessa que passa por dificuldades graves. Habita numa casa abandonada e sem condições de saneamento básico, sem cozinha e em risco de ruir. Confessa também que antes de se tornar arrumador de carros, costumava ir aos depósitos de lixo e comer os restos de comida que encontrava, chegou até mesmo a alimentar-se de ração para animais. João encontra-se atualmente a desesperar por ajuda, por uma casa humilde, suficiente para ele, o irmão António e para o seu cão de estimação, que acolheu e é a sua companhia. Contudo, o seu animal foi atropelado e João vive agora sozinho. Como é possível constatar por palavras suas, "mal como eu passo... Vivo numa casa velha e não tem condições não é? Nem casa de banho tem, nem tem cozinha, não tem nada, não posso fazer comida e pronto e tou (sic) ali obrigado, porque não tenho mais buraco nenhum pra me por e gostava que tivesse uma casinha nem se fosse uma casinha com duas divisões chegava e uma pra por o meu canito (sic) também. É uma casa velha, é uma casa daquelas...oh... aquilo é (sic) ratas até parece, até mete medo... Pois uns empurram pa (sic) uns, outros empurram pa (sic) outros, uns empurram pa (sic) uns, outros empurram pa (sic) outros e ninguém resolve nada. É a segurança social, é a camara, é a segurança social, é a camara, ui é assim, não há nada pa (sic) ninguém! (...) claro que tenho, ma não, não sei, eles é que têm de ver primeiro as condições (...) Eu sou um sem-abrigo, praticamente, aquela casa, aquilo chove-me em cima, e é assim...não tenho uma casa de banho pra fazer as necessidades, tenho de fazer dentro de um saco de plástico (...) tenho que...pa (sic) me lavar tenho de...meto um garrafão, cortar um garrafão, um bocado, um bocadinho pa (sic) me lavar, atão (sic) isso é o quê?! Pa fazer a barba esta manhã." (João Negrão).

António Negrão menciona a forma como as dificuldades que o desemprego e a falta de oportunidades de trabalho afetam o seu quotidiano. António confessa que não vai recorrer ao rendimento mínimo e outros apoios económicos, pois teme cair “em tentação” e voltar para o mundo das drogas, é uma forma de não voltar a consumir. António desespera por uma habitação para ele e para o irmão João. Menciona que não existe interesse, nem preocupação no geral. Menciona que já teve diversas entrevistas para adquirir o RSI, mas até hoje, sem sucesso. António não abdica de pequenos prazeres, como beber uma cerveja. A Santa Casa da Misericórdia de Faro, providencia as alimentações diárias de António. Todos os dias, quando sai do parque desloca-se até à baixa para tomar almoço.

"Ah e como eu tinha sempre o meu trabalho ia...mas agora tem uma coisa comigo que é eu não vou tratar do rendimento mínimo pra me dar aquela tentação (...) não, não recebo, não recebo, mas já me disseram pra eu lá ir...agora eles vão...meter grandes entraves que é: tem de ser duas testemunhas, tem que ser isto, tem que ser aquilo (...) "Mohhh! Sabes o que é que eu queria que tu fizesses? Achavas um quatinho pra gente (...) Tem de ser uma pessoa, ou uma instituição, que se interesse...epá...quer...quer quero ir tratar do RSI né? (sic) (...) tenho consultas ali com o RSI lá da...da...dos serviços prisionais, ao pé do papa. (...) Hmm...mas...ma...não me dá vontade, não me dá a mim aquela vontade muito pra ir, chego ali, aqui...às...dez horas, às vezes vou lá pra baixo, pó jardim, bebo uma cervejinha, tomo alguma coisinha, tou (sic) ali, vou almoçar, depois venho até aqui, daqui vou ao...ao alto rodes...bebo uma cervejinha, vou pra casa, amanhã é outro dia" (António Negrão).

Jorge Manuel menciona que já teve outros trabalhos e que depois ficou desempregado, encontra-se inscrito no centro de emprego, "já algum tempo". Jorge Manuel recebe rendimento social de inserção, mas tal não o impede de arrumar carros, e continua com a sua atividade diariamente. Não menciona outras necessidades além de trabalho fixo, "Arranjei alguns trabalhos, só que depois huh...fiquei desempregado e tou (sic) inscrito no centro de emprego já algum tempo tenho lá a ficha de inscrição e a partir daí, não consegui arranjar mais trabalho e então dediquei-me a estacionar uns carros (...) tou (sic) nesta vida, pois vai-se arrumando uns carrinhos e vai-se ganhando, pelo menos pa (sic) se comer alguma coisa e pra comprar o tabaquinho" (Jorge Manuel).

Quintério de Jesus consegue auferir uma quantia fixa de vinte euros todos os dias, no parque do mercado municipal, o suficiente para a alimentação e para o seu dia-a-dia. Revela que sofre de diabetes tipo dois e que no Natal e esporadicamente os clientes habituais dão-lhe uma quantia elevada, como forma de reconhecimento e solidariedade. Por palavras suas, "não tenho trabalho, não recebo nada da segurança social e pronto...e aqui faço vinte euros todos os dias, dá pra mim comer (...) sou uma pessoa doente, sou diabético" (Quintério de Jesus).

### **3.3.11. Amizades/relacionamentos amorosos**

Todos eles não se encontram sozinhos. Têm uma rede de amizades que têm feito ao longo dos anos. O que referem é o facto de a distância os separar ou o facto de, "os amigos de hoje em dia contam-se pelos dedos de uma mão". Naturalmente, também estabeleceram relações íntimas com parceiras e tiveram namoradas, mas segundo o que consegui apurar, não

estão com as mesmas. Manuel Diogo conta com o apoio de amigos, que traz desde a adolescência. Contudo, encontram-se separados pela distância entre o Norte e Sul de Portugal. É frequente comunicar com eles todos os dias por telemóvel, "...tenho, mas não estão comigo estão cá em Portugal, mas tamos longe a distância é que nos tá a separar. A amizade não amizade ficou pra sempre ou eu ligo pra eles...ou eles ligam pra mim...tenho um amigo, que aquilo é todos os dias quer saber de mim!" (Manuel Diogo).

António Negrão revela que tem poucos amigos ou nenhuns, dos poucos que tem considera resumirem-se à categoria de amigos somente de nome. Confessa que sempre foi uma pessoa mais solitária, mas no que diz respeito a casos amorosos teve bastantes, considerava-se mulherengo. Nas palavras de Negrão, "amigos poucos ou nenhuns, amigos muito poucos ou nenhuns é...é...só amigos de nome...amigos poucos ou nenhuns, poucos ou nenhum (...) sempre fui um gajo mais solitário, andava paqui (sic) num café, noutro, noutro ah e depois mulheres era...era granda (sic) putanheiro grande putanheiro, do pior (...) vivi com umas quantas, umas duas ou três (...) tive várias namoradas...várias namoradas (...) mas eu queria ainda mais elas como escravas sexuais".

A qualidade é mais importante do que a quantidade, no que toca a amizades para Quintério de Jesus, que refere que é sempre bom ter amigos e apoio, "amigos, poucos... poucos, mas bons. É melhor ter poucos do que não ter nenhuns não é? Mas tenho poucos, mas bons, né? (sic) " (Quintério de Jesus).

### **3.3.12. Perspetiva para o Futuro**

Todos eles não querem continuar com esta profissão. Todos eles estão à espera que fazer algo que gostem de fazer, aguardam por uma resposta e por soluções, que lhes permitam ingressar na profissão que aspiram exercer. Contudo os mesmos referem que as perspetivas para o futuro são más e a tendência é a piorar. Todos querem realizar a sua profissão de sonho e os seus sonhos como menciona António Pereira, "epah...até aparecer...epah continuar não pá...sabes, sabes o que é que eu quero fazer? É viajar por este mundo fora, vou conhecer muita coisa deste mundo fora, é isso que eu quero fazer...não quero continuar a arrumar carros nenhuns". Verifica-se incerteza, quer do presente, quer do futuro, mas no que diz respeito a opções e decisões laborais a resposta é unanime, todos querem deixar de arrumar. A incerteza é visível no discurso de Jorge Manuel, "...pois...como isto tá...pois...não sei...pois se arranjar algum trabalhinho, pois deixo esta vida e sigo o meu rumo de trabalho...", ou na perspetiva de Quintério de Jesus em que, "as perspetivas pó futuro acho, que são muito ruins... (...) nunca

descontei pá caixa não é? Um gajo (sic) se descontar tem direito a uma reformazinha ao fim de um...de tantos anos né (sic)? (...) eu como nunca descontei não tenho direito a nada. Arrumo carros, o dinheiro que faço é pó dia".

### **3.3.13. Epifanias/episódios de vida**

Além dos problemas de saúde que sofreu, com os antidepressivos e os respetivos problemas de saúde (física/motora, visual e mental), António deixou de conseguir contribuir com dinheiro para ajudar nas despesas da família, o que resultou em conflitos familiares, que culminaram na rutura familiar. António perdeu a mulher e os seus filhos, que encontram-se a viver a Lisboa, enquanto ele encontra-se a viver no Algarve, sem entretanto constituir família. O que mais deseja é voltar para junto dos seus filhos. O percurso de vida de António Pereira é marcado por diversas ruturas, problemas de saúde e conflitos familiares. António é divorciado, é pai de três rapazes, todos eles a viver em Lisboa com a mãe. Até hoje, António responsabiliza o médico que lhe passou os medicamentos. A medicação teve implicações, primeiro a nível profissional, era taxista e deixou com nitidez, teve de abandonar a profissão e deixou de ser capaz de sustentar a sua família, viu a sua motricidade também afetada, além dos efeitos a nível psicológico. António sofreu uma pequena depressão e a quantidade de antidepressivos, revelam negligência média. A situação foi aumentando gradualmente e culminou com a separação da mulher, afastamento dos filhos, foi graças ao pai que deixou a dependência dos antidepressivos e conseguiu recompor a sua vida, mas viu-se obrigado a seguir rumo ao Algarve. Pelas palavras de António, "eu tive doente doze anos, perdi a visão e era taxista na altura e deixei de ver o táxi, porque não tinha olhos pa (sic) ver os números. A conta do... taxímetro. Em lisboa. Fui taxista dez anos em lisboa huh...perdi a visão, por causa de antidepressivos, tinha uma pequena depressão e carregaram-me de antidepressivos (...) a minha sorte foi o meu pai um dia há dois anos e tal huh...dizer-me assim, "amanhã não te compro os comprimidos".

Aquando o relato biográfico, António Negrão partilha a sua experiência enquanto toxicodependente de drogas leves e pesadas. António revela que nunca vendeu nenhum estupefaciente, mas já foi consumidor frequente, fuma ainda heroína esporadicamente e já não é dependente das drogas como era anteriormente. António menciona que, "...depois meti-me na castanha, na castanha, tá aqui, por castanha que dava-te um bocadinho a vontade de...de sexo. A castanha (...) Meti-me na cena da loja, pra ser assim muito mais sucinto e depois na cena da loja, aprendi a picar (...) O vício de picar...olha que eu quando era mais novo, tinha medo de ver o...ia fazer análises (...) claro, já me deixei, já me deixei (...) e a minha alimentação era tabaco, comida, droga. Nunca roubei nada a ninguém, nunca, nunca, nunca, nunca vendi droga,

nunca, nunca, nunca, sou contra isso (...) eu fumo...huh...heroína esporadicamente, mas nunca mais piquei! Eu piquei até uma longa data...prai (sic) até há um ano, um ano atrás (...) E tou (sic) aqui, não me sinto mal. Deixei de fumar há quatro meses, cigarros, não fumo cigarros”.

Tabela 2 – Fatores de risco identificados

Família	<ul style="list-style-type: none"><li>- Famílias numerosas</li><li>-Morte de um ou ambos progenitores</li><li>- Saída de casa precoce</li><li>- Conflitos e ruturas familiares</li></ul>
Educação	<ul style="list-style-type: none"><li>- Baixas qualificações</li><li>- Insucesso e abandono escolar</li></ul>
Saúde	<ul style="list-style-type: none"><li>- Problemas de saúde mental (depressão)</li><li>- Diabetes (tipo 1)</li><li>-Visão</li></ul>

Habitação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Alojamentos precários e instáveis (casa abandonada)</li> <li>- Viver sem condições de higiene e de saneamento básico</li> <li>- Viver sozinho sob condições mínimas</li> </ul>
Emprego	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ausência de emprego</li> <li>- Ausência de emprego estável</li> <li>- Atividades precárias (biscates)</li> </ul>

Um fator só tem influência quando associado a outros fatores. A sucessão de ruturas a par do agravamento de dependências, álcool ou drogas, embora na minoria dos casos, acaba por agravar a situação do indivíduo e a sua capacidade de resistência. Nesta fase, o indivíduo entra num processo de desintegração, ou seja, num processo de desfiliação social ou desqualificação social, ao interiorizar o estigma social age enquanto tal. Também estes sujeitos associam a prática da arrumação de carros a uma situação de grande precariedade económica e social.

Quando questionados sobre a razão que, no seu ponto de vista, conduziu à sua situação de arrumador de carros referem “a necessidade”, “a falta de emprego” e “para não roubar e fazer mal”. Visto que nenhum dos entrevistados se encontra atualmente dependente de drogas ou álcool, apenas um que ainda é dependente de metadona, mas encontra-se no GATO, para “deixar de vez”, outros já consumiram no passado desde drogas leves a drogas pesadas e segundo me foi dito, todos os rendimentos iam para drogas pesadas, cerca de cinco euros por dia. No que diz respeito a questões relacionadas com álcool, dois a três gostam de beber uma cerveja para relaxar, mas não se encontram dependentes do álcool. Do total dos entrevistados apenas um mencionou que já foi dependente do álcool, devido a uma depressão que estava a passar e conseguiu através de força de vontade própria deixar de o vício do álcool.

A arrumação de carros permite a obtenção diária de determinadas quantias em dinheiro, que os arrumadores de carros utilizam para os seus gastos diários, tais como: para comida, para vestuário, para tabaco, para a cerveja e não para comprar droga, visto que na minha amostra não se verificam casos de toxicodependência. Não são consumidores nem traficantes de droga. Tendo em conta as condições e o estilo de vida dos entrevistados e além do que foi mencionado, os mesmos defendem que “devemos ser uns para os outros”. A solidariedade entre os arrumadores de carros é uma constante. No que diz respeito à organização, existem horas e locais onde podem trabalhar, combinado antecipadamente com os colegas do parque de

estacionamento onde se encontram a trabalhar, mas nem sempre é pacífica. Contudo através da análise dos relatos biográficos é possível constatar, que não existe falta de comunicação e de cooperação.

A flexibilidade de horários é também ela mencionada, pois não têm hora certa para sair nem para entrar. Contudo costumam fazer uma certa quantia diária e depois vão-se embora e é assim todos os dias. A atividade de arrumação de carros pode ser entendida como uma forma de interiorização do estigma de “marginal”, mas também como uma forma de resistência à miséria, tal como sublinha Paugam (2003, p. 20) “é de notar, também, que o modo de vida destes nómadas implica formas de resistência à miséria que podem passar pela provocação e, em certos casos, pela reivindicação da liberdade de viver à margem da sociedade”.

Apenas um entrevistado mencionou que faz biscates, onde consegue auferir mais algum rendimento, visto que é possuidor de carta de condução, costuma ser motorista, sempre que lhe é pedido ou possível, tendo em conta que já foi taxista durante muitos anos em Lisboa e usa isso a seu proveito, como forma de subsistência diária, o que lhe permite “viver um pouco mais, do que sobreviver”.

A idade avançada é mencionada por João Negrão relativamente à empregabilidade, "eu gosto de trabalhar, mas com a minha idade, já ninguém me dá trabalho, com a idade que eu tenho ninguém me dá trabalho e então a vida mais coiso...mais... bocadinho mais fácil que roubar né (sic)? Mas arrumo carros, pronto e tou (sic) aqui quando coiso (sic) faço guarda aos carros e às pessoas né (sic)? Aos...aos lugares das pessoas e pronto".

### **3.4. Características da atividade de arrumação de carros**

Relativamente ao tempo que os entrevistados exercem esta atividade segue-se um quadro resumo do tempo, duração e do valor médio que auferem com esta atividade. O tempo que exercem a atividade varia entre sete meses e os vinte e cinco anos. Para aqueles que exercem esta atividade há mais anos, relatam períodos em que deixaram de arrumar carros, porque estiveram no estrangeiro ou tinham outras fontes de rendimento, apoios e subsídios sociais, que perderam e tiveram de regressar à atividade. Os ritmos e a duração diária da atividade são ditados pelas necessidades, no caso dos arrumadores toxicodependentes ou inseridos no programa de metadona permanecem no parque todo o dia e chegam a arrumar carros durante a noite. Por outro lado, beneficiários de prestações sociais ou as pessoas à margem dos consumos

e sem apoios sociais recorrem a esta atividade em função da necessidade: “Eu arrumo, porque tenho de comer, tenho de sobreviver”.

A permanência no terreno permitiu ainda confirmar a existência de melhores horas e local, como é o caso da praça municipal, onde existe muito movimento, quer de automóveis, quer de pessoas, especialmente na parte da manhã, o que permite auferir mais rendimento, do que em outros locais, com menos movimento. “As melhores horas? É na parte da manhã” (Quintério). Os arrumadores de carros têm também os seus códigos de conduta e de organização do espaço. Existem casos como o de João e do irmão que já têm o "monopólio", da zona deles, mas definem com outros colegas onde é que devem de arrumar, chega a partilhar o espaço dele com o irmão de modo a dividir os rendimentos. Verifica-se também uma rotação de turnos, visto que de manhã vão uns e à tarde vão outros, não está sempre o mesmo indivíduo, no mesmo sítio, o dia inteiro. A estipulação do horário e do turno é feita entre todos, de forma informal, através do consenso e da boca. "Cada um estipula um sítio, tu arrumas ali, tu arrumas aqui, tu arrumas acolá...Não é x horas, é durante o dia todo, cada um fica num sítio. Posso estar só de manhã, como posso tar (sic) só de tarde, como posso tar (sic) o dia todo, mas aquele sítio, eu chego lá, sou eu que arrumo lá!" (Manuel Diogo, arrumador).

Tabela 3 – Caracterização da atividade

Nome	Há quantos anos exerce esta atividade?	Quantas horas por dia arruma carros?	Quanto auferem em média por dia?
Quintério	4 Anos (com pausa quando recebeu apoios sociais)	3 Horas (9:00-12:00)	20-30 Euros
João Negrão	Desde 1991 - 25 anos	Das 8:00 às 13:00 e das 14:00 às 17-16:00	Aproximadamente 15-20 euros

Manuel Diogo	Há sete ou oito meses	De manhã ou de tarde 9:00-12:00 ou das 14:00-17:00 ou mesmo o dia inteiro	Aproximadamente 10-20
António Pereira	Há um ano	Não tem horário. 2 Horas à tarde ou 2 horas à noite. Não é fixo.	15-40 Euros
Hélder	Há ano e meio	Das 9:00 às 12:00	5-10 Euros
Jorge Manuel	Desde que ficou desempregado (recebe RSI)	Das 9:00 às 12:00 ou das 14:00 às 17:00	10-20 Euros
António Negrão	Desde 1991	Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 15:30-45	10-15 Euros
Carlos	Seis a oito meses	4-5 Horas por dia (manhã ou tarde)	10-15 Euros

### 3.5. Na perspetiva da sociedade civil

Como já foi anteriormente referido um dos meios que pretendemos levar à análise dos dados é a integração, nos mesmos, de depoimentos, sob a forma de entrevistas semidiretivas a membros da sociedade civil, a fim de perceber como é que estes percecionam o arrumador de carros e como são as suas relações com os mesmos.

Os três participantes foram escolhidos aleatoriamente, com a exceção de um. Foram abordados sobre a investigação e os seus objetivos/finalidades. Após o procedimento da apresentação aceitaram participar e dar o seu contributo para a investigação. Todos eles foram abordados aquando a realização de trabalho de terreno e observação, não em parques de estacionamento. De mencionar que Francisco é o único participante que já conhecia e decidi integra-lo na investigação, devido à sua idade avançada de oitenta e dois anos e portanto com uma excelente experiência e conhecimento de vida, encontrei-o na Rua Doutor José de Matos onde vive em casa própria, em Faro. Adelino é mais novo, tem trinta e um anos, é natural de Albufeira, já Andreia é natural de Loulé, tem vinte e nove anos. Abordei Adelino, na Rua de Santo António, Andreia estabeleci contato quando a mesma encontrava-se a sair do mercado municipal de Faro. Tive em conta o fator idade, com a finalidade de encontrar perspetivas ou pontos de vista semelhantes ou divergentes, de modo a enriquecer a recolha e o tratamento dos dados empíricos.

Francisco vê os arrumadores de carros como pessoas que passam por muitas dificuldades. Nunca teve problemas com eles. Diz mesmo que, "não é vida para ninguém, não têm condições de higiene, é uma miséria...", é uma vida que não aconselha a ninguém. Conhece uns quantos arrumadores. Dá-se bem com os arrumadores, mas se os poder evitar, evita. São pessoas que também pecam pela aparência e para marginalidade e em certos casos criminalidade.

Adelino conta que os arrumadores de carros são pessoas como outras quaisquer. Segundo o mesmo existem arrumadores disciplinados, simpáticos e depois existem os outros, que são o oposto. Menciona que há uns que vivem bem, fazem muito dinheiro, especialmente no verão em Albufeira, onde o indivíduo que conhece, arruma carros, tem um empregado, recebe dinheiro de turistas e auferir ainda rendimentos provenientes dos restaurantes e cafés, pois é esse arrumador que deita o lixo fora desses estabelecimentos. Para Adelino ser arrumador de carros e não ter um horário fixo para entrar e sair do trabalho. Adelino diz que consegue, "ver ao longe", os arrumadores de carros mais problemáticos. Para Adelino é o melhor trabalho que existe pela flexibilidade de horários, pela facilidade, apesar da precariedade da profissão e das condições de vida destes indivíduos.

Andreia revela que existem bons arrumadores de carros e maus arrumadores de carros é, portanto, algo subjetivo. A mesma diz, que é uma vida na qual as pessoas passam por necessidades, quer sejam sociais, económicas e até mesmo necessidades básicas como a higiene pessoal e o saneamento básico. Menciona que nunca teve nenhum problema com arrumadores de carros. Para Andreia, muitos dos preconceitos que se elaboram sobre a figura do arrumador de carros, está relacionada com a forma como se vestem e falam com as pessoas.

### **3.6. Na perspetiva da Polícia de Segurança Pública**

Fruto dos relatos biográficos feitos aos arrumadores de carros, tornou-se pertinente enquadrar a autoridade no presente estudo. Tendo em conta os relatos, muitas vezes ambíguos e contraditórios, decidimos então entrevistar um membro da polícia de segurança pública, que nos pudesse ajudar na análise, interpretação e triangulação dos dados empíricos, pois a imagem da polícia, tendo em conta os resultados, dos relatos biográficos, é uma imagem negativa, uma entidade, que não é bem recebida, pelos arrumadores, devido à forma como os tratam. Baseando-me nos dados dos relatos biográficos, dirigimos um guião de entrevista semidiretiva, que procurasse dar resposta a algumas questões e dúvidas, bem como triangular informação e

chegar a conclusões. Para a polícia os arrumadores de carros são pessoas que não procuram ajuda. Encontram-se conformados com a sua situação. Ao contrário do que se esperava existem mais arrumadores licenciados do que não-licenciados, contudo, abstêm-se de usar o crachá de identificação, cujo uso é obrigado aquando o ato da arrumação de carros. Mencionam ainda o caso de um arrumador de carros, que constituiu família e deixou de arrumar carros, apenas se sabe que deixou a profissão para constituir família. Era um arrumador exemplar ao ponto de receber um salário mensal, por parte dos donos dos automóveis que tinham confiança suficiente para lhe fornecer as chaves das viaturas. No que diz respeito às relações com os arrumadores de carros menciona que são boas, sabem que os mesmos costumam arrumar no horário e nos sítios que não devem, sabendo do risco de serem multados e de lhes ser tirado o dinheiro, o que confirma as afirmações de alguns arrumadores de carros entrevistados. Foi-me dito que todos os anos são licenciados novos arrumadores.

Até Dezembro de 2015 foram registados sete novos arrumadores de carros, portadores de licenças para conseguirem exercer a profissão, nas zonas de São Pedro e da Sé. O aspeto físico também é mencionado como o fator a ter em conta, que acaba por reproduzir os estereótipos da sociedade civil. No que diz respeito às multas, elas são da responsabilidade da câmara. Para esta informação colaboraram membros que costumam fazer patrulhas e interagem diariamente com os arrumadores de carros, mencionando que raramente têm problemas com eles e quando estão a cometer situações ilícitas agem como devem de agir, referindo ainda que os arrumadores de carros, "só reconhecem direitos e esquecem os deveres".

Os agentes da PSP referiram que a situação da EVA, na qual alguns arrumadores "abusavam" dos clientes ao pedirem dinheiro em elevadas quantias, o que fez com que a polícia tomasse medidas e fosse posto um agente a patrulhar aquela zona, para fazer o controlo e evitar futuras situações idênticas. Dizem que alguns arrumadores de carros não querem ajuda, já receberam apoios sociais e que as exigências da segurança social acaba por os desmotivar a requerer apoios sociais, como é o caso do rendimento social de inserção. Para a polícia a pobreza e a exclusão que alguns deles passam, são mantidas pelos mesmos, pelo comportamento conformista dos mesmos. Referem ainda que estão nesta situação, porque querem, porque é mais fácil. Os conflitos com os arrumadores de carros são pouco frequentes, quando veem um carro da patrulha "não mandam estacionar" nem "pedem moeda". Trabalham em ação coordenada com a câmara para regularizar as situações ilícitas ou ilegais dos arrumadores de carros. Já se encontram a preparar para o verão, altura em que o número de turistas aumenta drasticamente e não vão tolerar situações exploratórias e ilícitas.

Como foi possível verificar, todos os anos o número de arrumador de carros aumenta, mesmo que não seja um aumento considerável. De mencionar ainda, que não perguntei o que é que acontecia aos rendimentos que eram apreendidos durante as intervenções da autoridade. Os arrumadores de carros licenciados são obrigados pela lei e pela câmara municipal de Faro a usarem um crachá que os identifique. Se não estiverem licenciados e os licenciados, que estiverem a trabalhar sem os requisitos, correm o risco de serem multados. Ao contrário do que pensei as multas não são imposta pela polícia, mas sim pelos responsáveis da câmara municipal de Faro, onde um dos arrumadores de carros mais famosos da cidade, conseguiu emprego e formar família, deixando para trás a vida de arrumador de carros. A polícia confirma o facto de os autuar e "expulsar" do local, nas horas de funcionamento dos parquímetros e segundo me foi dito, já se encontram a reforçar o posto no jardim Manuel Bivar, como preparação para o Verão, altura do ano em que se espera um grande aumento de turistas, sobretudo na zona ribeirinha da cidade.

### **3.7. Na perspetiva da Câmara Municipal de Faro**

Em resultado da entrevista com a doutora Vanda, representante da câmara municipal de Faro e responsável pelos serviços de ação social, conseguimos chegar a uns resultados bastante interessantes, que quando comparados com outra informação recolhida empiricamente, é possível verificar divergências, contrastes e até uma certa ambiguidade.

A câmara municipal e os serviços de ação social reconhecem que os arrumadores de carros, são indivíduos que carecem de necessidades básicas e não só, mas sobretudo necessidades básicas, tais como habitação, alimentação, vestuário, mas também necessidades relacionais. Consideram que são pessoas que se enquadram na categoria de sem-abrigo. Os arrumadores de carros estão sensibilizados para a existência dos serviços de apoio social e de informação, bem como os técnicos de ação social, costumam fazer o levantamento das necessidades destas pessoas.

Vanda menciona ainda que existe sempre um técnico presente no espaço para receber e atender as pessoas que necessitem dos serviços. Refere ainda que existe o Núcleo de Planeamento e Intervenção dos Sem-Abrigo (NPISA) e que em Faro já se encontra formalmente instituído e tem protocolos com dezoito entidades no concelho, de que fazem parte: o GATO, o MAPS, a PSP, as Paróquias, o SEF e a Cruz Vermelha Portuguesa. Refere que tudo isto se deveu à resolução de uma diretriz elaborada pelo Instituto de Segurança Social (ISE), uma

política que foi adotada pelo Governo e tem vindo a ser adotada em cada Governo e segundo a informação que possuí, a estratégia política vai-se manter.

O grupo de trabalho aborda as questões e as problemáticas dos sem-abrigo em Faro, defendendo em Faro não trabalha com o conceito estrito de sem-abrigo, "...nós aqui em Faro, não temos tanto...", referindo-se à definição de sem-abrigo, que não é aplicável de forma plena ao caso de Faro. Segundo Vanda, "a maior parte são pessoas que vivem em casas abandonadas e o conceito de sem-abrigo que é adotado pela estratégia e uniformizado para todas as pessoas, que ficam em situação de sem-abrigo, as pessoas que vivam em casas devolutas, abandonadas, sem condições e mesmo aqueles que estão nos centros de alojamento temporários". Na base de dados deste grupo de técnicos, estão identificados noventa casos de sem-abrigo e segundo as palavras da mesma, "...não vemos noventa pessoas a dormir na rua...", e que a maior parte das pessoas identificadas apresentam como atividade de subsistência a arrumação de carros.

Vanda e o grupo de trabalho reúnem uma vez por mês, para analisar cada caso identificado, definir estratégias de intervenção e elaborar planos de ajuda social para as mais necessidades. São reuniões mensais, que visam a partilha de cada caso, sendo que os mais crónicos "...têm prioridade sobre os demais...", é ainda, "definida uma estratégia de intervenção, com cada um dos parceiros que melhor se adequam à situação, para aquela necessidade que é identificada naquela pessoa". Menciona que o último estudo que foi feito sobre esta problemática no caso de Faro foi à cerca de treze anos atrás, no qual a maior parte dos arrumadores de carros são do género masculino, existindo também arrumadoras, mas encontram-se em extrema minoria e quando esse estudo foi realizado as idades dos arrumadores estavam compreendidas entre os vinte e cinco, os trinta e os trinta e cinco anos.

De seguida passámos para a questão das licenças e da legalização dos arrumadores de carros. Vanda menciona que a autarquia aprovou um regulamento, cujo objetivo é licenciamento dos arrumadores de carros e desta atividade, mas refere que existem "problemas" devido aos requisitos, que além de serem diversos, nem sempre são cumpridos. Refere que a maior parte dos arrumadores não tem o registo criminal "limpo", não cumprindo assim com um dos requisitos base, "...nem que seja pequenos furtos, pequenos delitos, então ficam logo impossibilitados de a tirar...". Nos dados que possuía, apenas cinco arrumadores ficaram licenciados. Complementei Vanda com os dados que já recolhi da PSP, relativos ao ano passado, ano em que até dezembro já tinham sido concedidas sete licenças. Quando costumam ir ao terreno e quando passam por parques de estacionamento, reparam que existem mais

arrumadores do que aqueles que se encontram licenciados e identificados pelo seu grupo de trabalho e pela autarquia e que a maior parte dos que estão identificados não exercem a atividade da arrumação de carros legalmente, "...porque, não conseguem cumprir com os requisitos".

Quando questionada sobre um dos arrumadores de carros mais conhecidos da cidade de Faro, cuja alcunha é de "Galinha", a mesma diz que o conhece por ser sua vizinha e por outros conflitos com os seus colegas da habitação social, é dos casos mais problemáticos, mas ao mesmo tempo é um indivíduo que possui apoio familiar, mas que leva um estilo de vida bastante boémio, conheço-o pessoalmente, mas não em termos de processo. Vanda refere que, quem intervêm diretamente com os arrumadores no local são os técnicos do Movimento de Apoio à Problemática da Sida (MAPS) e o Gabinete de Apoio a Toxicodependentes (GATO).

Vanda discorda com o facto de os arrumadores de carros "não saberem que há certos serviços e apoios", bem como "ninguém nos ajuda, nada, não há interesse, apoios e ajudas de lado nenhum...", "...eles sabem muito bem o que há e onde há..". No que diz respeito aos apoios sociais, nomeadamente ao Rendimento Social de Inserção (RSI), a maior parte dos requerentes entrega os papéis que iniciam o processo, que é um contracto entre duas partes, burocrático e "sem espaço para deslizes". O facto de não terem morada fixa é umas das razões que influencia a não a acessibilidade ao rendimento social de inserção. Por suas palavras, "...no rendimento social de inserção é feito um acordo, que é assinado entre as partes e esse acordo implica que sejam agendados atendimentos periódicos. Portanto, se uma pessoa, por algum motivo faltar a um dos atendimentos, tem logo uma penalização. O que acontece é que muitos deles não têm morada fixa em termos de correspondência, acabam também por não receber as convocatórias, faltam e ficam logo penalizados".

A ideia que transpõe é que os arrumadores de carros sabem os serviços e os apoios que são disponibilizados, mas acabam por não querer, conformam-se com a situação e existe um pouco de conformidade social, além das questões burocráticas e do processo nelas envolvidas, "...quando não recorrem é mesmo por opção deles...". Vanda refere ainda que poderá haver outro fator a ter em consideração, quando não pretendem recorrer aos serviços de apoio, "...se calhar também sabem que ao estarem a recorrer ao serviço e aos apoios, também lhes é sempre solicitada alguma coisa entre aspas (...) Nem que seja, porque há o tratamento da dependência de determinadas drogas por fazer", que acabam também por serem encaminhados e muitos deles não querem. Portanto, "...todos têm conhecimento do que têm a dispor na cidade, onde é que se

podem dirigir ou não para pedir esse apoio...isso é divulgado e eles sabem, ainda mais, quando há as equipas de rua, que contactam diretamente com eles...".

No que diz respeito às interações sociais, não existem conflitos nem problemas de maior. A relação é "boa", e apenas existe alguma "tensão ou "conflitos", quando os arrumadores são abordados pela polícia, ou quando são obrigados a abandonar o local onde estão a arrumar. De resto não existem quaisquer problemas a mencionar.

### **3.8. Perceção relativamente às respostas/ apoios sociais**

No que respeita aos apoios sociais a maioria dos entrevistados considera-os insuficientes ou simplesmente não recorre a estes: “Não. Não recebo (RSI) não mas vou ter de ir tratar”. As razões que alegam para não recorrerem aos serviços prendem-se por um lado com a falta de documentos: “estive dois anos sem BI”, outros porque consideram que “há pessoas que estão em situação pior que eu”. "Não tenho trabalho, não recebo nada da segurança social e pronto...e aqui faço vinte euros todos os dias, dá pra mim (sic) comer" (Quintério). Relativamente aos apoios positivos foi destacado como um apoio importante a existência de uma equipa de rua. "Não tenho subsídio de desemprego, não tenho nada, nem RSI". Ainda não foi abordado pela câmara municipal nem pela segurança social. A única coisa que lhe está a ajudar é a MAPS (Manuel, arrumador de carros) ou ainda no caso de João Negrão, que por suas palavras diz que não recebe ajudas "de lado nenhum (...) nada, até à data de hoje não. Nem a camara, nem a FAGAR, nem a segurança social e nada, nada, ainda nada dessa gente" (João Negrão).

No caso de Carlos, que é o único que se encontra a lutar contra a dependência de metadona, o mesmo conta com a ajuda do GATO e pretende "deixar de vez", mas emigrar novamente para a Finlândia, onde tem o seu irmão, também ele serralheiro de profissão. De relembrar que Carlos já foi emigrante e já trabalhou na Holanda, França, Finlândia e Noruega, antes de ser arrumador. Conta que os rendimentos que acumulou, enquanto emigrante foram "esbanjados na má vida", sendo essa também uma das razões pela qual encontra-se a arrumar carros. Relativamente aos apoios sociais, Carlos revela que arruma, segundo o mesmo, "por necessidade...porque não consigo arranjar trabalho, nem tenho nenhum subsídio do estado também...já tou farto de lutar por subsídios do estado" (Carlos, arrumador de carros).

Nenhum dos entrevistados mencionou que dispõe de apoios familiares, dada as características e os fatores supramencionados, alguns vivem sozinhos, outros com amigos, outros não são de cá e não têm família no Algarve e em outros casos ambos os progenitores já

faleceram. Os apoios familiares são por isso escassos ou inexistentes. Os arrumadores entrevistados identificaram como apoio importante a solidariedade que se verifica entre os arrumadores de carros, uns mais do que outros, mas é algo que acaba por criar laços de respeito, entreajuda e amizade. Relativamente aos apoios negativos ou respostas que deveriam ser alvo de reformulações os entrevistados salientaram os seguintes aspetos: o crescente proibicionismo por parte das autoridades policiais que agrava as suas condições de vida e a necessidade de encontrar outros “biscates”, “Os amigos do parque não ajudam a sair do parque”, a escassez de oportunidades de trabalho e por último as dificuldades na satisfação das necessidades básicas: recorre-se à arrumação de carros porque “é preciso para comer” e a falta de condições aliada a maus hábitos alimentares leva a que muitos não tenham uma refeição: “Nós como arrumadores de carros é muito raro a gente ter uma refeição que seja decente. Por exemplo, come uma sandes, um bolo...”. Falta de ocupação, principalmente destinada a beneficiários de prestações sociais. A maioria dos entrevistados vive em quartos de pensões, ou casas da família de origem, casa alugada e até um caso de habitação abandonada, já bastante degradada.

“O que é que eu gostava? Gostava que me dessem uma casinha para mim e pro meu irmão morar...” (João Negrão, arrumador de carros). Sugerem por outro lado, como importante o aumento dos apoios sociais, de licenças por parte da Câmara que autorizem a atividade de arrumador de carros. Acreditam que a atribuição de licenças iria mudar a imagem que as pessoas têm dos arrumadores e poderia possibilitar melhores condições de vida a quem exerce esta atividade, bem como não estariam em situação ilegal, nem corriam risco de serem multados. São multados na mesma, se não respeitarem os horários dos parquímetros e forem para lá durante esse horário em dias úteis, mesmo licenciados.

Para melhorar não custava muito, bastava só que a Câmara e a Segurança Social se mostrassem interessados em ajudar, quer na alimentação, habitação, vestuário e na atribuição de licenças de arrumador de carros.

### **3.9. Discussão final dos dados**

Nesta última etapa da análise dos dados recorreu-se à triangulação entre os dados empíricos recolhidos e à fundamentação teórica, com a finalidade de dar consistência à presente investigação. Neste capítulo procedemos à análise empírica e teórica, pretendendo-se estabelecer relação entre ambas e verificar como foi possível chegar às conclusões da presente investigação.

### 3.9.1. Preconceito

Através dos dados recolhidos foi possível verificar que o senso comum não corresponde sempre à realidade. Os arrumadores de carros são alvo de preconceitos e estereótipos, que são construídos sobretudo através da imagem que os mesmos demonstram. Imagem, essa, que aglomera o vestuário ou as condições de higiene. Não são todos toxicodependentes. Já o foram no passado, mas apesar de isso, ainda são rotulados de malandros, que não querem trabalhar, e gastam os rendimentos que fazem em droga, álcool e tabaco, o que não corresponde à realidade que tentámos expor nesta investigação.

A questão da imagem e da perceção que temos dos outros é também algo que tem de ser levado em consideração. Os resultados empíricos acabam por contradizer o senso comum, ou o pensamento partilhado pela maioria da sociedade. Os próprios entrevistados mencionam a questão da imagem e o quanto a mesma é importante. Imagem, esta, que pode ter duas interpretações: a imagem física, que vai desde a higiene, ao vestuário, à alimentação, ou seja aquilo que é visto, a definição física de imagem. A outra interpretação é uma interpretação simbólica, diz respeito ao abstrato, às ideias, algo que não é físico, à construção e reconstrução do preconceito com base na imagem, sem conhecer a verdade social destes indivíduos. Estes preconceitos prologam-se no espaço e no tempo, bem como nas interações sociais no geral. O preconceito resulta, assim, da racionalização do outro, a partir da configuração de uma imagem corporal e linguística, a que atribui-se valores negativos. Isto é, uma apropriação da diferença visual que é desvalorizada.

A opinião ou a ideia que grande parte da sociedade civil tem sobre os arrumadores de carros é que são, malandros, não querem trabalhar, arrumam carros para comprar droga ou até mesmo considerando-os parasitas sociais. Contudo, também existe solidariedade e compreensão entre arrumadores e sociedade civil. Por sociedade civil enquadrámos os clientes e os que não são clientes. Dos entrevistados, ninguém exige dinheiro nem estabelece a quantia do montante que o cliente deve dar, "cada um dá quando pode, o que pode dar (...) não dá hoje. Dá noutra dia", como menciona João, que tem uma excelente relação quer com os seus colegas, quer com os seus clientes, que já confiam nele ao ponto de que quando algum automóvel é vandalizado, João e o António, que além de serem irmãos partilham e dividem, o mesmo parque de estacionamento há mais de vinte anos.

O texto clássico de Erving Goffman contribui para a reflexão sobre o preconceito a partir da categoria de estigma. Segundo ele, o estigma é a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena. O termo estigma será usado em referência a um atributo

profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto, ele não é, em si mesmo, nem honroso, nem desonroso (Goffman, 1988).

A observação, enquanto fonte primária, enquanto conhecimento no seu estado natural, permite verificar que os arrumadores de carros, não possuem todas as condições básicas para condições de vida aceitáveis, aceitável, também ele é subjetivo. São pessoas que não estavam a arrumar carros se houvesse oportunidades de emprego, se não tivessem uma idade já avançada, se tivessem um bom aspeto, que segundo João, "quem é que me vai dar emprego com a boca toda desdentada?", mas que possuem diversos conhecimentos, diferentes competências em diferentes áreas. Verificam-se participantes que já trabalharam, na França, na Holanda, na Finlândia, na Venezuela, em ilhas tropicais, com a finalidade de melhorar as suas condições de vida. Muitos têm família no estrangeiro, outros nem parentes têm e encontram-se sozinhos.

Para compreender algumas das manifestações empíricas do preconceito faz-se necessário entender como se constrói o outro-alteridade nas dimensões sociológica e simbólica, que, embora específicas, interagem como processos fundamentais na construção e na dinâmica do preconceito. "A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentidos a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações das diferenças são 'vividas' nas relações sociais" (Silva, 2000, p.14). A base da construção da alteridade passa pela construção da pré-noção do *outro*, o *outro* é o que não pode ser contido, que conduz para além de todo o contexto do ser (Lévinas, 1997).

O preconceito, frequentemente incorporado e acreditado, é o núcleo e o reproduzidor mais eficaz de discriminação e de exclusão, portanto de violência. Embora seja uma categoria de difícil definição, remetemo-nos à sua definição semântica, social e antropológica. Tecer preconceito sobre uma determinada coisa significa, elaborar juízos de valor prematuros, inadequados sobre a algo em questão. O indivíduo portador de preconceito deve inevitavelmente poder causar algum prejuízo ao sujeito vítima do dito preconceito (Taguieff, 1987), considerando que há um julgamento prévio.

Como também já foi referido, a persistência deste tipo de situações pode estar relacionada com o estigma que lhe está associado, que limita as suas possibilidades futuras e que, portanto, fomenta a aproximação ao grupo dos seus semelhantes a par do afastamento em

relação aos restantes laços sociais. Os marginais, tal como foi descrito por Paugam (2003:106), marcados pelo descrédito e pelo estigma de "incapazes" e "vadio" adaptam-se a um modo de vida e às exigências de uma vida precária, neste sentido, “a saída lógica para esta situação muito humilhante é aceitar a exclusão social e viver num mundo desfavorecido, fora dos constrangimentos impostos pela sociedade global”.

### 3.9.2 Desemprego

O padrão comum a todos os arrumadores de carros é o desemprego. A falta de oportunidades de trabalho, bem como o agravamento da crise económica internacional e nacional nos últimos anos tem feito com que o número de arrumadores de carros aumentasse gradualmente. Recorrem a esta atividade como fonte de sobrevivência, pois não têm apoios financeiros, raramente sociais e até mesmo apoios familiares. São um conjunto de fatores que os colocam vulneráveis a situações de risco, como é o caso da exclusão social, marginalização e estigmatização destes indivíduos. Para não roubarem e andarem a fazer mal, recorrem a esta atividade para viver e para não causar danos a ninguém.

Tornou-se então necessário abordar a questão do desemprego na presente investigação. Através da investigação empírica foi possível chegar a este patamar. As consequências do desemprego são devastadores, a condição de desempregado é a razão pela qual arrumam carros e, por conseguinte, também está na origem de toda a ideia que se tem sobre o arrumador de carros. Tal como também já foi referido, a persistência deste tipo de situações pode estar relacionada com o estigma que lhe está associado que limita as suas possibilidades futuras e que, portanto, fomenta a aproximação ao grupo dos seus semelhantes a par do afastamento em relação aos restantes laços sociais. Os marginais, tal como foi descrito por Paugam (2003, p. 106), marcados pelo descrédito e pelo estigma de "incapazes" e "vadio" adaptam-se a um modo de vida e às exigências de uma vida precária, neste sentido, “a saída lógica para esta situação muito humilhante é aceitar a exclusão social e viver num mundo desfavorecido, fora dos constrangimentos impostos pela sociedade global”.

Não poderíamos deixar de mencionar igualmente as questões da pobreza e da exclusão social, como consequências do desemprego, que têm vindo a aumentar nos últimos anos e têm vindo a agravar ainda mais a situação. Consideramos, o desemprego o fator responsável, quer pelo agravamento da situação, quer pelo seu prolongamento no espaço e no tempo. O desemprego assume grande proporção nesta população, pelo que constitui, e em particular o desemprego de longa duração, um fator de exclusão social (Capucha et al, 2002). Para Gomes

et al (2008, p. 5) a opção pela arrumação de carros é não só uma questão de sobrevivência, mas também uma forma de inserção no mercado de trabalho, ainda que informal. Para Pereira e Silva (1996), e na lógica dos direitos humanos, o trabalho é considerado um valor essencial para a dignidade humana, pelo que defendem que “o trabalho enobrece e tonifica o sujeito economicamente ativo, em cidadão com identidade trabalhadora para efeitos de estabelecer, como consumidor, relações no setor económico”. A prática da arrumação de carros encontra-se associada, por um lado, a uma forma de sustento próprio ou da família, e por outro lado, como estratégia superadora “de dificuldades de acesso ao mercado de trabalho por motivo de doença ou invalidez ou, ainda, por insucesso na profissionalização” (Silva, 1996, p. 44).

À crise do emprego costuma atribuir-se o papel principal na geração e na reprodução da pobreza e o pouco otimismo parece possível a respeito dessa questão durante o resto da década, pelo que os diferentes remédios que se sugerem são mais para tentar debelar do que para curar a doença: a redistribuição do trabalho, o prolongamento da escolaridade, os sistemas de pré-reforma e a contenção da imigração. Como forma de combater a marginalidade e promover a integração social de alguns arrumadores de carros, a Câmara de Faro abriu concurso para licenciar dezassete arrumadores de automóveis. Porém, os lugares disponíveis não chegam nem para metade dos indivíduos que se dedicam a esta atividade, até agora clandestina. Quem continuar a exercer este trabalho sem licença, sujeita-se a coima que varia entre os 60 e os 300 euros.

O arrumador de carros, Joaquim Escapa, no Largo de São Francisco, em Faro, foi notificado para pagar uma coima de 162 euros. "A polícia levou-me 14 euros, e agora querem que pague uma multa. Podem ficar descansados que não pago, porque não tenho dinheiro". A relação que tem com os utentes do parque "não podia ser melhor...é excelente". "No Natal, uma senhora ofereceu-me um bolo-rei e uma garrafa de vinho", exemplifica. Ainda não fez a candidatura para se legalizar, mas tenciona vir a efetuar o requerimento.

Um dos requisitos para concorrer às vagas é a apresentação do registo criminal limpo, acompanhado de uma declaração de início de atividade na Direção de Finanças ou declaração de IRS. O antigo presidente da câmara, Macário Correia, menciona que a autarquia pretende, com essas exigências, "avaliar o comportamento e perfil" do candidato a arrumador. Para o Largo de São Francisco, o maior parque de estacionamento da cidade, com 950 lugares, estão previstas três licenças. Atualmente reconhece o próprio autarca, presta lá serviço, em certas alturas do dia, cerca de uma dezena de arrumadores. O que vai acontecer aos que ficarem sem

licença? "O número de 17 lugares foi aquele que a câmara e a PSP pensaram que seria necessário", segundo Macário Correia. A legislação para licenciar os arrumadores de automóveis existe desde 2004, mas muitas autarquias ignoram estes homens e esta legislação. Quem os supervisiona são as autoridades, que, umas vezes, fecham os olhos e outras atuam, principalmente quando há queixas.

Nuno Afonso, filho de uma empregada de limpeza, já foi ver o que era preciso para se legalizar. No que diz respeito aos colegas que vão ficar no "desemprego", porque os lugares não chegam para todos, observa: "há por aí muita malta que não merece. Se uma pessoa lhes dá 20 ou 30 cêntimos, por não ter mais, são capazes de atirar o dinheiro fora". A gratificação é voluntária e os arrumadores têm de estar identificados com um cartão pendurado ao peito. Para atestar o seu bom comportamento. Nuno apontou para a camisa preta, de bom corte, que tinha e menciona que, "deu-me uma senhora que costuma estacionar aqui um BMW. Uma para mim, outra ali para o Paulo". Ambos, na casa dos 30 anos, pensam que têm direito a obter licença de arrumador. "Andamos nisto desde miúdos, começámos a limpar vidros no parque da Pontinha e depois passámos a pedir moeda para ajudar a arrumar". Joaquim Escapa chama a atenção para um eventual aumento de criminalidade. "Em Olhão, acabaram com os arrumadores, cresceram os roubos", menciona Joaquim.

Em 2011, no Largo das Mouras Velhas, junto ao Teatro Lethes, o parque de estacionamento com capacidade para meia centena de lugares era gerido por Paulo, de 32 anos, e por Miguel, de 36. Segundo o edital municipal, só um é que teve direito à legalização. Na altura, Paulo mencionou que ia "dar uma grande confusão". Por outro lado, questionou-se sobre o que é que o seu colega iria fazer sem a licença. Segundo Paulo os automobilistas que ali estacionavam e estacionam, são quase todos conhecidos. Grande parte dos clientes daquele parque de estacionamento são funcionários das lojas na Rua de Santo António e funcionários públicos, "dão 50 cêntimos ou um euro", e para mostrar que é de confiança tirava dos bolsos, seis exemplares de chaves de viaturas, que os donos lhe confiavam para estacionar.

"As pessoas com mais de 18 anos, com registo criminal limpo e que queiram pedir uma licença de arrumador oficial da cidade de Faro podem vir à câmara que há 17 lugares para preencher", disse Macário Correia, presidente da Câmara de Faro. A autarquia e a PSP podem também atuar sempre que se identifiquem arrumadores a prevaricar e sem cartão oficial da autarquia.

O exercício da atividade de arrumador de automóveis sem licença ou fora do local nela indicado é punido com "coima de 60 a 300 euros" e a falta de cumprimento das regras da atividade é igualmente punida com coima entre os 60 e os 300 euros. A falta de exibição das licenças às entidades fiscalizadoras tem uma coima que varia entre os 70 e os 200 euros, exceto se forem apresentadas no prazo de 48 horas. Para justificar a implementação destas medidas, o ex-presidente da câmara Macário Correia, defende que, "queremos colocar alguma ordem no espaço público, há sítios com demasiados arrumadores", explica Macário Correia, acreditando que esta medida vai ajudar a criar confiança entre automobilistas e arrumadores. A decisão sobre a instauração dos processos de contraordenação e a aplicação das coimas e das sanções acessórias é da competência do presidente da câmara municipal e o produto das coimas constituem receita do município.

As licenças apenas podem ser concedidas a "maiores de 18 anos" e os candidatos devem identificar "a área onde pretendem exercer a atividade de arrumador de automóveis", como é possível verificar no edital, aprovado pela câmara e Assembleia Municipal de Faro. Entre outras exigências, podemos enumerar, uma fotocópia de declaração de início de atividade ou declaração do IRS, e um termo de responsabilidade pelo exercício da atividade são outras exigências colocadas pela autarquia, que apenas permite a cada arrumador estar a exercer a função na área que lhe for atribuída. As licenças são válidas por um ano e os arrumadores de automóveis estão obrigados a exibir durante o exercício da atividade o cartão de arrumador no lado direito do peito. Esta é somente remunerada pelas "contribuições voluntárias das pessoas, singulares ou coletivas", segundo a autarquia. Esta nova medida não pedirá encargos a quem estaciona, mas requer alguns dados de quem se quer tornar um arrumador legal. Se os arrumadores, por um lado, compreendem o pedido legal, por outro dizem que a burocracia não facilita. "É preciso dinheiro para a gente obter essa papelada e isso não está fácil, porque da maneira que eles estão a fazer isto é mesmo para uma pessoa não se licenciar. A gente já ganha pouco, dá uma média de 15€ por dia, temos de passar aqui o dia todo, somos humilhados pelas pessoas, corremos riscos...", mencionou um dos entrevistados, arrumador em Viseu.

A licença só é passada mediante registo nas Finanças, apresentação de seguro de responsabilidade civil, cadastro limpo e declaração do IRS. Desde há um ano para cá que a responsabilidade destas licenças de Atividades Diversas está a cargo das Juntas de Freguesia. Faro tem assegurado a legalização dos arrumadores nos últimos cinco anos. A questão das licenças não se resume apenas ao espaço de Faro, também em Viseu necessidade de um seguro de responsabilidade civil está a impedir os arrumadores de carros da freguesia de obterem

licença para exercer a sua atividade, segundo o presidente da Junta, Diamantino dos Santos. O pedido de licenciamento da atividade de arrumador de automóveis está previsto no Regulamento de Atividades Diversas da Freguesia de Viseu, Ao contrário de Faro, Viseu ainda não concedeu nenhuma licença aos seus arrumadores, conforme as palavras do presidente da junta de freguesia, "neste momento, na freguesia de Viseu, pese embora muita vontade de alguns deles, não dirigiu-se à Junta de Freguesia, mostrando interesse em obter a licença, mas lamentando não conseguir fazer o seguro". Arrumadores têm de apresentar certidão do registo criminal Além dos documentos habituais de identificação, os arrumadores têm de apresentar certidão do há licenças passadas". De acordo com o mesmo, tal deve-se "a um constrangimento que a lei coloca e ao qual as freguesias são completamente alheias: a necessidade de um seguro da responsabilidade civil". Desde que o regulamento entrou em vigor, "uma boa dezena de arrumadores" registo criminal, fotocópia de declaração de início de atividade ou declaração do IRS e apólice de seguro de responsabilidade civil, com vista a garantia do pagamento de possíveis indemnizações por danos causados a terceiros.

Até agora, segundo o autarca, os arrumadores só têm referido a dificuldade em obter o seguro. "Falei com algumas pessoas que trabalham no ramo segurador e parece-me que o problema que está em causa é o objeto do seguro, ou seja, para que é o seguro. Falar-se num seguro de responsabilidade civil é muito vago", considerou. Diamantino dos Santos disse já ter pedido esclarecimentos à Associação Nacional de Freguesias, tendo sido informado da obrigatoriedade de cumprir a lei. A decisão de atribuir licença aos arrumadores de carros tinha sido tomada no âmbito das novas competências das freguesias (Lei nº 75/2013) e após o pedido de algumas pessoas que se dedicam a essa atividade na cidade. O autarca está convencido de que, com o licenciamento, a atividade será mais bem vista, porque os arrumadores "andarão identificados, as pessoas saberão com quem falaram e será uma forma de haver um respeito mútuo e de se responsabilizarem". O regulamento refere que os arrumadores devem "zelar pela integridade das viaturas estacionadas e alertar as autoridades em caso de ocorrências que as ponham em risco". Estão proibidos de pedir "qualquer pagamento como contrapartida pela atividade, apenas podendo ser aceites as contribuições voluntárias com que os automobilistas, espontaneamente, desejem gratificar o arrumador", são complementos subvencionados aos salários.

### **3.9.3. Apoios Sociais**

No decorrer da investigação foi do nosso interesse também tocar na questão dos apoios, sendo a questão dos apoios sociais incontornável. Estes indivíduos não carecem apenas de

apoios sociais, nomeadamente o rendimento social de inserção, mas também e talvez o mais importante a mencionar, é que estes indivíduos não têm apoio familiar, carecem também de apoio sentimental e acompanhamento nos processos de aquisição do rendimento social de inserção. No que diz respeito ao rendimento social de inserção e aos seus requisitos, os arrumadores de carro estão *a priori* condenados a não terem acesso ou verem a acessibilidade a este tipo de rendimento bastante dificultada. No que diz respeito à responsabilidade individual de cada um, bem como o seu interesse em adquirir este apoio social, segundo dados recolhidos nos serviços de Acção social da câmara municipal de Faro, um número elevado de arrumadores de carros não termina o processo, falta a uma ou várias sessões e são desde logo penalizados por não cumprirem com o contracto que é estabelecido. Todos eles são portugueses, todos eles não possuem riqueza, grande parte deles vivem sozinhos ou com amigos e estão bem abaixo do valor mínimo (em euros) para ter acesso ao RSI. O facto de não terem "residência certa", como foi referido pela doutora Vanda poderá estar também na razão, pela qual não possuem o rendimento social de inserção. São pessoas que vivem em precariedade, são marginalizados e estigmatizados pela maior parte da sociedade, são alvo de conceções que não dizem respeito à realidade destas pessoas.

Os apoios sociais são ineficazes, pois não conseguem ajudar plenamente a resolver o problema por si só, é necessário que haja alguém a acompanhar o processo e a fazer de mediador entre a segurança social ou o IEFP com os arrumadores de carros, insuficientes, na medida em que a procura é maior que a oferta, oferta que é bastante exigente, pois requer bastantes documentos, e até mesmo inexistentes, na medida em que os arrumadores de carros mostram interesse em adquirir o RSI, mas não lhes dão uma resposta.

Neste âmbito inserem-se ainda as equipas de rua enquanto resposta social desenvolvida através de um serviço de proximidade com os indivíduos e o contexto em que se insere o fenómeno. Este tipo de intervenção permite o “estabelecimento de relações de proximidade com populações que não se deslocam a qualquer tipo de estrutura especializada” (Nave, 2004, p. 42). Atuam como mediadoras, facilitando o acesso a outras estruturas especializadas. Estabelecem o seu modo de atuação, na rotina de passagem e no contacto direto com os indivíduos e o seu contexto, articulando com outros apoios e serviços. Tal como evidenciou Américo Nave (2004, p. 48), a experiência de terreno evidencia a necessidade de prosseguir e alargar este tipo de resposta uma vez que “o conhecimento destes indivíduos sobre estruturas de tratamento, ação social e apoios pecuniários é deficitário ou mesmo nulo e verifica-se uma desacreditação nas mesmas”, o que vai de acordo com os dados empíricos recolhidos dos

arrumadores de carros, mas que contradiz a versão dos serviços de ação social, que menciona que, "os arrumadores sabem os apoios que existem e onde podem-se dirigir para receber esses apoios (...) não o fazem porque não querem ou porque não querem realizar os tratamentos para acabar com o consumo de droga".

Será o rendimento social de inserção suficiente para estes indivíduos? Pensamos que o rendimento social de inserção não é a solução, mas pode ajudar a melhorar a qualidade de vida, a integração social, bem como a promoção da cidadania dos arrumadores de carros. Como é o caso de Quintério de Jesus, que quando recebia RSI, deixou de arrumar carros, desconhecendo-se, no entanto, se tinha outra ocupação enquanto recebia RSI.

Ao analisarmos os dados empíricos é possível verificar que existem problemas de coesão social. Pois, são pessoas marginalizados, excluídas, que para sobreviverem têm de se sujeitar à bondade e à solidariedade da comunidade. As políticas sociais, as políticas públicas revelam-se também elas ineficazes, pois o número de arrumadores de carros, está em crescimento diário, ao ponto de até não se saber ao certo, quem, onde e quantos arrumam carros em Faro. As respostas sociais e serviços dirigidos aos arrumadores inserem-se num conjunto de respostas generalistas para pessoas em situação de pobreza e exclusão social, tais como o Rendimento Social de Inserção (RSI), serviços de ação social quer de instituições públicas quer de Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS).

Tendo como suporte a questão dos apoios sociais e a informação recolhida através dos relatos biográficos dos participantes, chegámos à conclusão que é relevante abordar as questões relacionadas com o rendimento social de inserção, procurando assim uma definição, bem as suas características burocráticas, que demonstram ser uma barreira no que diz respeito à acessibilidade por parte dos arrumadores de carros. O Rendimento Social de Inserção (RSI), é um apoio para os indivíduos e famílias mais pobres, constituído por um contrato de inserção para os ajudar a integrar-se social e profissionalmente, uma prestação em dinheiro para satisfação das suas necessidades básicas. As pessoas, para receberem o rendimento social de inserção, celebram e assinam um Contrato de Inserção, do qual consta um conjunto de deveres e direitos, com vista à sua integração social e profissional. Para ter direito ao rendimento, as pessoas ou famílias que necessitam de apoio para melhorar a sua integração social e profissional, que se encontrem em situação de carência económica grave e que cumpram as demais condições de atribuição.

O acesso à prestação RSI está dependente do valor do património mobiliário e o valor dos bens móveis sujeitos a registo, do requerente e do seu agregado familiar, não serem, cada um deles, superior a 60 vezes o valor do indexante de apoios sociais. É mandatário ter residência legal em Portugal. Os cidadãos pertencentes à União Europeia, Espaço Económico Europeu e Estados terceiros que tenham acordo de livre circulação de pessoas na União Europeia é necessário, que tenham residência legal em Portugal há pelo menos um ano. Os cidadãos dos restantes países têm de ter residência legal em Portugal há pelo menos três anos, com exceção das crianças com menos de três anos.

Nas situações em que o requerente ficou desempregado por iniciativa própria, sem justa causa, só poderá requerer a prestação de RSI um ano após a data em que ficou desempregado. O requerente e restante agregado familiar, não se deverá encontrar em prisão preventiva ou a cumprir pena de prisão em estabelecimento prisional, bem como não tem acesso, quem se encontrar institucionalizado em equipamentos financiados pelo Estado.

Para ter acesso ao rendimento social de inserção é necessária a apresentação de diversos documentos, nomeadamente de documento de identificação válido da pessoa que faz o pedido e dos restantes membros do agregado familiar, de que é exemplo o cartão de cidadão ou bilhete de identidade, a certidão do registo civil, o boletim de nascimento ou até o passaporte, bem como o cartão de contribuinte da pessoa que faz o pedido e dos restantes membros do agregado familiar. Os recibos de remunerações de salários ou recibos verdes, do mês anterior ou dos três meses anteriores, se os valores mensais forem irregulares. É ainda necessária a apresentação de um documento válido que comprove que reside em Portugal.

O prazo para a celebração do contrato social de inserção só conta a partir da data em que o requerimento se encontra devidamente preenchido e acompanhado de todos os documentos. No caso de não entregar todos os documentos no momento em que faz o pedido nos serviços de atendimento, terá de completar o processo no prazo de 10 dias úteis. Se não entregar os documentos em falta dentro deste prazo, o processo é arquivado. Tem de possuir, por exemplo, documentos de identificação e registo criminal deve constar limpo.

No que concerne ao RSI, apesar de se constituir como uma medida vocacionada para as situações de maior precariedade económica e social e de efetivamente em muitos casos cumprir o seu papel, dificilmente chega às situações extremas ou marginais, quer pelas exigências legais, é necessário o requerente ter morada, bilhete de identidade e inscrever-se no centro de emprego, quer pela lentidão dos procedimentos administrativos que desencorajam estes indivíduos já

fragilizados ou desconfiados a completarem todo o processo. Por outro lado, “a ausência de referências no tempo, a desconfiança, até mesmo a penúria face aos serviços administrativos, a obrigação de se apresentarem sucessivamente em vários organismos para regularizar situações sempre burocráticas não facilitam, de igual modo, as diligências” (Paugam, 2003, p. 19).

Os parquímetros podem ser interpretados de diferentes formas. Os parquímetros, como finalidade de lucros para a autarquia, ordenamento do território, cumprindo assim em pleno com a sua função, ou podem ser vistos como uma medida de combate à arrumação de carros, medida que é ineficaz, por não evita que os arrumadores de carros, arrumem carros nos parquímetros tendo os mesmos, conhecimento disso quer através da PSP, quer através da CMF. Os arrumadores de carros ignoram as regras dos parquímetros, pois é o único meio de subsistência que possuem. Nem todos são licenciados, portanto nem todos podem arrumar carros. Outra medida ineficaz. A política pública prevê e exige que os arrumadores licenciados, utilizem um documento que os identifique ao peito. Nenhum arrumador de carros, licenciado ou não, em Faro, no decorrer da investigação ou no seu término, utiliza esse crachá que o identifique.

As licenças são insuficientes para dar resposta à procura, como já foi referido o crescimento de arrumadores é gradual e acontece, basta vagabundear uns quantos dias pela cidade, num curto espaço de tempo e vê-se sempre alguém novo. Em 2015, apenas foram concedidas sete licenças, repartidas pelos sítios mais movimentados da cidade. Ao andar pela cidade vê-se claramente que não existem apenas sete arrumadores de carros. Outra medida que não resolve a situação dos arrumadores de carros, que continuam a exercer a atividade, pois, novamente, é a sua única fonte de rendimento.

Em Portugal, a questão dos arrumadores de carros, à semelhança de outros problemas relacionados com a pobreza e a exclusão social, tem sido abordada localmente e frequentemente numa perspetiva de combate ao sentimento de insegurança e de erradicação do problema, pelo que a resposta política de muitos concelhos tem sido o reforço do controlo policial e a proliferação de parquímetros (Pais, 2001; Matias & Fernandes, 2009), o que através da análise dos dados empíricos verifica-se que não cumpre com a sua finalidade e por conseguinte não resolve a situação, nem melhora, nem piora, fica simplesmente sem efeito.

#### **3.9.4. Competências, Empowerment, Cidadania e Inclusão.**

Através dos dados empíricos recolhidos é possível verificar que os arrumadores de carros possuem os níveis básicos de educação, chegando a verificar-se um participante que

concluiu o 12º ano. Contudo nenhum dos participantes frequentou o ensino superior. O que os arrumadores de carros têm é um leque de conhecimentos e de experiências de vida fora do vulgar. À primeira vista, poderão ser considerados meros arrumadores de carros, mas por trás, guardam conhecimentos e capacidades para trabalhar nas mais diversificadas áreas da sociedade. Além de serem arrumadores de carros, frequentaram cursos de formação, onde tiraram conhecimentos e competências desde a hotelaria, a barman, a eletricista, aprenderam a funcionar com computadores e a maior parte deles, como já referi sabe ler e escrever.

A nível individual, a exclusão social tem implicações no ser, na personalidade, na dignidade e na autoestima, bem como no autorreconhecimento individual. No estar das redes de pertença social, como a família, a vizinhança, os grupos de convívio e de interação social e da sociedade em geral. No fazer, desde as tarefas realizadas e socialmente reconhecidas, quer sob a forma de emprego, quer sob a forma de voluntário, não remunerado. Na criação, ou seja, a capacidade de empreender, de assumir as iniciativas, definir e concretizar projetos, inventar, criar ações, entre outros. No saber, que tem implicações no acesso à informação, seja ela escolar ou não, formal ou informal. Tem ainda influência nas posses, no ter, que aglomera o rendimento, o poder de compra, o acesso aos níveis de consumo mínimo da sociedade e a capacidade aquisitiva.

Considera-se excluído socialmente um indivíduo que não realize algumas ou todas essas dimensões. É o “não ser”, o “não estar”, o “não fazer”, o “não criar”, “o não saber” e/ou “o não ter”. Definida assim a exclusão social, podemos dizer que a pobreza se apresenta como uma forma de exclusão social, na medida em que, o pobre é excluído de alguns dos sistemas sociais básicos aos quais se aplica a definição de exclusão social. A privação dos recursos, que define a pobreza, leva a que o indivíduo que se encontra nesta situação seja excluído das dimensões “do fazer”, “do criar”, “do saber” e “do ter”. É uma exclusão caracterizada por más condições de vida, baixos níveis de instrução e qualificação profissional, emprego precário, atividade no domínio da economia informal, entre outros.

Torna-se então necessário colocar a questão: porquê é que não conseguem arranjar trabalho e melhorar as condições de vida? Pois bem, como foi referido no decurso dos relatos biográficos, mencionam a idade, a dificuldade geral na oferta de emprego e o aspeto/imagem, no sentido em que, em certos casos, não possuem os dentes todos. Portanto, os arrumadores de carros estão sensibilizados e têm noção das dificuldades que enfrentam, o que por vezes, pode levar à conformidade social e à adaptação da sua nova realidade.

No estudo de Pereira e Silva (1996) foi salientado que apesar de “aproximadamente metade dos indivíduos não gosta de a exercer” (Silva, 1996, p. 46) a maioria tinha intenção de continuar a atividade de arrumador de carros independentemente de gostar ou não, o que parece evidenciar alguma adaptação ou persistência deste modo de vida. Desta forma, mantêm um estilo de vida marginal sem recorrerem tantas vezes ao crime. Importa, esclarecer que no caso de não licenciada a atividade de arrumação de carros é uma atividade ilegal e que por isso, constitui uma contraordenação, pelo que podem ser aplicadas coimas, mas esta distingue-se do crime. Os arrumadores de carros, através do conhecimento adquirido, necessitam de alguém que os acompanhe e sensibilize a sociedade para as suas potencialidades e contributos, pois são indispensáveis. É necessário haver uma presença que lhes ajude a superar os obstáculos burocráticos ou a falta de interesse. Se houver um acompanhamento e uma mediação do processo, por exemplo, no acesso ao RSI, talvez desse resultado, pelo que nos foi dito e pela nossa interpretação da realidade. Promover estas pessoas, as suas capacidades, as suas potencialidades, promover o exercício da cidadania, todos os aspetos que conduzam à inclusão social e ao exercício da cidadania destes indivíduos, em suma conscientizar estes indivíduos, reconhecê-los enquanto membros da sociedade (Freire, 2007). A conscientização implica pois, que ultrapassemos a esfera espontânea da apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível na qual o homem assume uma posição epistemológica (Freire, 1980, p. 26). É necessário investir numa educação problemática, que se baseie numa “tentativa constante de mudança de atitude”, uma educação que crie disposições democráticas através das quais, se substituam antigos hábitos culturais de passividade, por novos hábitos de participação e ingerência de acordo com um novo clima de transição (Freire, 2007).

### **3.9.5. Perspetivas futuras**

Quando questionados sobre os seus objetivos para o futuro, os entrevistados salientaram a vontade de deixar de arrumar carros e um de deixar completamente de ser dependente de metadona (ex: “porque eu queria mesmo deixar a metadona...”), encontrar trabalho e não arrumar ou não voltar mais a arrumar carros (“Não! Nunca mais na vida, arrumar carros para mim parou, nem pensar...”). No entanto, alguns preferem não pensar no futuro e não têm esperança em mudar de vida nos próximos tempos, “não sei...o futuro a Deus pertence...mas no futuro não sei, só sei que vai ser pior...” (Carlos).

Através dos relatos biográficos os arrumadores salientam diversos projetos para o futuro que passam por manter o seu posto de trabalho, atender a formações, terminar a escolaridade e

se tiverem a oportunidade sair do país e emigrar novamente para trabalhar naquilo que gostam de fazer. “Epá... até aparecer...é pa continuar não...sabes...Sabes o que é que eu quero fazer? É viajar por este mundo fora, vou conhecer muita coisa deste mundo fora, é isso que eu quero fazer...não quero continuar a arrumar carros nenhuns” (António).

Do grupo de arrumadores salientaram ainda como objetivos futuros obter prestações sociais, mencionam que vão tentar novamente adquirir o rendimento social, apesar das dificuldades já identificadas ou acabar o tratamento da dependência de metadona. "Até agora...vou continuando, quando apanhar uma oportunidade pra trabalhar, não vou continuar, nem pensar nisso, vou deixar de...vou deixar de ser arrumador de carros ai isso vou" (Hélder).

Quando questionados a propósito do futuro como arrumadores de carros uns referiram “não quero mais arrumar carros”, "as coisas em Portugal tendem a ser sempre para pior...para pior..." e outros referiram não fazer projeções em relação ao futuro. Por fim, apesar do aumento da intervenção e presença da polícia e da vontade política de integração, legalização, controlo e tentativas de reduzir o número de arrumadores, estes consideram difícil acabar por completo com esta prática. "O número que tinha era de cinco, portanto havendo essa atualização, pois acredito que sejam sete. Quando nós ao passar pela cidade e nos pontos que efetivamente há arrumadores, não é? Vemos que há muitos mais" (Vanda, coordenadora dos serviços de ação social), o que também verifico e confirmo, na qualidade de residente em Faro e mesmo aquando o decorrer da presente investigação.

## CONCLUSÕES

O arrumador de carros é caracterizado por uma diversidade de situações ou problemáticas desde a toxicodependência, o alcoolismo, o sem-abrigo, os pensionistas, as minorias étnicas, entre outros, que são compostas por indivíduos em níveis ou em situações de exclusão distintas o que implica respostas diferenciadas: desde o desempregado ou o indivíduo com problemas de saúde, que arruma carros à medida das suas necessidades, ao que faz porque é flexível, e porque é "fácil fazer algum (dinheiro) ", que se dedica a esta atividade diariamente.

Através da análise dos diferentes contrastes destas problemáticas, verificam-se algumas regularidades nas suas trajetórias de vida evidenciando-se ruturas e acumulação de dificuldades a vários níveis, desde o mercado de trabalho, ou seja, a falta de oportunidades e de emprego, a escola, que a maior parte foi obrigado a abandonar para iniciar a vida profissional, as questões

familiares, muitas vezes provenientes de famílias disfuncionais, de classe baixa e as condições de habitação. Neste sentido, a imagem do arrumador de carros corresponde à fase do processo de marginalização sendo que o recurso à arrumação de carros mais não é do que uma estratégia de angariação de meios de sobrevivência e de resistência à miséria extrema de populações excluídas e marginalizadas. A figura do arrumador está associada não só a fatores estruturais da exclusão, que resultam da degradação do mercado de trabalho e do enfraquecimento dos laços sociais nas sociedades contemporâneas (Paugam, 2003., Castel, 1997), mas também resultam da pobreza que se herda e de falhas ao nível da proteção social (Capucha, 2005). Deste modo, relaciona-se com um processo de acumulação de falhas ou ruturas que conduzem a uma situação de marginalidade ou de exclusão, que agravada pelo preconceito de “perigoso” ou “marginal” (Fernandes, 2008) limita e condiciona as possibilidades de integração destes indivíduos. A perceção dos indivíduos sobre a sua situação também defende a precariedade e o contexto de necessidades que decorrem desta prática. Sentem-se marginalizados e estigmatizados, no entanto, muitos partilham os estereótipos comumente veiculados pela opinião pública de drogado e ladrão relativamente a terceiros e/ou outros arrumadores de carros.

Neste contexto, é considerado essencial clarificar os fatores de risco de exclusão social, e neste caso relacionados com a prática da arrumação de carros, para elaborar orientações estratégicas, a fim de contribuir para uma intervenção social participativa. Através da análise das trajetórias de vida evidenciaram-se os seguintes fatores de risco: são originários de famílias humildes, disfuncionais, monoparentais, quer na sequência de divórcios, viuvez, quer pela morte de um ou ambos progenitores, a saída de casa precoce porque havia a necessidade naquela altura de os filhos iniciarem a vida laboral de modo a contribuir para as despesas do núcleo familiar, pelo que foram pressionados para a autonomização precoce, a preponderância de atividades precárias e/ou itinerantes, alojamentos precários e instáveis, insucesso e abandono escolar, baixas qualificações ou são solteiros ou viúvos. Associada a estes percursos de vida saliente-se sobretudo a ausência de laços afetivos, não só a nível familiar, mas também ao nível das relações sociais e de amizade, pelo que arrumar carros é para alguns uma forma de interagir com outras pessoas e de ocupar o tempo livre, bem como construir laços de amizade e companheirismo com os outros colegas arrumadores. É a partir desta diversidade e intensidade de riscos e fracassos que foram encontrando desde a infância e em diversos momentos da sua vida que se transita para outros problemas, desde a toxicodependência, o alcoolismo, e o desemprego, se bem que os participantes na presente investigação, já não toxicodependentes, apenas um que ainda depende de metadona, mas estão em acompanhamento no GATO. O

desemprego é padrão comum a todos os indivíduos. Reforça-se assim a sua condição de marginal e ao mesmo tempo, diminuem as suas possibilidades da reinserção social. Estas situações agravadas pelos preconceitos de marginais, preguiçosos ou de incapazes conduzem estes indivíduos a um descrédito, que os afasta da sociedade e das medidas de política social (Paugam, 2003).

Deste modo, encontram-se à margem dos mecanismos de assistência, ora pelas barreiras administrativas necessárias ao cartão de cidadão, como ter residência fixa e até mesmo ter habitação para viver, explicar a sua história de vida em diversos serviços, ora porque não acreditam na eficácia e das exigências das medidas ou ainda porque adotam uma postura agressiva de defesa que os afasta desses mecanismos, o que acaba por dificultar a intervenção do educador social. As respostas a este nível exigem um reforço da articulação e da intervenção em rede, evitando sobreposições da intervenção quer ao nível da deteção de eventuais situações de risco e não somente quando se verificam situações de rutura, como viver numa casa abandonada, quer ao nível da identificação e aproximação às situações extremas muitas vezes privados de beneficiarem dos seus direitos ou desencorajados para o fazer. A intervenção em rede implica ativar e criar redes de solidariedade e também de acesso a direitos (Guadalupe, 2008). Paralelamente, ao nível das políticas públicas, a questão dos arrumadores tem sido abordada localmente e frequentemente na perspetiva de combate ao sentimento de insegurança e por vezes de erradicação do problema, pelo que a resposta política de muitos concelhos tem sido o reforço do controlo policial e a proliferação de parquímetros (Pais, 2001., Matias & Fernandes, 2009). O município de Faro ao integrar os arrumadores nas equipas de jardinagem, é reconhecido pelos indivíduos integrados como importante para o seu processo de mudança, no entanto, dificilmente chega ou resolve outras situações mais graves ou a maior parte delas, tendo em conta que, quem não requereu o RSI não é admitido e reformados, incapacitados ou doentes mentais estão fora desta medida. A ineficácia das políticas públicas, que visam a resolução ou redução desta atividade são visíveis. Os arrumadores continuam a arrumar nos parquímetros, a presença da polícia afasta alguns, mas não afasta todos, bem como a oferta e a procura, no que à legalização diz respeito é desequilibrada, pois a procura é maior que a oferta. Tal como refere Pereira e Silva (1999) é importante ter presente os riscos do proibicionismo e, por outro lado, da legalização desta atividade é de realçar que se verifica um agravamento da tensão destes indivíduos com a polícia, em consequência de uma maior vigilância e controlo social.

Relativamente às limitações do estudo importa referir que devido a constrangimentos de falta de tempo, o facto de os relatos terem sido realizados no local de trabalho, de modo a não prejudicar nenhum dos participantes, não foi possível implementar entrevistas narrativas, mais aprofundadas a um grupo mais alargado e continuado no espaço-tempo. Seria igualmente interessante aceitar a proposta da doutora Vanda Balaia, dos serviços de ação social da câmara e colaborar com a equipa para intervir e acompanhar os casos e em conjunto, contribuir para a integração social e melhoria da qualidade de vida destas pessoas, uma proposta que pretendo ponderar e dar o meu contributo para dar melhores condições de vida e oportunidades a estas pessoas, se eles assim o entenderem. À semelhança do que defende Robert Adams (2008, p. 41) é importante que a par da implementação de abordagens participativas, que haja um investimento nos processos de monitorização e avaliação da participação dos sujeitos enquanto estratégia promotora de mudanças e *empowerment*. Importa referir que neste estudo não foram incluídas minorias de género, como é o caso do género feminino, devido à menor expressão comparativamente aos homens. Durante o trabalho de campo apenas houve contacto com uma mulher, que arruma carros no largo de São Francisco em Faro.

No que diz respeito às dificuldades encontradas no decorrer da investigação podemos mencionar várias. A participação da PSP foi bastante difícil de conseguir. Os relatos biográficos também não se realizaram nas melhores condições. Tiveram de ser realizados na rua, nos parques de estacionamento, com o barulho de fundo e interrupções constantes, o que dificultou a parte da audição das gravações, mas não impossibilitou a realização do trabalho. Pretendemos colocar os participantes num contexto em que estivessem à vontade, de formal informal, sem pressões, de modo a não prejudicar, quer os participantes, quer a investigação. A aceitação em participar foi geral, sem grandes entraves, nem complicações, pois procurei conhecer quem eram estas pessoas e quais eram os locais onde exerciam a atividade, para no futuro integrarem a investigação e para ficarem a saber quem eramos nós e os propósitos da investigação. Para tal andámos pelos principais *hotspots*, onde se aglomeram mais arrumadores de carros, em parques de estacionamento, uns pagos outros não. As gravações e todo o resultado dos relatos biográficos e por conseguinte da investigação foram aprovados pelos mesmos.

Posto isto, qual o papel da educação e do educador social? De que forma poderá o educador social intervir para contribuir para a melhoria da qualidade de vida destas pessoas? Quais serão os contributos da educação social para a inclusão social dos arrumadores de carros?

O educador social ao estimular, conscientizar e capacitar indivíduos ou grupos em situações precárias ou marginais a resolverem os seus problemas, está a promover a reflexividade e o pensamento crítico, o *empowerment* e a participação dos envolvidos na tomada de decisão. Não obstante, e como sugere Adams (2008), importa implementar este tipo de estratégias ou metodologias em paralelo com outras medidas, nomeadamente responder às necessidades imediatas. Assim, tendo em conta os relatos biográficos e as conversas informais, identificam-se as principais vantagens da utilização deste tipo de abordagens, que se querem participativas, inovadoras e emancipadoras, para a intervenção na área da educação social: permite uma maior proximidade e conhecimento da situação real do indivíduo/ grupo/ comunidade, implica um olhar diferente para com os sujeitos o que coloca o educador social no papel de mediador e numa perspetiva colaborativa, o maior envolvimento e participação dos sujeitos na dinamização conjunta de um plano de intervenção e consequentemente no processo de resolução da situação. Os participantes ao referirem as suas necessidades e os seus modos de vida de arrumador de carros também adiantaram possíveis soluções ou formas de melhorar a sua situação. O educador social poderá ainda promover a diversidade de respostas sociais ao introduzir visões alternativas sobre os problemas e ainda procurar influenciar as políticas públicas ao disseminar os resultados da ação junto das entidades com responsabilidade na área social. Assim, podemos chegar a dois tipos de intervenção social, por um lado a necessidade de criar medidas especializadas e integradas para os excluídos e marginalizados, ao levar a cabo um papel de mediação entre o Instituto do Emprego e Formação Profissional de Faro, de modo a facilitar a procura de outros postos de trabalho para arrumadores, se os mesmos assim o entenderem e por outro lado, atuar ao nível da prevenção, ou seja, intervir a montante. O papel do educador social enquanto facilitador da mudança, deverá passar pela transformação social e contribuir para a melhoria da qualidade de vida e integração dos arrumadores de carros (Castel, 1997., Menezes, 2009). Para intervir junto desta população é essencial um maior investimento e articulação a montante desta situação (Castel, 1997) e, paralelamente, uma individualização no acompanhamento e uma maior participação efetiva dos envolvidos no *design* das respostas sociais. O que pressupõe uma mudança ao nível das práticas de intervenção social: trabalhar com e não para os indivíduos em situação de vulnerabilidade ou exclusão social.

O educador social poderá trabalhar com os arrumadores de carros, no sentido destes poderem exercer os seus direitos de cidadania, deverá promover o *empowerment* e promover a cidadania dos mesmos, como veículo de integração e de participação na sociedade, deverá mostrar a importância do seu contributo para a sociedade, deverá promover sentimento de

pertença, diminuir as diferenças aparentes. A proposta que nos foi feita consiste em integrar a equipa do serviço de ação social da autarquia. Esta investigação pode ter sido o primeiro passo, para uma intervenção social num futuro próximo.

Este estudo constituiu um desafio no qual coloquei em prática os conhecimentos que tenho vindo a adquirir ao longo do tempo. Permitiu ainda aprofundar as minhas capacidades de interpretação e tornar-me num investigador mais completo. Esta investigação teve e continua a ter como base os meus valores e ideais de justiça social, de promoção da igualdade social e da inclusão social. Enquanto investigador e cidadão aprendi bastante com a pesquisa e sobretudo com os arrumadores de carros, que também eu, na qualidade de investigador, desconhecia. Tinha uma vaga ideia errada sobre a problemática e tal como a maior parte das pessoas, tinha uma perspetiva que não correspondia à efetivamente à realidade. Cada caso é um caso, a subjetividade social é vasta, diversificada e repleta de campos, suscetíveis a possíveis investigações futuras. Os estudos que existem neste campo são poucos ou insuficientes, pelo que ainda há muitos temas suscetíveis de serem abordados em futuras investigações.

## Referências

Adler, A., & Adler, P. (1994). *Observational Techniques*. In N. Denzin e Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research*. California: Sage, pp.377-392;

Adams, R. (2008). *Empowerment, participation and social work*. London: Palgrave Macmillan;

Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e práticas de Investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta;

Amaro, R. (2003). *Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação? – Da teoria à prática e da prática à teoria*. Caderno de Estudos Africanos nº 4. Lisboa: ISCTE, pp 35-70;

- Bailey, K. D. (1982). *Methods of social research*. 2<sup>nd</sup> edition. New York: Free Press;
- Bakhtin, M. (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes;
- Bielous, S. D. (s.d). *Los Derechos Fundamentales que se han de garantizar son de índole civil, económica, social a la vez*. Madrid;
- Bogdan, R., & Taylor, S. (1975). *Introduction to qualitative research methods: A phenomenological approach to the social sciences*. New York: J. Wiley;
- Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora;
- Bowley, A. L. (1900). *Wages and Income in the United Kingdom since 1860*;
- Bowley, A.L. (1901). *Elements of Statistics*. 4th edition in 1920;
- Burgess, R. G. (1984). *The Social Organization of Schools*. London: B.T. Batsford;
- Capucha, L. (2002). Da vulnerabilidade à exclusão social em Portugal 1995-2000. *Perspetivas da Evolução Social*. Oeiras: DEPP/MTS e Celta;
- Capucha, L. (2005). *Desafios da pobreza*. Oeiras: Celta;
- Castel, R. (1997). As Armadilhas da Exclusão, e As Transformações da Questão Social. Em M. Belfiori-Wanderley et al (org.). *Desigualdade e a Questão Social*. São Paulo: Educ/PUC-SP;
- Campos, R.C.P.R. (2010). *Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da história*. Belo Horizonte: Autentica Editora;
- Caputo, S. G. (2010). *Sobre entrevistas*. Petrópolis: Vozes;
- Clandinin, D.J., & Connelly, F.M. (2011). *Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research*. Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores: Uberlândia, EDUFU;
- Costa, A. B. (1985). *A Pobreza em Portugal*. Lisboa: Caritas;
- Costa, A. B. (2005). *Exclusões Sociais*. 5ª Edição. Lisboa: Gradiva Publicações Lda;
- Colás, P. (1998). El análisis cualitativo de datos. In L. Buendia, P. Colás, F. Hernández, *Métodos de investigación en Psicopedagogia*. Madrid: Mc-Graw-Hill, pp.225-249;
- Creswell, J. (1994). *Research Design Qualitative and Quantitative Approaches*. Thousand Oaks: Sage Publications;
- Creswell, J.W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa. Escolhendo entre cinco abordagens*. São Paulo: Penso Editora LTDA.
- Crotty, M. (1998). *The foundations of social research: meaning and perspective in the research process*. London: Sage Publications;
- Cunha, M. J. C. (2012). Estratégias, Procedimentos e Formatos. In Marocco, B. (org). *Entrevista na prática jornalística e na pesquisa*. Porto Alegre: Libretos;
- Diário de Notícias. (2011). *Câmara de Faro dá licenças oficiais para 17 arrumadores de carros*. Disponível em <http://www.pressreader.com/portugal/diario-de-noticias/20110105/281908769582621>;

- Douglas, M. (1991). *Pureza e perigo*. Lisboa: Edições 70;
- Dussel, E. (1993). *O encobrimento do outro: a origem do "mito da modernidade"*. Petrópolis: Vozes;
- Dutrénit, S.B., & Varela, G. P. (1996). *El Sistema Político uruguayo entre dos épocas. Represión estatal y democracia tradicional*. Nº. 60. European Review of Latin American and Caribbean studies;
- Elias, N. (1997). *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed;
- Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-Abrigo 2009-2015*, disponível em: <http://www.seg-social.pt>;
- Flick, U. (1998). *An Introduction to Qualitative Research*. London: Sage Publications, p 293;
- Flick, U. (2002). Entrevista Episódica. In: *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, P. 114-136;
- Fortin, M.F. (1999). *O processo de Investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência;
- Friedmann, J. (1996). *Empowerment: Uma política de desenvolvimento alternativo*. Oeiras: Editora Celta;
- Freire, P. (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo, Moraes.
- Freire, P. (1982). *Ação cultural para liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra;
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra;
- Freire, P. (1993). *Política e educação*. São Paulo: Cortez;
- Freire P. (2007). *Política & Educação*. 8ª Edição. São Paulo: Villa das Letras;
- Gadamer, H, G. (1975). *Truth and Method*. London: Sheed & Ward;
- Galvão, C. (2005). Narrativas em Educação. *Ciência e Educação*. V.11, n 2, p. 327-345;
- Gaskell, G., & Bauer, M. W. (2002). Para uma prestação de contas pública: além da amostra, da fidedignidade e da validade. In: *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 470-490;
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas Individuais e Grupais. In: *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 64-89;
- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara;
- Gorz, A. (1980). *Crítica da divisão do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes;
- Gomes, G. (2008). *Uma investigação etnográfica sobre os flanelinhas que fazem da praça padre Cícero da cidade de Juazeiro do Norte – Ceará um lugar de ordem e trabalho*. Comunicação apresentada no XXI Encontro Regional de estudantes de Direito e Encontro Regional de Assessoria Jurídica Universitária;
- Guadalupe, S. (2009). *Intervenção em Rede*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra;

- Guillaumin, C. (1992). *Sexe, Race et Pratique du Pouvoir*. Paris: Côté-femmes;
- Guba, E. (1990). *The paradigm dialog*. Newbury Park, CA: Sage Publications;
- Hammersley, M. (1990). *Reading Ethnographic Research: A Critical Guide*. London: Longman;
- Jovchelovich, S., & Bauer, M.W. (2002). Entrevista Narrativa. In: Bauer MW, Gaskell G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, p.90-113;
- Latorre, A., Del Rincon, D., & Arnal, J. (1996). *Bases metodológicas de la investigación educativa*. Barcelona, Hurtado Ediciones, p. 315;
- Lapassade, G. (1991). *L' Éthnosociologie*. Paris: Méridiens Klincksieck;
- Lévinas, E. (1997). *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes;
- Lira, G.V., Catrib A. M. F., & Nations, M. K. (2003). *A narrativa na pesquisa social em saúde: perspectiva e método*. RBPS. 16, pp 59 – 66;
- Lobo, E. S. (1991). *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Brasiliense;
- Marcuschi, L. A. (1997). *Análise da conversação*. São Paulo: Ática;
- Matias, M., & Fernandes, L. (2009). *Desarrumar o medo... o arrumador de carros como figura do medo na cidade*. Revista Toxicodependências, pp. 9-22;
- Menezes, F. (2008). *Dinâmicas de Risco na Modernidade e Desigualdades Sociais: o caso dos sem-abrigo em Paris, Lisboa e Londres* (Dissertação Doutorado em Sociologia da Comunicação, da Cultura e da Educação). Lisboa, ISCTE;
- Mertens, D. M. (1998). *Research Methods in Education and Psychology: integrating diversity with qualitative and quantitative approaches*. London: Sage Publications;
- Medina, C. A. (1996). Entrevista, o diálogo possível. São Paulo: Ed. Ática, 2002. *Povo e personagem*. Canoas: Ed. da Ulbra;
- Minayo, M. C. S. (2012). *Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade*. Ciência & Saúde Coletiva, 17 (3):621-626;
- Motta, L. G. (2013). *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Universidade de Brasília;
- Morin, E. (2001). Da entrevista no rádio e na televisão. In: *As duas globalizações – Complexidade e Comunicação uma pedagogia do presente*. Porto Alegre: Sulina, EDIPUCRS, p.61-79;
- Morgan, D. L. (1988). *Focus Groups as Qualitative Research*. Newbury Park: NY: Anchor;
- Mühlhaus, C. (2012). A entrevista e seus artistas. In Marocco, B. (org.). *Entrevista na prática jornalística e na pesquisa*. Porto Alegre: Libretos;
- Nóvoa, A. (1992). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora;
- Nave, A. (2004). *Estacionamentos sem risco, arrumadores sem exclusão*. Revista Toxicodependências, 10, (2), pp. 41-50;

- Olabuenaga, J. I. R. (1996). *Metodologia de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto;
- Paugam, S. (2003). *A Desqualificação Social*. Porto: Porto Editora;
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates – Jovens, Trabalho e Futuro*. Porto: Ambar;
- Pereira, E. (2000). *Conceitos, Medidas e Estratégias de Luta Contra a Pobreza em Africa: a Procura de um Novo Consenso* (Tese de Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional). Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa;
- Pereira, A., & Silva, D. (1999). *Os arrumadores e os sem-abrigo da cidade de Lisboa: viver da rua, mas nem sempre na rua*. Anais Série Sociologia, Lisboa, 2, pp. 231-239;
- Pereirinha, A. (1992). *Observer On National Policies to Combat Exclusion*. Lisboa: Lille – European Economic Interest Group;
- Punch, K. (1998). *Introduction to social research: quantitative & qualitative approaches*. London: Sage Publications;
- Reis, E. (2000). *Dossiê Desigualdade: Apresentação*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais da ANPOCS*, v. 15, n. 42, p. 73-75;
- Resende, F. (2009). *O Jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro*. São Paulo: Revista Galáxia n° 18, Dezembro;
- Revez, I. (2011). *Faro legaliza arrumadores e não há lugar para todos*. Disponível em <https://www.publico.pt/local/noticia/faro-legaliza-arrumadores-e-nao-ha-lugar-para-todos-1473858>;
- Riessman, C. K. (1993). Narrative analysis. In: *Qualitative Research Methods*. Thousand Oaks: Sage, 1993. v. 30, p. 25-78;
- Rowntree, B. (1902). *Poverty: A Study of Town Life*. 2nd ed. London, Macmillan & Co.;
- Schraiber, L.B. (1995). Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudo sobre a profissão médica. Volume 29, n. 1. *Revista Saúde Pública*, pp. 63-74;
- Sennett, R. (1999). *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record;
- Silva, T. T. (2000). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes;
- Shaw, I. F. (1999). *Qualitative Evaluation*. London: Sage Publications;
- Spradley, J. (1979). *The Ethnographic Interview*. New York: Holt, Rinehart & Winston;
- Taguieff, P. A. (1987). *La force du préjugé: essai sur le racisme et ses doubles*. Paris: Éditions La Découverte;
- Taussig, M. (1993). *Mimesis and Alterity*. New York and London: Routledge;

UNDP (1998). *Integrating Human Rights with Sustainable Human Development*. Washington: Communications Development Incorporated;

Usher, R. (1996). Textuality and reflexivity in educational research. In D. Scott & R. Usher (Eds), *Understanding educational research*. London: Routledge, pp 33-51;

Vogel, D. (2012) A entrevista, um traçado aberto. In Marocco, B (org.). *Entrevista na prática jornalística e na pesquisa*. Porto Alegre: Libretos.

## Anexos

### Guião nº 1 – Guião dos relatos biográficos aos arrumadores de carros

1. O que é para si ser arrumador de carros?
2. Gosta de ser arrumador de carros?
3. Pensa que os arrumadores de carros mereciam ser mais reconhecidos e valorizados?
4. Há quanto tempo arruma carros? Quantas horas por dia? Onde costuma trabalhar?
5. Pretende continuar a exercer a sua profissão?
6. Como pensa que os outros o veem?
7. Como é a sua relação com os seus colegas?
8. Como é a sua relação com os seus clientes? E como são as relações deles consigo?
9. Costuma solicitar apoios sociais ou económicos?
10. Que perspetiva tem para o futuro?
11. Fale-me um pouco da sua infância?
12. Fale-me das suas amizades de infância e amigos para a vida;
13. Fale-me um pouco da sua família;
14. O que se recorda melhor da sua adolescência?
15. Conte-me um pouco sobre as amizades ou namoradas?
16. Sobre a escola, fale-me um pouco dos seus tempos de escola.
17. Qual a memória que melhor recorda dos seus tempos de escola?
18. Onde estudou? Onde Viveu?
19. Qual o seu emprego/trabalho de sonho?
20. Além de ser arrumador de carros, já exerceu outra profissão?

### Guião nº 2 – Guião das entrevistas semidiretivas a membros da sociedade civil

1. Conhece algum arrumador de carros?
2. Qual é a ideia que tem do arrumador de carros?
3. Onde vive atualmente?
4. Já recorreu a serviços prestados por arrumadores de carros?

5. Como é a sua relação com os arrumadores de carros?
6. Já teve algum conflito com arrumadores de carros?

#### Guião nº 3 – Guião da entrevista realizada à Polícia de Segurança Pública de Faro

1. Qual é a sua ideia, enquanto autoridade, sobre os arrumadores de carros?
2. Como é a sua relação com eles?
3. É frequente abordar arrumadores de carros?
4. No caso de não-licenciado, é da competência da PSP multar ou retirar dinheiro aos arrumadores de carros?
5. Quantos arrumadores se encontram licenciados em Faro?

#### Guião nº 4 – Guião da entrevista realizada aos serviços de ação social da câmara municipal de Faro

1. Qual é a ideia que a câmara municipal tem dos arrumadores de carros?
2. Sabe-me dizer quantos arrumadores exercem em Faro?
3. No que diz respeito às licenças, como é que funcionam?
4. Como é que a relação da câmara municipal com eles?
5. Costumam abordar arrumadores de carros com frequência?
6. Os arrumadores costumam pedir apoios sociais aos serviços de ação social?

#### Tabela 4 - Histórias e Relatos Biográficos dos Arrumadores de Carros

<p>António Pereira</p>	<p>Para António arrumador de carros é uma necessidade devido ao desemprego e ao fato de ser pai de três filhos, um com trinta e um, outro com quinze, outro com catorze. António refere que arrumar carros não é a vida dele nem a sua profissão, a sua profissão é motorista, sempre foi motorista tendo carta de condução já há trinta anos de pesados e ligeiros, tendo sido também taxista por dez anos em Lisboa. Apesar das dificuldades que já passaram António não quer um trabalho fixo, referindo os bons e maus patrões, prefere arrumar carros. Além de arrumador também é mariscador e pesca com outro amigo com recurso à rede. António é pintor, motorista, quando é necessário. Refere que os rendimentos que faz variam e que mais vale ser assim do que "andar a roubar". Se roubasse alguma coisa tinha de ser algo para melhorar a vida dos seus filhos. António gosta de arrumar carros, mas refere que alguns clientes não são simpáticos nem respeitam, mas apesar diz ainda existem "boas pessoas" e também é por essa razão que ainda arruma. António tem cinquenta e cinco carros e arruma carros há um ano. Nasceu no meio da agricultura, trabalhou na agricultura com máquinas pesadas e camiões. António passou por um grave problema de saúde, que lhe custou a visão e a profissão de taxista, pois não conseguia ver o taxímetro. António conta que isso se deveu ao fato de na altura ter passado por uma pequena depressão e o que lhe causou o problema de visão foram os antidepressivos receitados pelo médico, que até</p>
------------------------	---

	<p>hoje ainda não o perdoa, pois afetou a sua vida pessoal e profissional, pois ao perder o seu emprego, perdeu também a sua mulher e os filhos. Encontra-se longe da sua família. Teve sob o efeito dos antidepressivos treze anos, perdeu a mãe, a família, perdeu tudo. Também lhe afetou a mobilidade e a sua rotina diária, não conseguia fazer a sua higiene. Refere que hoje já está melhor, já consegue fazer a sua vida, mas ainda não recuperou totalmente. António refere que conhece pessoas que passaram pela mesma situação e que foi o seu pai, que lhe disse que não lhe comprava mais os comprimidos e até hoje nunca mais voltou a tomar os medicamentos, começou logo a sentir-se melhor, não era necessário continuar. António ainda vive com a revolta e com a injustiça que passou na sua vida, pretende ainda encontrar-se com o médico, responsável por estragar a sua vida. António menciona que, apesar de ser arrumador de carros tem mais carácter do que muita gente, não se troca por eles e antigamente era capaz de entregar-se por tudo. António conhece as autoridades e nunca teve nem tem problemas com eles. O mesmo diz que não tem horas fixas para trabalhar por dias. António arruma durante o período de tempo no qual os parquímetros se encontram ativos, afirma que mesmo sabendo que não pode, tem de arriscar. António não quer continuar a arrumar carros. O seu sonho é viajar pelo mundo fora e escrever, diz que vai "viver para escrever". António também não acredita nos políticos. Para ele são todos mentirosos e uns ladrões. O seu último emprego em Lisboa foi ser taxista para dois polícias da PSP, que para ele foram grandes patrões, os melhores que teve, tendo trabalhado quatro anos. As relações sociais com os clientes e com os membros da sociedade civil é boa, mas António relaciona-se bem com aqueles que se relacionam bem com ele, com os que lhe tratam bem, com os restantes, nem por isso. Para António um dos grandes problemas é a indiferença social que por vezes observa, pois não faz parte da solução, mas sim do problema. António chegava a fazer oitocentos quilómetros dentro da cidade. António é natural de Bicas, no concelho de Grândola, vem de casa humilde e nasceu a um de Janeiro de 1960.</p>
Carlos	<p>Carlos pensa que ser arrumador de carros é vergonhoso. Apenas arruma carros por se encontrar desempregado. A sua profissão é serralheiro é aquilo que gosta, trabalhar no ferro. Não gosta de nada de arrumar carros, só o faz por necessidade. Diz que o governo reage muito mal para com os arrumadores de carros e pensa que não são reconhecidos. Carlos diz que por vezes a Polícia tira-lhes o dinheiro, tendo já dado "a cara" diversas vezes quando confrontado pelas autoridades e refere que faziam dele o que queriam. Carlos</p>

	<p>pensa que o presidente da câmara é que dá as instruções. Carlos arruma carros há cerca de seis a oito meses. Carlos não tem horário fixo. Diz que trabalha até fazer o que necessita para o dia e vai-se embora. O seu local de trabalho é sempre na mesma zona, no parque junto à igreja de S. Luís. Carlos é arrumador por necessidade, refere a falta de emprego e a ausência de apoios sociais, apesar de tentar obter esses apoios até hoje ainda não os conseguiu obter. Carlos não pretende continuar e mal consiga uma oportunidade pretende deixar logo de arrumar. As relações com os seus clientes e colegas são boas, mas Carlos pensa que a sociedade no geral vê "com mais olhos" os arrumadores de carros. Carlos já trabalhou no estrangeiro e regressou a Portugal. Carlos defende que é necessária uma mudança das mentalidades da sociedade no geral. Carlos não tem perspetivas para o futuro, é católico e guarda essas previsões para Deus.</p>
João Negrão	<p>Ser arrumador de carros para João é uma forma de não cometer crimes e asneiras e espera pela caridade das pessoas. João não pede moeda aos clientes, quem quer dar e pode dar dá, mas João não lhes pede. João menciona que gostava de exercer outra profissão, mas o fator idade é uma barreira. João vê a arrumação de carros, como um estilo de vida mais fácil. João habita numa casa abandonada, sem condições de saneamento básico e higiene, não tem casa de banho, não tem cozinha para fazer comida. João gostava de ter uma pequena casa com duas divisões para ele é o suficiente. João não tem qualquer tipo de apoios sociais. João diz que ele e os seus colegas nem sempre são bem-vistos pela sociedade, porque muitas pessoas danificam carros e obrigam as pessoas a dar-lhes dinheiro. Para João-ninguém é obrigado a dar dinheiro, mas menciona que nesses casos, os clientes vão-se embora, voltam e encontram os carros riscados ou com os pneus furados e que por causa de uns pagam os outros. Ter-se tornado arrumador não foi uma escolha que tomou, mas sim o único caminho para sobreviver. João conta que antes de ser arrumador recorreu aos caixotes do lixo à procura de alimentos e até chegou a comer comida para cão, até que decidiu por termo a essa situação e começou a arrumar. João refere, que de vez em quando a polícia aparece multa e tira o dinheiro, com o argumento de ser proibido. João é cozinheiro de sala, barman, canalizador, electricista, arrumador de ferro, pedreiro, calceteiro. João tem cinquenta e seis anos, Refere ainda alguns problemas além da idade em arranjar emprego. Para a hotelaria refere a falta de dentes, tem falta de vista e não sabe escrever. É uma pessoa conformada com a sua situação. Entre os seus colegas, João é daqueles que melhor sabe comunicar entre eles e com os clientes,</p>

	<p>referindo o fato de grande parte dos seus colegas serem analfabetos. João refere que tem um pouco mais cultura, pois cresceu assim e foi à escola. João é poliglota. Sabe falar inglês, francês, italiano, espanhol e português e as pessoas gostam da sua conversa e existe uma boa relação. João costuma trabalhar no parque junto à Rotunda do Hospital, mas aos fins-de-semana costuma ir para o parque da EVA. João tem uma boa relação com os seus colegas, mas pensa que não se deve dar muita confiança.</p>
Hélder	<p>Para Hélder ser arrumador de carros é uma necessidade para sobreviver e para os seus gastos diários para comida e para tabaco é uma vida daqueles que não têm emprego. Hélder não gosta de arrumar carros nem a aconselha. É um trabalho precário devido à falta de emprego. Condena o roubo ficando a arrumação como a sua única solução de auferir rendimentos. Já trabalhou na construção civil e era para lá que ia, se uma oportunidade surgisse. Para Hélder o aspeto menos positivo em arrumar carros são as "bocas que as pessoas mandam", entre os colegas, menciona que têm uma boa relação e trabalham em conjunto. Hélder pensa que ele e os seus colegas deviam de ser reconhecidos e valorizados. Crítica os a câmara municipal e membros da etnia cigana por terem licença de arrumador, enquanto ele e os seus colegas não possuem essa licença. Enaltece a desigualdade e que ninguém é mais do que ninguém. Hélder arruma carros há um ano e meio, costumando trabalhar da parte da manhã das novas até ao meio-dia, depois já não vem mais e vem outro colega para o seu lugar. Refere a pequena dimensão do espaço que não é o adequado para todos ao mesmo tempo, vai trocando, demonstrando um clima de solidariedade e de cooperação entre os seus colegas, sempre na zona do hospital distrital de Faro. Hélder não aufere muito. Diz que são umas moedas, que muitas vezes, "mal dá para comprar um paposeco". Hélder diz que ninguém da câmara demonstra interesse em ajudar e que no lugar deles mandam vir a polícia. Existe clima de amizade entre os seus colegas, mas com as autoridades a relação é complicada. Hélder aceita fazer qualquer coisa desde que não seja arrumar carros, que não foi uma escolha tomada por ele, mas sim uma fatalidade.</p>
Quintério de Jesus	<p>Arrumar carros para Quintério é uma atividade necessária devido à falta de emprego, de bens e posses, "dá para uma pessoa se desenrascar". Tem uma boa relação com as pessoas e com os seus colegas. Quintério arruma no mercado municipal. Não tem trabalho, nem recebe apoios da segurança social. Aufere diariamente quinze a</p>

	<p>vinte euros, para a sua alimentação. Quintério gosta muito de arrumar carros e que as pessoas o tratem bem, sabe falar com as pessoas com respeito e empatia. Arruma carros há quatro anos, já tinha arrumado, mas parou devido a uns apoios da segurança social. Conta que depois, voltou a arrumar carros. Costuma trabalhar três horas, das nove ao meio-dia. Trabalha na parte da manhã, sempre na mesma zona. As suas perspetivas para o futuro são más, pois menciona que nunca descontou para a caixa e não terá direito a nada. O dinheiro que tem é da arrumação de carros. Quintério sofre de diabetes, a sua melhor memória de infância é dos seus tempos de escola na Conceição de Faro, é natural de Faro. Da escola gostava mais dos livros e de jogar à bola e praticar artes marciais. Sabe ler e escrever. Refere que tem poucos mas bons amigos. Menciona a falta de vontade do Estado e da câmara em fornecer ajuda. Já foi calceteiro, nos tempos em que tinha saúde. Tem família, mas é ausente e distante. Habita com amigos, amigos esses que encontram-se em prisão domiciliária e acaba por os ajudar também.</p>
<p>Manuel Diogo</p>	<p>Manuel nasceu na Alemanha, filho de pais emigrantes. Tem uma irmã mais nova. Vive com mais um colega arrumador. Manuel já passou por uma temporada de dependência do álcool, mas nunca consumiu drogas. A pessoa mais importante da vida de Manuel é a sua mãe, que vive no Norte do país com a irmã. Ambas têm casas juntas uma da outra. Manuel tem dupla nacionalidade, alemã e portuguesa. Manuel tal como os outros entrevistados, apenas arruma para as suas necessidades básicas, alimentação e vestuário. Habita num pequeno quarto com outro seu colega. É contra a institucionalização, diz mesmo que, "não resolve nada". Manuel tem uma excelente relação com os clientes e com os seus colegas, defende que ninguém mais do que ninguém e todos os seus colegas têm o direito de "fazer algum dinheiro" para viver, apesar das exigências impostas pela câmara. Manuel é uma das poucas pessoas presentes, nesta investigação com licença de arrumador de carros. Manuel também já trabalhou em vários países europeus antes de vir para Portugal. O seu grande sonho é voltar a trabalhar com teares, pois foi o emprego que mais se identificou quando trabalhava numa fábrica de indústria têxtil. Manuel não recebe apoios sociais, está atualmente a tentar adquirir o RSI. Conta com a ajuda de assistentes sociais, que diz que costuma facultar roupa e comida aos</p>

	<p>arrumadores de carros naquela Zona. Se lhe for atribuído o RSI diz que volta para próximo da mãe. É lá que se sente feliz e em casa. Manuel sofreu muito com a doença da mãe, foi ele que tomou conta dela antes de ser sido internada. Conta também que sofreu de asma e sofre de arritmia cardíaca e que uma vez, deu-lhe um ataque enquanto estava a arrumar carros e foi graças à ajuda dos colegas e vizinhos na zona onde trabalha que conseguiu sobreviver e estar cá hoje.</p>
António Negrão	<p>António é irmão de João, também ele parte integrante da investigação. Da infância recorda os jantares de Domingo e de Natal com emoção. O pai de António era um pai ausente, alcoólico e era causador de violência doméstica. António refere a Sagrada Família do tempo da ditadura e o papel que essa doutrina teve nas relações familiares. António na sua adolescência gostava de jogar à bola, ele e os amigos eram conhecidos no baixo. António teve vários relacionamentos, mas nunca assentou, só a última companheira, que faleceu com uma overdose atropelada por um comboio. António menciona os teus tempos de toxicod dependente em que consumia drogas pesadas e leves. Para António o maior vício era "picar" com a seringa. A sua infância foi também passada na casa da avó. António nunca roubou nada a ninguém nem traficou droga. António não recebe RSI, mas já lhe foi sugerido que recorresse. António refere que ainda fuma heroína "esporadicamente". Menciona que hoje em dia o "material" não vale o que valia. Para António arrumar carros é algo livre, uma forma de comunicar e conhecer pessoas e fazer amigos, chegando mesmo a tratar as pessoas por "tu". É uma pessoa empática, tem uma boa relação com os clientes. Se pudesse fazer outra coisa, gostaria de ser gestor de armazém. Tirou vários cursos, nomeadamente, básicas administrativas, onde aprendeu a operacionalizar com computadores. António necessita de um quarto para ele e para o irmão. Menciona a falta de apoio e de interesse público em querer ajudar. Costuma ir à Santa Casa da Misericórdia para as refeições e higiene pessoal. Tem consultas com o RSI com os serviços prisionais. António trabalha das nove ao meio dia, voltas às duas da tarde e sai às três e meia do trabalho. É natural de Faro, tal como o irmão João.</p>
Jorge Manuel	<p>Para Jorge Manuel a melhor memória de infância que tem é da escola. Confessa que teve de abandonar a escola para trabalhar e arranjar dinheiro. A família é doente e tem uma irmã. Jorge diz que ganha umas "moedinhas" para comer e para comprar o tabaco. Está inscrito no centro de emprego, recebe RSI e arruma carros enquanto</p>

	<p>aguarda uma resposta do centro de emprego. Praticava basquete na escola e a disciplina favorita era Matemática. Jorge pensa que o facto de ser arrumador de carros influencia a opinião sobre e é um fator de construção de preconceitos, nomeadamente, impõe-lhes o rótulo de "toxicodependentes".</p>
--	--

Tabela 5 - Análise dos Relatos Biográficos

Campos de investigação	Excertos	Análise do investigador
Infância	<p>“São boas...boas, eu fui criado com os meus avós, tenho boas recordações deles, pois eu era filho de pai alcoólico. Pronto tudo isso foi ultrapassado e a minha infância pois, tudo o que eu me lembro da minha infância até aos dezasseis anos, foi passado com os meus avós. Depois a minha mãe foi-me buscar, o meu pai também à casa dos av..dos avós e comecei a trabalhar”, Carlos</p> <p>"Os jantares que a minha mãe fazia ao domingo Fazia o natal, mas depois punha os sap...à...à...à chaminé que era o...vinte e quatro (...) e távamos a gente todos juntos", António Negrão</p> <p>"...não consegui arranjar mais trabalho e então dediquei-me a estacionar uns carros, pois não...não se ganha muito, mas prontos é melhor do que andar aí a roubar e a fazer outras coisas, que</p>	<p>Carlos passou por uma infância complicada, que a meu ver era típico para aquela altura, numa família paternal, em que o pai era a figura de poder no centro familiar. Carlos viveu com os seus avós. Não consegui saber a razão, mas talvez porque os pais não tinham tempo para tomar conta dele.</p> <p>António Negrão recorda com carinho os momentos que passava em família no Natal. Para ele a família era o mais importante apesar dos conflitos familiares e de o pai ter sido alcoólico e da violência doméstica. A família era de carácter patriarcal, ou seja a figura masculina era o centro do poder familiar.</p> <p>Quintério de Jesus, também ele natural de Faro, não se recorda muito da sua infância. Dos seus tempos de</p>

	<p>possam...prejudicar as pessoas", Jorge Manuel.</p> <p>"A melhor recordações era quando eu andava na escola primária na conceição de Faro (...) Sou daqui de Faro", Quintério de Jesus</p> <p>"Ui, a porrada que levei a monte, maltratado pelo meu pai e pronto e é assim. Muito mal tratado mesmo...Ui (...) não me lembro, não tinha nada pa gostar, parr, invejava-me dos brinquedos, não tinha nada, pois era pobrezinho, a minha mãe tinha muitos moços, muitos filhos né? (...) meu pai huh...tá bem, não era má pessoas, mas com o álcool era ab...pronto os filhos é que pagavam, é o filho, a mãe", João Negrão</p> <p>"Nasci na Alemanha, tenho dupla nacionalidade (...) doença crónica..isso já nasceu comigo e há de morrer comigo. Tenho arritimia cardíaca (...) isso era sopro ao princípio e passou a arritimia (...) tive um ataque cardíaco. Tinha sopro, passou a arritimia. Tava aqui a arrumar carros..olha...tá a ver como é uma família? Foram eles que pegaram de mim e me levaram ao hospital", Manuel Diogo</p>	<p>infância apenas se lembra quando andava na escola primária na conceição de Faro.</p> <p>João Negrão, irmão que António, revela que o que se lembra melhor é da porrada que o pai lhe dava, quando chegava a casa alcoolizado. Teve uma infância marcada por violência familiar. Como vem de uma família humilde e grande, com muitos irmãos, sem grandes posses, invejava os brinquedos dos outros meninos.</p> <p>Manuel Diogo é o único participante com dupla nacionalidade. Manuel tem dupla-nacionalidade: Alemã e Portuguesa, tendo nascido na Alemanha e veio para Portugal para cumprir o serviço militar que era obrigatório na época. Fez ainda um Curso de Sargentos. Por isso a sua infância foi passada na Alemanha.</p>
--	---	--

Adolescência	<p>"...quando andava à escola, pois até à data que tive a estudar... alguns trabalhos", Jorge Manuel</p> <p>"nós eramos gajos afamados né? No sentido pejorativo (...) nunca gostei do..do..do.. meu bairro", António Negrão.</p> <p>"...até aos dezasseis anos, foi passado com os meus avós (...) eu estudava, sempre quis estudar e depois comecei a trabalhar e a estudar à noite mas o meu pai não concordava muito que eu estudasse", Carlos</p>	<p>Jorge não conseguiu completar a sua formação e teve mesmo de abandonar precocemente a escola, teve de iniciar a vida profissional durante a sua adolescência, para arranjar dinheiro para viver.</p> <p>António e João eram rapazes conhecidos no seu bairro, não pelas melhores razões, algo que poderá ser reflexo ou não das características do seu meio familiar, um meio familiar conflituoso e violento e poderá ter influências a nível comportamental e relacional.</p> <p>Carlos revela que a sua infância e mais de metade da sua adolescência, foi passada dos avós, porque os pais não tinham tempo, nem condições para o ter, onde frequentou a escola e estudou. Teve de abandonar os estudos aos dezasseis anos começou a trabalhar e a estudar à noite, mas o pai não apoiava a sua decisão.</p>
Profissão – O que é ser arrumador de carros	<p>“Isso não tem horas certas pah!! (risos) Não tenho horas pa...horas certas pa trabalhar, atã tou aqui logo há duas horas, à noite passar mais duas, como posso..”, António Pereira</p> <p>“Ser arrumar é...não ter trabalho, a minha profissão é estocador, pintor estocador...”, Manuel Diogo</p>	<p>O que todos têm em comum é o fato de se encontrarem desempregados e a maior parte, nem sequer se encontra inscrita no centro de emprego. Como meio mais fácil de fazer dinheiro, fácil mais segundo os entrevistados, para evitar roubar ou "fazer mal", recorrem a esta</p>

<p>"...tou nesta vida...pois vai-se arrumando uns carrinhos e vai-se ganhando, pelo menos pa se comer alguma coisa e pra comprar o tabaquinho (...) tou inscrito no centro de emprego já algum tempo...tenho lá a ficha de inscrição e a partir daí, não consegui arranjar mais trabalho..e então dediquei-me a estacionar uns carros, pois não...não se ganha muito, mas prontos é melhor do que andar aí a roubar e a fazer outras coisas, que possam...prejudicar as pessoas (...) Pois...é uma profissão que normalmente a gente fica uma pedacinho queimados, porque as pessoas geram um arrumador de carros, uma pessoa toxicodependente, não é? (...) Prai uns dez anos (duração da atividade) (...)Não...costumo andar aí de um lado pro outro", Jorge Manuel</p> <p>"Olhe, pra mim é vergonhoso, pra é vergonhoso digo-lhe já, tou...nesta situação, porque não tenho ah....trabalho...pronto", Carlos</p> <p>"É assim não há trabalho, mas uma pessoa tem de se jogar a qualquer coisa pra não fazer asneiras não é? Pois, arruma-se uns carrinhos e espero pela caridade das pessoas, de cada um (...) é o que eles podem ajudar dão, há</p>	<p>atividade para ganhar alguma coisa para sobreviverem.</p> <p>António não tem horas certas para trabalhar. Pode trabalhar mais cedo, ou mais tarde. Revela a flexibilidade de ser arrumador de carros, como algo positivo.</p> <p>Manuel Diogo tem capacidades para ser estocador e pintor. Apenas arruma carros, porque não encontra outro trabalho para auferir o mínimo para viver.</p>
---	--

muitos que não dão nada, nem bom dia dizem e é assim...é o dia-a-dia", João Negrão

"Ora bem...isto aqui..isto é um...é uma coisa, é umas moedas...isto aqui um gajo não ganha grandes fortunas. Mal dar isto um gajo comprar um paposeco isto é que...tem dias que nem faz aqui, nem, nem pa comer uma sandes...", Hélder

"É assim, olha...é..é mais huh...é um bocado mais livre (...) conheço as pessoas, são pessoas amigas, o único parque que a gente trata por tu é este, as pessoas tudo da boinha com a gente, olha que não tenho, logo te dou amanhã na boinha, logo me dá e depois às vezes é ofertazinhas daqui, dali, dali...Os paraquedistas vêm aqui, riscam os carros às pessoas, só que as pessoas sabem que nós nunca fazemos isso (...) já sabem que se isto aparecer aqui assim não somos nós", António Negrão

"Arrumar carros é uma pessoa que não tem trabalho, não tenha nada não (...) dá pra uma pessoa se desenrascar (...) O que é que eu gosto menos? É que se sejam a meter no meu trabalho (...)O que é que eu gosto mais é de arrumar carros e...as pessoas dizem...que eu sou boa pessoa e sei trabalhar (...) Há

	<p>uns quatro anos. Já arrumei mais tarde....mas e po parei.....arrecebi uma cena da segurança social não é? E agora há quatro anos, que eu tou a trabalhar outra vez nisto. Três horas, três horinhas. Tou sempre aqui na praça. De manhã tou sempre aqui, das nove ao meio-dia tou sempre ai",  Quintério de Jesus</p> <p>"Eu consigo juntar dinheiro ! É que eu...admira-me é essas pessoas que não conseguem, mas eu consigo juntar dinheiro! Eu chego ao fim do dia sempre com dez, doze, treze, catorze e quinze no bolso....eu não me estico. (...) Vou ao cafezinho, tomar o meu cafezinho, ainda hoje fui ao restaurante, três euros e vinte a refeição (...) há pessoas que não andaram tanto como eu sabe? Não sabem o que é querer e não ter. Não sabem o que é querer e não ter",  Manuel Diogo</p>	
Profissão de sonho/sonhos	<p>“Voltar à fábrica. Fábrica de rendas. Uma fábrica de teares. Adorava trabalhar lá outra vez! Ai se houvesse</p>	<p>Ser arrumador de carros não é a profissão de sonho para nenhum deles. Todos eles aspiram um dia</p>

<p>/ profissões anteriores</p>	<p>uma oportunidade era logo, arrancava logo! É um trabalho que dá gozo Que é um trabalho lindo!”, Manuel Diogo</p> <p>"Porque os sonhos, muitos, é muita fantasia e eu tou farto de fantasia...e então vou viajar por esse mundo fora. Vou escrever aquilo que vejo, mas coisas com algum conteúdo, não é escrever à toa! (...) Olha o que é que eu quero? É os meus filhos.", António Pereira</p> <p>"...já fui empregado de mesa...e agora tou inscrito...", Jorge Manuel</p> <p>"...a coisa que eu mais queria era mudar..uma profissão que eu...pa puder me alevantar de manhã e olha , em lugar de vir a pensar arrumar carros...um trabalho, pronto...um trabalho normal..nem que fosse huh...apanhar as pedras da estrada, hehe", Hélder</p> <p>"Gostava de trabalhar em armazém (...) na reposição (...) tirei práticas administrativas, tirei telecomunicações, tirei uns quantos cursos pah...alguma coisa ficou, mas...o computador..quando eu fui pra lá nem sequer sabia mexer num computador, mas dominava aquilo tudo, de um momento pro outro comecei a dominar", António Negrão</p>	<p>concretizar os seus sonhos e tal como acontece na maior parte dos casos, não só neste ramo, as pessoas têm de fazer o que há e infelizmente não o que gostam. Cada caso é um caso e como tal, cada entrevistado possui um sonho diferente do anterior.</p>
--------------------------------	---	---

	<p>"Pois a profissão....tenho várias profissões..eeeh....já fui empregado de mesa (...)..dedico-me...a arrumar carrinhos de vez em quando pa ganhar alguma coisa", Jorge Manuel</p> <p>"Gostava de ir ao Estado e mudar as leis. As leis do Estado. Porque as leis tão péssimas! (...) Acabava com as cadeias e metia pena de morte pras pessoas que chamassem ou filho da puta ou...certos nomes...a certa gente, punha pena de morte logo. (...) Assim as pessoas não faziam problemas. (...) Porque isso é pras pessoas não se chatearem umas com as outras. (...) Isto daqui mais ou menos dois, três anos isto é guerra (...) Já tive saúde, trabalhava na calçada, vendia pedras pros camones", Quintério de Jesus"</p> <p>"Por profissão sou serralheiro (...) era trabalhar na força aérea", Carlos</p> <p>"Voltar à fábrica. Fábrica de rendas. Uma fábrica de teares. Adorava trabalhar lá outra vez! Iss..isso o Vale do Ave, foi à falência (...) se houvesse uma oportunidade era logo, arrancava logo!", Manuel Diogo.</p>	
Escola	<p>"Décimo segundo ano completo. Olha eu tenho eu tenho geriatria, <i>merchandising</i> e não consigo trabalho", Manuel Diogo.</p>	<p>O caso de Manuel é uma exceção na investigação. É a única pessoa que concluiu o décimo segundo ano.</p>

	<p>"...fiz a quarta classe (...) só futebol...", António Negrão</p> <p>"...quando andava à escola, pois até à data que tive a estudar, pois..huh....aahu....arranjei alguns trabalhos(...)Sim, pratiquei basket (...) era matemática", Jorge Manuel</p> <p>"...dos livros da escola pra jogar à bola. Era o futebol, ou futebol ou....artes marciais (...) da escola primária, quando andava lá na escola primária, quando comecei a aprender a ler e a escrever (...) a melhor memória epah...uma vez que andei à luta na escola...fizeram-me aqui um coiso...andei à porrada né? Andei à porrada e era uma mão cheia deles (...) eu virei uns quantos e também eheheh viraram-me a mim hehehe", Quintério de Jesus.</p> <p>"Tive numa casa de onde eu...estudei, tirei vários cursos e pronto fiz-me um homem e lá, tirei e vim pa tropa e pronto (...) Eh! Pois era jogar à bola, já sabes como é que é, era jogar à bola, no recreio é que eu gostava mais (...) jogar ao berlinde", João Negrão</p>	<p>Contudo parou por aí para ingressar na vida profissional.</p>
--	--	--

	<p>"Tenho geriatria, merchandising e não consigo trabalho. Décimo segundo ano completo e nada", Manuel Diogo</p>	
<p>Relações com colegas arrumadores</p>	<p>"Cinco estrelas! Aqui a vizinhança, que eu moro aqui perto moro aqui por trás do prédio tenho..boas amizades, as pessoas respeitam-me. não tenho problemas com ninguém Isto é grande, dá pa todos Aquele colega que está ali..é brasileiro e ele tá aí com uns problemas aí em cima dele...tou a ver se o consigo ajudá-lo, porque perdeu a documentação dele Tomos! Aqui é uma família!", Manuel Diogo "...vivemos como amigos..somos...não temos...aquela maldade uns pos outros, somos...prontos, colegas...andamos aqui e somos camaradas", Hélder "...é boa", Jorge Manuel "às vezes passo aí e coiso e nunca vejo aí ninguém, mas huh...hão de vir mais moços, mais dois ou três moços que vêm sempre ai à tarde", Quintério de Jesus. "eu por acaso ajudava muito o João, eu dava-lhe alimentação pro cão, claro,</p>	<p>Os resultados neste campo são contrários à opinião pública e ao senso comum. As relações entre colegas são caracterizadas pelo respeito, pela amizade e pela solidariedade entre os mesmos, salvo algumas exceções em que os colegas são problemáticos com os clientes, ameaçam e fazem mal a carros, pois isso deixa mal visto a figura do arrumador de carros. Contudo como João me disse e pelo que vi durante as entrevistas que realizei ele é adorado pelas pessoas daquele parque e já o conhecem bem, pois já está no parque desde 1991. Existe uma organização e disciplina, no sentido em que o mesmo parque é dividido entre quatro pessoas, porque existem consenso na divisão dos lucros e que, "não se deve ser ganancioso é preciso repartir. Temos de ser uns para os outros", como referem Manuel e João.</p>

pois mas aqueles animais de lá, não comem, certo tipo de ração e eu então pra elas não jogarem fora, pra duas patroas jogarem fora, eu trazia e dava ao João, dava ao cãozinho dele", Carlos

"Espetacular! (...) Cinco estrelas! tenho boas amizades, as pessoas respeitam-me, não tenho problemas com ninguém cada um estipula um sítio, tu arrumas ali, tu arrumas aqui, tu arrumas acolá (...) durante o dia todo, cada um fica num sítio. Posso tar só de manhã, como posso tar só de tarde, como posso tar o dia todo, mas aquele sítio, eu chego lá, sou eu que arrumo lá! eu já sou licenciado, já tenho licença de arrumador, mas eu não quero estragar a vida aos outros! Isto é grande, dá pa todos (...) somos uma família, se um precisar de um euro empresta ao outro, se um...quiser beber um sumo, epah..pagas um sumo, toma lá vai buscar um sumo, não temos problemas nisso (...) isto é uma família, uma camaradagem enorme, ninguém faz mal a ninguém e deus! E deus nos livre de nós ver alguém a estragar um carro, que ai então é que a porca torce o rabo!! (...) aqui, nesta zona, nunca encontras um carro estragado", Manuel Diogo

<p>Relações com a sociedade civil, a câmara municipal e as autoridades</p>	<p>“Eles a mim não me dizem nada, eu tenho a licençazinha, ando despreocupado”. Manuel Diogo</p> <p>"Eu conheço (...) conheço bem e então tá-se limpo (...) já me levaram fizeram o trabalho deles. (Autoridades). "Os que me tratam bem, eu trato bem. Os que me tratam bem, podes crer, que..eu respeito toda a gente que me trata bem. Agora aqueles que me desprezam...aqueles menos agradáveis em fora do conteúdo da vida, que eles tão fora, têm os olhos abertos, mas não veêm nada, coitados, chamo-lhes ignorantes", António Pereira.</p> <p>"Vem aqui polícia...por vezes...tiram-nos o dinheiro (...) quando...a polícia via essas declarações minhas, bem....faziam de mim gato sapato" (autoridades). "...há uns que até são acessíveis e há outros que tratam-nos mal claro, mas isso é...normal em todas as profissões"(clientes), Carlos.</p> <p>"E de vez em quando vem a polícia ainda me leva o dinheiro ainda me passa multa, diz que é proibido" (autoridades), "aqueles que arrumam carros, pois eu falo um bocadinho melhor que eles né? Muita gente nem português sabem falar são analfabetos (...) tenho um bocadinho de cultura, porque né ensinaram-me assim, eu</p>	<p>A câmara é vista pelos entrevistados, como uma entidade indiferente às dificuldades sociais e económicas, que estas pessoas atravessam. Pelo que me disseram, o papel da câmara é quase inexistente. As relações com as autoridades variam. De acordo, com o que me transmitiram, aos arrumadores que possuem licenças, as autoridades respeitam e deixam andar, mas àqueles que não as têm, pedem por elas, caso não as possuam retiram-lhe o dinheiro.</p>
--	--	---

cresci assim, estudei também, por isso comigo é mais fácil" (colegas arrumadores), "...falo um bocado inglês, francês, italiano, espanhol e a nossa lingua..que é o português e então as pessoas gostam da minha conversa e colaboram comigo"(clientes), João Negrão.

"Não...agora...o que eles mandam é vir a policia em lugar de virem eles, essa é que é hehehe...a policia é que eles mandam mais...", Hélder

"Aquela (camara) qualquer dia é menos camara, qualquer dia aquilo é privado (...) Não dão nada, não dão (...): Tem de ser uma pessoa, ou uma instituição, que se interesse", António Negrão

"Sim (boa relação com clientes) trato as pessoas bem, as pessoas às vezes já me conhecem dão-me moeda, outras não me dão...é assim", Jorge Manuel.

"Claro. As pessoas já me conhecem, já tão habituadas a mim, já sabem como eu sou Pra toda a gente, pra toda a gente! (simpático para todos)", Quintério de Jesus.

"A única que não é família é a polícia, que vem aí, saca o dinheiro todo à malta! (...) A minha não, que..que eu tenho licença não é? Mas eu bem vejo

	<p>eles aí, chegam ali e sacam o dinheiro à malta toda (...) Eles a mim não me dizem nada, eu...eu tenho a licençazinha, ando...ando despreocupado (...) tenho...boas amizades, as pessoas respeitam-me. não tenho problemas com ninguém (...) Eu sei que muita gente fala, fala, fala, mas não sabe o que está a falar", Manuel Diogo</p>	
<p>Percurso internacionais/ emigrações/ migrações</p>	<p>“Embora tivesse tado na Alemanha vinte anos. Sim, nasci, na Alemanha mesmo...Tenho dupla nacionalidade...nasci na Alemanha vim pa..vim pra...cumprí o serviço militar acabei por cumprir seis prontos tive a fazer o CFE, curso formação de sargentos...E depois por burrice minha saí”, Manuel Diogo</p> <p>"Já andei por toda a parte do mundo a trabalhar, já construí uma barragem na Islândia, na Holanda tou farto de ir pa Holanda trabalhar. Noruega, pa França...vim de lá à pouco tempo (...) Não me entendo muito bem, porque no mundo do estrangeiro diz que aonde há dois portugueses, um tá a mais e é verdade e é verdade, a questão de trabalho é verdade, porque tão-se sempre a lixar um ao outro, e por isso eu fugia do ambiente português (...) : Tailândia, Aruba (...) Caraíbas, pronto</p>	<p>A grande maioria dos participantes já emigrou à procura de emprego, em diversos países europeus. No caso de João, foi até à América Latina com o mesmo objetivo. Já Manuel nasceu na Alemanha, filho de pais emigrantes, também pelas mesmas razões e pela qualidade de vida.</p>

ao lado de Coraçau (...) mas pronto tive lá em aruba a trabalhar também, sempre a trabalhar! (...) foi sempre a trabalhar (...) Ganhava e bem, ganhava e bem (...) e depois regressei, porque tive problemas na Islândia e olha e depois caí no mundo da droga e foi a minha perdição...é verdade e..mas..mas agora tou mais ou menos limpo, não tou totalmente, mas tou quase", Carlos

"tive na Venezuela, tive em londres, tive em França, sei lá por onde é que eu andei, mas pronto, agora tou aqui a arrumar carros, armado em urso..não tenho trabalho é assim", João Negrão

"Tivesse tado na Alemanha vinte anos. (...) nasci na Alemanha mesmo (...) cumpri o serviço militar cá (...) obrigavam toda a gente dois anos obrigatórios (...) acabei por cumprir seis fiz o CFE, curso formação de sargentos (...) E depois por burrice minha saí..o dinheiro cheirou mais alto (...) É que eu não estive só na Alemanha. Tive na Alemanha, tive em França, tive em Espanha, tive em Itália, tive nos Açores, tive na Madeira, pronto

	<p>ai já corri a Europa (...) uns de gozo, uns de trabalho...uns foi a gozo mesmo outros foi a trabalho", Manuel Diogo.</p>	
<p>Família</p>	<p>"A minha família pois é uma família que tá doente (...) tenho mais uma irmã...", Jorge Manuel</p> <p>"Eu tenho três filhos um com trinta e um, outro com quinze, outro com catorze", António Pereira</p> <p>"O meu pai nunca foi um homem. (...) tava sempre debaixo do álcool e depois batia nos filhos, na mulher, batia no cão e tudo, nem o cão conseguia entrar em casa. O meu pai era assim (...) mas especialmente da...eu sou do tempo da sagrada família né? (...) a família era perfeita, mas depois...o meu pai nunca nos acompanhou, nunca nos acompanhou. A minha mãe era mais, a minha mãe era..tinha que dar para nós...eramos alguns cinco irmãos, cinco irmãos", António Negrão.</p> <p>"...é uma família que tá doente e..prontos (...) tenho mais uma irmã", Jorge Manuel</p> <p>"Epa...eu tenho família, mas é como se não tivesse, (...) Tou a morar ai com umas pessoas que conheci (...) Com um casal amigo...Com um casal que tem tado de pulseira. Pulseira quer</p>	<p>Os casos neste campo variam. Existem pessoas que já não têm ninguém e vivem sozinhas ou com um colega. Existe também casos em que a família é doente e o participante não consegue viver com eles e optou por viver com um casal, que entre eles dividem os custos de vida e Manuel, que se encontra a viver com um amigo, porque a mãe já tem companhia e já ultrapassou o problema de saúde, que devastou ambos. Manuel planeia voltar para próximo da mãe, a única coisa que os separa é a distância.</p>

dizer que tão presos em casa (...) e ajudo eles e eles ajudam-me a mim, (...) Vou às compras, pra eles, que eles não podem sair..o que eles mandam fazer é o que eu faço. E é assim é que se encontra e ir pra frente", Quintério de Jesus

"eu era filho de...pai alcoólico..huuuuh....mas pronto tudo isso foi ultrapassado até aos dezasseis anos, foi passado com os meus avós (...) Depois a minha mãe foi-me buscar, o meu pai também à casa dos avós (...) Olha os meus pais, faleceram, tenho a...duas irmãs, dois irmãos, todos no estrangeiro", Carlos

"casei, divorciei-me, casei-me, divorciei-me, morreu-me a mulher, morreu-me o moço e eu passei-me da cabeça, como eu te disse da outra vez, joguei-me às drogas ", João Negrão

"Tenho uma mãe (78 anos) adorável. Já toquei no ponto fraco, prontos! (...) Eu estive agora...este ano, este ano que passou quase todo a tomar conta dela...desde o natal passado, não é deste, do outro passado, dois mil e catorze..(...) Ela esteve enternada, esteve...enquanto ela não ficou boa, não vim!! (...) a minha irmã (32 anos)...pus a vivê-la ao pé da minha irmã, que é pa estarem em mais

	<p>contacto (...) eu pronto, não posso tar lá a viver da reforma dela. Aqui ainda dá pra eu comer (...) pa fazer a minha vida. É que lá não tinha direitos de nada, aqui ainda tenho direito a qualquer coisita. Parece, parece que me vai sair o RSI este mês, ainda não é certeza",</p>	
<p>Necessidades /condições de vida/subsídios</p>	<p>“Não tenho subsídio de desemprego, não tenho nada, nem o RSI... Nada...A única coisa que me está a ajudar é aqui uma...uma associação que é a MAPS é a única associação que me está a ajudar, de resto do estado disso não tenho ajudas nenhuma mesmo”, Manuel</p> <p>“Tenho ali o meu quartinho, uma coisinha pobre, mas tenho...não chove em cima que é o que interessa. vou agora ao RSI, deixo ficar a direção ali na mesma”, Manuel</p> <p>"É uma necessidade porque não há emprego e eu tenho três filhos um com trinta e um, outro com quinze, outro com catorze (...) é por isso que eu tou a arrumar carros agora atualmente, na arrumo só carros vou à ria, às ameijoas, ao berbigão", António Pereira</p> <p>"Mal como eu passo... vivo numa casa velha e não tenho condições não é? Nem casa de banho tem, nem tem</p>	<p>Dos oito entrevistados apenas um deles está a receber o RSI. Todos os que estão isentos defendem que a burocracia, bem como a complexidade do processo e os seus requerimentos impossibilitam que a maior parte dos participantes tenham acesso a este subsídio. Por isso de destacar as dificuldades de acessibilidade. Nenhum se encontra em situação de sem-abrigo, mas uma pouca porção vive em condições miseráveis, numa casa abandonada, sem condições de higiene e saneamento básico, onde proliferam ratazanas.</p>

cozinha, não tem nada, não posso fazer comida e pronto e tou ali obrigado, porque não tenho mais buraco nenhum pra me por e gostava que tivesse uma casinha nem se fosse .uma casinha com duas divisões chegava e uma pra por o meu canito também", João Negrão

"Ah e como eu tinha sempre o meu trabalho ia...mas agora tem uma coisa comigo que é eu não vou tratar do rendimento mínimo pra me dar aquela tentação (...) não, não recebo, não recebo, mas já me disseram pra eu lá ir...agora eles vão...meter grandes entraves que é: tem de ser duas testemunhas, tem que ser isto, tem que ser aquilo (...) "Mohhh!! Sabes o que é que eu queria que tu fizesses? Achavas um quartinho pra gente (...) : Tem de ser uma pessoa, ou uma instituição, que se interesse...epah...quer...quer quero ir tratar do RSI né? (...) tenho...consultas ali com o RSI lá da...da...dos serviços prisionais, ao pé do papa. (...) : Hmm..mas...ma..não me dá vontade, não me dá a mim aquela vontade muito pra ir, chego ali, aqui...às...dez horas, às vezes vou lá pra baixo, po jardim, bebo uma cervejinha, tomo alguma coisinha, tou ali, vou almoçar, depois venho até aqui, daqu vou ao...ao altos

rodes..bebo uma cervejinha, vou pra casa, amanhã é outro dia", António Negrão

"...arranjei alguns trabalhos, só que depois huh...fiquei desempregado e tou inscrito no centro de emprego já algum tempo tenho lá a ficha de inscrição e a partir daí, não consegui arranjar mais trabalho...e então dediquei-me a estacionar uns carros (...) tou nesta vida, pois vai-se arrumando uns carrinhos e vai-se ganhando, pelo menos pa se comer alguma coisa e pra comprar o tabaquinho", Jorge Manuel

"Não tenho trabalho, não recebo nada da segurança social e pronto...e aqui faço vinte euros todos os dias, dá pra mim comer (...) sou uma pessoa doente, sou diabético", Quintério de Jesus

"Trabalho e nem condições em casa, nem nada, é uma casa velha, é uma casa daquelas oh...aquilo é ratas até parece, até mete medo (...) Pois uns empurram pa uns, outros empurram pa outros, uns empurram pa uns, outros empurram pa outros e ninguém resolve nada. É a segurança social, é a camara, é a segurança social, é a camara, ui é assim, não há nada pa ninguém! (...) claro que tenho, ma não, não sei, eles

é que têm de ver primeiro as condições (...) Eu sou um sem-abrigo, praticamente, aquela casa, aquilo chove-me em cima, e é assim...não tenho uma casa de banho pra fazer as necessidades, tenho de fazer dentro de um saco de plástico (...) tenho que...pa me lavar tenho de...meto um garrafão, cortar um garrafão, um bocado, um bocadinho pa me lavar, atão isso é o que?! Pa fazer a barba esta manhã..", João Negrão

"Não tenho subsidio de desemprego, não tenho nada, nem...nem o RSI (...) Nada, não tenho ajudas de lado nenhum. (...) A única coisa que me está a ajudar é aqui uma...uma associação que é a MAPS (...) a assistência social vem aqui diariamente aqui há técnicos que andam, na rua mesmo diários (...) vêm cá dar pequenos-almoços vêm...a malta aqui é amiga. (...) Vêm aqui e dão pequenos-almoços, vêm se as pessoas...se as pessoas precisam de roupa, se precisam disto, se precisam daquilo, não têm problemas nisso (...) Não devia nada, não devo nada a ninguém, que é o melhor que eu tenho. Tenho ali o meu quartinho, uma coisinha pobre, mas tenho...não chove em cima que é o que interessa...e agora vou ver...se vier...se vier...vou agora

	<p>ao RSI, deixo ficar a direção ali na mesma, vou pa beira da minha mãe!", Manuel Diogo.</p>	
<p>Amizades/relacionamentos amorosos</p>	<p>"...tenho, mas não estão comigo estão cá em Portugal, mas tamos longe a distância é que nos tá a separar. A amizade não amizade ficou pra sempre ou eu ligo pra eles...ou eles ligam pra mim...tenho um amigo, que aquilo é...todos os dias quer saber de mim!", Manuel Diogo</p> <p>"...Amigos poucos ou nenhuns, amigos muito poucos ou nenhuns é...é...só amigos de nome...amigos poucos ou nenhuns, poucos ou nenhum (...) sempre fui um gajo mais solitário, andava paqui num café, noutro, noutro ah e depois mulheres era..era granda putanheiro grande putanheiro, do pior (...) vivi com umas quantas, umas duas ou três (...) tive várias namoradas...várias namoradas (...) mas eu queria ainda mais elas como escravas sexuais", António Negrão</p> <p>"Amigos...poucos...poucos, mas bons. É melhor ter poucos do que não ter nenhuns não é? Mas tenho poucos, mas bons, né?", Quintério de Jesus</p> <p>"estão cá em Portugal, mas...tamos longe (...) a distância é que nos tá a</p>	<p>Todos eles não se encontram sozinhos. Têm uma rede de amizades que têm feito ao longo dos anos. O que referem é o facto de a distância os separar ou o facto de, "os amigos de hoje em dia contam-se pelos dedos de uma mão". Naturalmente, também estabeleceram relações íntimas com parceiras e tiveram namoradas, mas segundo o que consegui apurar, não estão com as mesmas</p>

	separar. A amizade não. A amizade ficou pra sempre. (...) diariamente conversamos", Manuel Diogo.	
Perspetivas para o futuro	<p>“Épah até aparecer..epah continuar não pah..sabes, sabes o que é que eu quero fazer? É viajar por este mundo fora, vou conhecer muita coisa deste mundo fora, é isso que eu quero fazer. Não quero continuar a arrumar carros nenhuns”, António Pereira</p> <p>"...pois...como isto tá...pois....não sei...pois se arranjar algum trabalhinho, pois deixo esta vida e sigo o meu rumo de trabalho...", Jorge Manuel</p> <p>"...as perspetivas pó futuro acho que são muito ruins. (...) nunca descontei pá caixa não é? Um gajo se descontar tem direito a uma reformazinha ao fim de um...de tantos anos né? (...) eu como nunca descontei não tenho direito a nada! Arrumo carros, o dinheiro que faço é po dia", Quintério de Jesus</p>	Todos eles não querem continuar com esta profissão. Todos eles estão à espera que fazer algo que gostem de fazer, estão à espera de uma resposta e de soluções, que lhes permitam ingressar na profissão que aspiram exercer. Contudo os mesmos referem que as perspetivas para o futuro são más e a tendência é a piorar. Todos querem realizar a sua profissão de sonho e os seus sonhos.
Epifanias e episódios de vida	"Eu tive doente doze anos... Tiago: Diga... António: Doze anos...e perdi a visão e era taxista na altura e deixei de ver o táxi, porque não tinha olhos pa ver os números...a conta do... taxímetro. Em lisboa. Fui taxista dez anos em lisboa huh...perdi a visão, por	Além dos problemas de saúde que sofreu, com os antidepressivos e os respetivos problemas de saúde (física/motora, visual e mental), António deixou de conseguir contribuir com dinheiro para ajudar nas despesas da família, o que

	<p>causa de antidepressivos, tinha uma pequena depressão e carregaram-me de antidepressivos (...) a minha sorte foi o meu pai um dia há dois anos e tal huh...dizer-me assim, “amanhã não te compro os comprimidos”, António Pereira</p> <p>"...depois meti-me na castanha, na castanha, tá aqui, por castanha que dava-te um bocadinho a vontade de...de sexo. A castanha (...) Meti-me na cena da loja, pra ser assim muito mais sucinto e depois na cena da loja, aprendi a picar (...) O vicio de picar...olha que eu quando era mais novo, tinha medo de ver o...ia fazer análises (...) claro, já me deixei, já me deixei (...) e a minha alimentação era tabaco, comida, droga. Nunca roubei nada a ninguém, nunca, nunca, nunca, nunca vendi droga, nunca, nunca, nunca, sou contra isso (...) eu fumo..huh...heroína</p> <p>esporadicamente....mas nunca mais piquei! Eu piquei até uma longa data...prai até há um ano, um ano atrás (...) E tou aqui, não me sinto mal, deixei de fumar à quatro meses, cigarros, não fumo cigarros", António Negrão</p>	<p>resultou em conflitos familiares, que culminaram na rutura familiar. António perdeu a mulher e os seus filhos, que se encontram a viver com a mãe em Lisboa, enquanto ele encontra-se a viver no Algarve, sem entretanto constituir família. O que mais deseja é voltar para junto dos seus filhos.</p>
--	---	--

## Entrevistas semidiretivas a membros da sociedade civil

Francisco	<p>Tiago: Boa tarde...Francisco: Olá meu menino. Tiago: Olá...eu sou o Tiago, sou aluno de educação social, estou a tirar o mestrado em educação social e gostava que o senhor participasse na minha investigação...Como é que se chama?</p> <p>Francisco: Francisco, mas tratam-me por Ti Chico. Tiago: Okay...senhor Francisco. Senhor Francisco eu estou a fazer uma investigação sobre os arrumadores de carros e gostava que o senhor me respondesse a umas perguntinhas coisa pequena...Francisco: Okay, okay...Tiago: Senhor Francisco, qual é a ideia que tem dos arrumadores de carros, o que é que pensa sobre eles?</p> <p>Francisco: Olha isso é...muito triste é uma vida de nada e para ninguém, não há dignidade e tu mereces mais do que isso...Tiago: Não! Não pretendo exercer a profissão...apenas estou a fazer uma investigação sobre estas pessoas, quero conhecê-las melhor e já agora, quero saber o que é que as pessoas, como o senhor, pensam sobre eles. Francisco: Tou a ver...mesmo assim...Olha conheço uns quantos, um deles até costuma vir aqui ao clube...Tiago:...e como é que é a sua relação com eles? Francisco: Nem é boa, nem é má mas se os puder evitar, evito, mas daqueles que conheço...não...não...não tenho razões de queixa...Tiago: Tem alguma relação próxima com algum deles? Francisco: Nem por isso....mas conheço um sujeito que morava ali em cima...só que agora anda a viver numa fábrica....Tiago: Hmm, hmm..tou a ver...Francisco:....andava lá num descampado...ao...ali ao pé da cruz vermelha, só que depois....ele morava com mais um....só tinham um colchão onde dormir, depois quando foram pá fábrica....Tiago:....e onde fica essa fábrica? Sabe-me dizer? Francisco:...olha é uma fábrica abandonada, tá tudo partido, tudo a cair...sem condições nenhuma...fica no Chalé das Canas...é uma fábrica amarela, dá pra ver bem.</p> <p>Tiago: Estou a ver....Francisco:...por isso a ideia que tenho deles é muito triste...muito triste...muito triste....aquilo não é nada, não é vida pra ninguém é uma miséria...Tiago: Prontos...senhor Francisco, penso que tá tudo...muito obrigado por aceitar participar...Francisco: De nada, de nada. Tiago:...obrigado mais uma vez.</p>
Adelino	<p>Tiago: Olá, eu sou o Tiago....Adelino: Olá Tiago, o meu nome é Adelino...Tiago: Prazer, sou estudante na universidade do Algarve, no mestrado em educação social e tinha umas questões para lhe fazer, pode ser? É coisa</p>

rápida. Adelino: Claro, Tiago, diga lá...Tiago: Obrigado desde já em participar na minha investigação, que se foca na figura dos arrumadores de carros. Adelino: De nada, de nada Tiago. Tiago: Diga-me lá então, senhor Adelino, qual é a ideia que tem dos arrumadores de carros? O que é que pensa sobre eles? Adelino: O que é que eu penso dos arrumadores de carros? Tiago: Sim...exato. Adelino:...penso que é o melhor trabalho que há! Não pagam impostos, entram e saem quando querem, trabalham quando querem...fazem o trabalho deles....e vão-se embora, por isso...não é assim muito mau. (risos). O que tem de pior é que muitos deles...vivem mal e passam por necessidades...Tiago: Como é que é a sua relação com eles? E a deles consigo? Adelino: É boa...não tenho razões pra me queixar....e...e...depois é como tudo né? Há bons e maus arrumadores. Há aqueles que tu vês que tão a ressacar e se não dás o dinheiro fazem-te mal ao carro e então, pra evitar às vezes dou uma moedinha...E depois há outros simpáticos, cultos e que sabes que podes confiar, dá pra ver logo pela caro e pelo estado deles...Tiago: Tem alguma relação próxima com algum deles? Adelino: Tenho e conheço bem alguns. Tenho um que é meu amigo, ele trabalha em Albufeira. Faz por noite cem euros a levar o lixo da baixa de Albufeira, de dia arruma carros, até tem um empregado...tem três cães e são os restaurantes, que lhe guardam...sem...sempre os restos pros cães..esse já não gasta em ração e depois vêm os camones, veem os cães e dão-lhe dinheiro para o granulado....vinte...trinta...só que ele não os gasta, guarda tudo pra ele, pra merda, drogas e assim...Esse já o conheço há uma remessa de anos. Depois há outros...ainda no outro dia, quando fui ao médico com o meu Martim, estacionei o carro à frente do hospital e haviam dois arrumadores....um em cima...outro em baixo...e dividiam o parque em dois. Tiago: Pois...pois...eles organizam-se assim...já falei com eles e já me explicaram como se organizam por parque...Adelino:... eu estacionei na parte de cima e reparei que um deles, por uma mulher...não...n...não...não ter dado dinheiro, um começa a bater à chapada no capô do carro...Se o carro fosse meu...quem lhe ia ao focinho era eu! Por isso...é como tudo....há bons e maus arrumadores de carros...em Loulé...eu sou de Loulé, estou lá a viver...há poucos...mas também há...andam pela praça e ao pé do hospital antigo, todos os dias da semana....umas vezes mais durante a semana...umas vezes mais aos fins-de-

	<p>semana, depende...Mas é a melhor profissão...como te disse (risos) hehehe! Ganha-se bem, não se pode é esbanjar...Tiago: Okay...okay...bom...creio que tá tudo senhor Adelino...Muito obrig...Adelino: De nada, de nada...até é bom para falar de outros assuntos hehe...Tiago: Exacto, exacto (risos). Muito obrigado pela sua colaboração senhor Adelino.</p>
<p>Andreia</p>	<p>Tiago: Olá, chamo-me Tiago...antes de mais boa tarde...S...Andreia: Olá, o meu nome é Andreia...boa tarde. Tiago: Boa tarde senhora Andreia, eu sou aluno da universidade do Algarve e encontro-me a fazer a dissertação para a obtenção do grau de mestre em Educação Social e gostava que a senhora participasse na minha investigação...Andreia:...Estou a ver...estou a ver...Tiago:...ficaria muito agradecido se participasse Andreia! Andreia: Okay... okay...de que se trata? Tiago: A minha investigação incide sobre os arrumadores de carros na cidade de Faro...já...já..ent...já entrevistei os arrumadores e agora quero integrar outras pessoas no estudo...para complementar e comparar os resultados e chegar a conclusões. Quero também incluir uma pessoa da câmara e uma da PSP...Andreia: Estou a ver...parece interessante...vamos lá então...Tiago: Obrigado senhora Andreia por aceitar o meu convite para participar...Andreia:...de nada...de nada...no que puder ajudar...Tiago: Muito obrigado! Então Andreia, qual é a sua opinião sobre os arrumadores de carros? Andreia:...a minha opinião so...sobre os arrumadores de carros é que há uns bons e outros maus...não são más pessoas, mas é como tudo, tens bons e maus arrumadores...isto...ist...isto enquanto pessoas né? Tiago: Exato...exato...Andreia:...não são más pessoas...mas muitos encostam-se e não querem fazer nada...e há outros que sei que estão...que tão...a...a...a arrumar carros, porque é a única solução que têm...queixam-se...que não arranjam emprego....Tiago:...pois...grande parte, se não mesmo a maioria as pessoas...que eu...entrevistei...diz que só tá a arrumar carros, porque não arranjam trabalho e para não roubar...Andreia:...exatamente...cada caso é um caso não é...Tiago: Diga-me lã então Andreia, como é que é a sua relação com os arrumadores de carros e a deles consigo? Andreia: Até hoje...nunca tive problemas com eles, nem eles comigo...dou-me bem com toda a gente...sei que essas pessoas passam por necessidades, passam muito mal...muito mal...já assisti foi a episódios em que...nos quais...imagine...se a pessoa não der uma moeda...eles ameaçam a</p>

	<p>         pessoa ou fazem mal aos carros....mas...ma...mas...esses normalmente são os ressecados....os que fazem aquilo para comprar droga...e então não têm controlo...e os outros é que pagam! Tiago:...ok...ok...hmm...hmm...Pois...das pessoas que entrevistei, muitos já tinham sido toxicod dependentes e havia apenas um...que...qu...que...que ainda recorria a metadona....mas esse senhor tinha ajuda do GATO e pretendia ficar completamente livre do vício....de resto...quer pelo que me disseram...quer também pela a aparência deles....não pareciam ressecados, <span style="float: right;">nem</span>          descontrolados...perfeitamente...normais....Andreia:...Pois....vá lá...vá lá vá lá...é que eles são mal vistos por isso....quase toda a gente os toma por drogados, uns coitadinhos que andam para aí...Tiago:...pois Andreia...esse é um dos objetivos desta investigação mesmo! Desmistificar preconceitos e estereótipos...é uma das conclusões que pretendo chegar...pois quase toda a gente...tende...a generalizar os arrumadores de carros...e não corresponde à verdade...Andreia: Acho muito bem, fazes muito bem em tentar ajudar e sensibilizar para estas questões...acho que era justo que eles tivessem a sua verdadeira imagem bem vista pela sociedade né? A maior parte da gente...tem uma ideia errada...acho que também é também por ouvirem os outros a falar...sinceramente...Tiago: Bom...senhora Andreia...penso que seja tudo...já me forneceu aqui informação importante para juntar e analisar à restante informação que já possuo...e mais uma vez, um grande obrigado por ter aceito participar nesta investigação! Andreia:...de nada Tiago...de nada e boa sorte e boa continuação....espero que tenhas um bom trabalho.       </p>
--	---

#### Entrevista realizada aos serviços de ação social da Câmara Municipal de Faro

<p>Vanda Balaia</p>	<p>         Vânia:...então pronto é assim...em termos da...das autarquias e do departamento daqui da...da ação social onde são tratadas todas essas...estas...questões, porque se formos tipificar as situações, os arrumadores por norma, enquadram-se em situações de pessoas em que...huh...vivem e têm bastantes carências que lhes são identificadas e muitos deles, recorrem ao apoio da autarquia. Seja em termos de apoio...apoio de alojamento, seja de alimentação, seja de encaminhamento para outras instituições, para terem outro tipo de apoio...vestuário e mesmo em termos de direitos de cidadania, há articulação com a segurança social. Tiago: hm...hm...Vânia:...portanto       </p>
---------------------	--

a maior parte deles vêm aqui ao atendimento. Nós aqui na Autarquia...huh...temos um técnico todos os dias cá de plantão que faz os atendimentos quando as pessoas chegam. No entanto existe um grupo que se chama NPISA, que é o núcleo de planeamento e intervenção dos sem-abrigo, que em Faro, já está instituído e é um grupo formal, existe um protocolo com dezoito entidades do concelho entre as quais também faz parte a...a...a PSP, portanto...tínhamos falado há pouco o MAPS, o GATO...Tiago:...o GATO, sim...Vânia:...entre aa...as paróquias...entre o...o SEF, entre a Cruz Vermelha Portuguesa...portanto é constituído por dezoito entidades, depois posso também...posso...dar mais ao pormenor quais é que são as entidades que constituem este grupo de trabalho. Este grupo de trabalho é...é...é constituído e foi por uma diretriz a nível nacional da estratégia nacional do ISE...do...do instituto de segurança social...uma política...adotada...adotada pelo governo, tem-se vindo a manter e passou de um governo para o outro e que atualmente as indicações que temos é que a estratégia a nível nacional nas questões do sem-abrigo vai se manter. Outra situação importante...huh...o grupo de trabalho...huh...trabalha situações quando nós falamos na questão do sem-abrigo...não é o conceito sem-abrigo...que nós aqui em Faro, não temos tanto...que mora na rua...huh...que tem o papel, que tem o cobertor e está a céu aberto...na rua...de facto temos uma ou duas situações crónicas, a maior parte são pessoas que vivem em casas abandonadas e o conceito de sem-abrigo que é adotado pelo estratégia e uniformizado para todas as pessoas..huh...ficam em situação de sem-abrigo as pessoas que vivam em casas devolutas, abandonadas, sem condições e mesmo aqueles que estão nos centros de alojamento temporários. Portanto é assim, na minha...na...na...na base de dados do grupo de trabalho tenho por volta de...noventa pessoas identificadas como sem-abrigo e é...é óbvio que nós não vemos noventa pessoas a dormir na rua...Tiago:...sim...Vânia: Portanto...o conceito aqui do sem-abrigo é importante. Na base de dados uma grande dos sem-abrigos identificados, de facto têm como...como...como dinâmica e um dos meios de subsistência o facto de...de arrumarem carros...Tiago: hmm..hm...Vânia:...huh...isto em termos da política e daquilo que tá definido...Depois o grupo reúne...reúne...uma vez por mês, em que são apresentados os casos e cada caso é um caso e é definida uma estratégia de intervenção, com cada um dos parceiros que melhor se adequam à situação, para aquela necessidade que é identificada naquela pessoa. Alguns estudos que já foram

feitos e último já tem mais quase de quinze anos, em termos de cidade de Faro...de facto...huh...Em termos de arrumadores...são maioritariamente do sexo masculino, portanto há...há...poucas mulheres...a idade na altura teria a haver mais dentro dos vinte e cinco, trinta, trinta e cinco anos...agora em termos etários, não sei se também se mantém ou não a...a...a situação aaaaah...e em rel...outra questão importante que nós temos na cidade de Faro e eu penso que isso eu referi, enviei não sei quando...enviei o email, porque a autarquia de Faro aprovou mesmo o regulamento pó licenciamento...Tiago: Sim...Vânia:...pá emissão do cartão em termos de...de arrumadores...Pa licenciar, o que é que acontece? Os requisitos que são solicitados, para requerer esse cartão...aa...a...maior parte, quem vem ao serviços pa pedir, não...não...cumpre os requisitos. Tiago: Hmm...hm...Vânia:...porque huh...uma...uma...das partes também tem a haver com o registo criminal. Não podem ter nada registado e a maior parte deles tem, nem que seja pequenos furtos, pequenos delitos, então ficam logo impossibilitados de tirar. Huh...segundo a minha informação. Isso também não...não...tá atualizada...já foi há algum tempo...havia a emissão de cinco...arrumadores que estariam licenciados na...na cidade Tiago:...Hum...da polícia disseram-me que no ano passado...até dezembro do ano passado licenciaram sete. Vânia:...os que estavam desde o início quando o regulamento tava em vigor? Tiago: Huh...provável...Vânia:...deve ter sido...sim, pronto...que o número que tinha era de cinco, portanto havendo essa atualização...haamm...pois acredito que sejam sete. Quando nós ao passar pela cidade e nos pontos que efetivamente há arrumadores, não é? Vemos que há muitos mais, portanto a maior parte...a maior parte não tem licenciamento e também porque muitos tentam...huh...tirar o cartão e depois também não conseguem, porque não conseguem cumprir ali com...com...aqueles...requisitos...(Pausa). Agora a situação do Galinha que é a alcunha e da...po relato da história de vida...eu conheço aqui, porque vivo aqui em frente e por outros problemas com os colegas de habitação social, não tanto na situação do grupo de trabalho dos sem-abrigo, porque ele acaba por ter o apoio da família. muitas das vezes não dorme em casa e dorme na...nas escadas do prédio...mas...hmm...pessoalmente e...ter acompanhamento dele conheço, mas em termos de processo não. Os outros, portanto...não sei se os oito...as oito pessoas que foram identificadas e a quem foi aplicado, pois não faço ideia...só vendo na base de dados, se conheço ou não. Em matéria de pessoas que conhecem

esta atividade e que lidam mais com...diretamente com eles na rua são as entidades que têm as equipas de rua...que é o movimento de apoio à problemática da sida, que é o MAPS e o Gabinete de Apoio a Toxicodependentes, que é o GATO...Tiago: hmm...hm...Vanda: São as duas entidades em Faro, que...que podem também de alguma forma contribuir e...e dar mais informação sobre...sobre a situação dos arrumadores...na cidade...em Faro...Tiago: Hm...Vanda: Mais alguma questão que...? Tiago: Pois...em relação à parte da licença, eles são obrigados...quem tá licenciado...a usar um crachá...Vanda:...e eles também não...Tiago:...e...das oito pessoas, só uma tava licenciado e esse rapaz também não tava...Vanda:...identificado Tiago:...não estava e tem de estar. Vanda:...pois. Tiago: Humm...só tinha mais uma questão huh...costumam vir aqui? A pedir apoios sociais? Questionar-se? Perguntar coisas? Porquê? Eu tou a perguntar isto, porque eu também lhes perguntei...Vanda:...se eles concorriam aos serviços...Tiago:...sim...Vanda:...em termos de apoio...Tiago:...e se havia...e se tinham ajudas e apoios sociais...Vanda: E o que é que eles disseram a maior parte? Tiago: Um prontos...a minoria disse que tem o MAPS...um...que tá a contar com a ajuda do MAPS...hummm...e o outro o GATO Vanda: hmm...hm...Tiago:...e...o...o resto...família e a maior parte que não tem apoios de lado nenhum...não recebe RSI...também não cump...não...já tive a ver os requisitos para o RSI e eles também dizem que dá muito trabalho, que é muito burocrático...Vanda: (Tosse) E não é só a burocracia de pedir...a maior parte da entrada do requerimento para o rendimento social de inserção. Tiago: Hmm...Hm...Vanda:..o que é que acontece? No rendimento social de inserção é feito um acordo, que é assinado entre as partes e esse acordo implica que sejam agendados atendimentos periódicos. Portanto se uma pessoa, por algum motivo faltar a um dos atendimentos, tem logo uma penalização. O que acontece é que muitos deles não têm morada fixa em termos de correspondência, acabam também por não receber as convocações e faltam e ficam logo penalizados. Tiago: hmm...hmm...Vanda: portanto muitos deles dizem que não têm ou....que não podem, mas...porque efetivamente depois não conseguem cumprir, com aquilo que é o rendimento social de inserção e a vinculação que aquilo traz...a vida deles acaba por não se coordenar com essa situação e acabam por não ter...Quanto à questão de...de...dos serviços, na minha experiência que já é de algum tempo ainda mais com esta questão do grupo de trabalho da...da...já sou

coordenadora há bastantes anos e o que é que acontece: todos eles sabem muito bem os serviços que têm ao dispor, e a quem é que podem ou não recorrer. Quando não recorrem é mesmo por opção deles...Tiago:...não querem...Vanda: Não querem, porque se calhar também sabem que ao tarem a recorrer também no...no...serviço e a...a...huh...aos apoios, também lhes é sempre solicitada alguma coisa entre-aspas, não é? Nem que seja, porque há o tratamento da...ou da dependência de determinadas por fazerem, que nós acabamos também por encaminhar, muitos deles não querem. Portanto eles têm todos conhecimento do que têm a dispor na cidade, onde é que se podem dirigir ou não para pedir esse apoio...isso é divulgado...e...e eles sabem. Ainda mais, quando há as equipas de rua, que contactam diretamente com eles...Tiago:...com eles...sim...Vanda:...sim...Tiago:...pois, disseram...lá está, disseram que, "ninguém quer saber da gente..." Vanda:...sim...é o normal...Tiago...davam licenças aos ciganos, por exemplo além (atrás do hospital) e os outros não tinham, está a perceber? Daí...ter surgido esta...esta questão. Hh...outra coisa que eu lhe queria perguntar...humm...e a relação com eles? Como é que eles se relacionam? Com os técnicos que costumam ir ao local. Vanda: hmm...É assim da experiência que... da experiência que tenho aaa...a relação acaba por correr bem, porque ou uma pessoa identifica-se, diz qual é o serviço...portanto nunca tive assim nenhum episódio...menos...agradável...um ou outro, mas também...tantas intervenções mesmo ou no contacto direto com as pessoas...também não há...também não há essa questão por norma...o trato acaba por ser fácil e as coisas acabam por...acabam por fluir...não...não há tanto essa...questão. Desde que não seja como intervenção, ou com a PSP ou com qualquer outra enti...entidade que seja para os tirar do local a coisa corre bem. Também já tive uma ou outra situação, em que há a ocupação do espaço na via pública em que os munícipes sinalizam a situação à autarquia e acabo por ter que ir ao local, pra pedir pa eles abandonarem, depois a coisa aí também já corre menos bem. Tiago: Hmmm... Vanda: (risos) Há de todas as situações, mas de uma forma geral não...não é complicado. Tiago: Tudo bem. Prontos...já...já me deu aqui informação essencial... Vanda:...era? (Risos)...pronto. Tiago: Porque contradiz alguns dados empíricos que eu já tenho e isso vai ser interessante chegar a uma...a algumas conclusões...caso for necessário...dona Vanda ou Doutora Vanda, como...? Vanda: Vanda é Vanda. Tiago:

	Vanda...Vanda:...sim, se for necessário voltamos a falar. Tiago: Ligo para este número que tenho aqui, correto?
--	---

### Entrevista realizada à Polícia de Segurança Pública de Faro

Subchefe do departamento da PSP de Faro, Leonor	<p>Para a polícia de segurança pública, os arrumadores de carros são pessoas que não procuram ajuda. Encontram-se conformados com a sua situação. Ao contrário do que se esperava existem mais arrumadores licenciados do que não-licenciados, contudo, abstêm-se de usar o crachá de identificação cujo uso é obrigado aquando o ato da arrumação de carros. Mencionam ainda o caso de um arrumador de carros, que constituiu família e deixou de arrumar carros, apenas se sabe que deixou a profissão para constituir família. Era um arrumador exemplar ao ponto de receber um salário mensal, por parte dos donos dos automóveis que tinham confiança suficiente para lhe fornecer as chaves das viaturas. No que diz respeito às relações com os arrumadores de carros menciona que são boas, sabem que os mesmos costumam arrumar no horário e nos sítios que não devem, sabendo do risco de serem multados e de lhes ser tirado o dinheiro, o que confirma as afirmações de alguns arrumadores de carros entrevistados. Foi-me dito que todos os anos são licenciados novos arrumadores.</p> <p>Até Dezembro de 2015 foram registados sete novos arrumadores de carros, portadores de licenças para conseguirem exercer a profissão, nas zonas de São Pedro e da Sé. O aspeto físico também é mencionado como o fator a ter em conta, que acaba por reproduzir os estereótipos da sociedade civil. No que diz respeito às multas, elas são da responsabilidade da câmara. Para esta informação colaboraram membros que costumam fazer patrulhas e interagem diariamente com os arrumadores de carros, mencionam que raramente têm problemas com eles e quando estão a cometer situações ilícitas agem como devem de agir, referindo ainda que os arrumadores de carros, "só reconhecem direitos e esquecem os deveres".</p>
---	---

	<p>Mencionaram a situação da EVA, na qual alguns arrumadores "abusavam" dos clientes ao pedires dinheiro em elevadas quantias, o que fez com que a polícia tomasse medidas e fosse posto um agente a patrulhar aquela zona, para fazer o controlo e evitar futuras situações idênticas. Dizem que alguns arrumadores de carros não querem ajuda, já receberam apoios sociais e que as exigências da segurança social acaba por os desmotivar a requerer apoios sociais, como é o caso do rendimento social de inserção. Para a polícia a pobreza e a exclusão que alguns deles passam, são mantidas pelos mesmos, pelo comportamento conformista dos mesmos. Referem ainda que estão nesta situação, porque querem, porque é mais fácil. Os conflitos com os arrumadores de carros são pouco frequentes, quando veem um carro da patrulha "não mandam estacionar" nem "pedem moeda". Trabalham em ação coordenada com a câmara para regularizar as situações ilícitas ou ilegais dos arrumadores de carros. Já se encontram a preparar para o verão, altura em que o número de turistas aumenta drasticamente e não vão tolerar situações exploratórias e ilícitas.</p>
--	---